Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 56.º/19 111 4$00

SÁBADO 24 JULHO 1976

Ministro Diallo Telli detido em Conakry

. ABIDJÃ, 24 (R) — O ministro guinéu da Justiça, Diallo Telli, antigo secretário-geral da Organização de Unidade Africana (OUA), foi preso em ligação com uma conjura para assassinar o presidente Sekou Touré — revelou Rádio Conakry, captada em Abidjã.

Segundo a rádio, o presidente anunciara também a prisão de cinco outros altos funcionários guinéus, entre eles um antigo embaixador na Argélia, o professor Sekou Toulo, a seguir a investigações sobre uma conspiração descoberta em 13 de Maio.

Sekou Touré discursava numa sessão do gabinete no Palácio do Povo, em Conakry.

Telli foi secretário-geral da OUA até 1972, quando foi nomeado ministro das Pesquisas Científicas. Mais tarde, passou a sobraçar a pasta da Justiça.

O presidente Touré revelou, em Junho, que um rapaz de 14 anos, tentara matá-lo em Conakry, no dia 13 de Maio, mas forneceu poucos detalhes acerca do atentado e a identidade dos conspiradores não foi divulgada.

Telli, de 51 anos, foi o primeiro representante da Guiné nas Nações Unidas, após o seu país se separar da União Francesa em 1958.

Tornou-se secretário-geral da OUA em Julho de 1964, catorze meses depois da organização ser criada por países africanos independentes.

COSTA GOMES AO "DL"

"Os partidos não tiveram a preocupação de auxiliar o Programa do M.F.A."



No momento em que se retira da vida política, após 21 meses na Presidência da República, o general Costa Gomes analisa para o «D.L.» os acontecimentos mais marcantes do período em que foi o mais alto responsável pelos destinos do País, e vai mais longe: o agonizar do salazarismo, as tendências frustradas do marcelismo para estruturar uma «evolução na continuidade», e outros pontos quentes da nossa História recente são abordados neste encontro com o nosso camarada Luís de Sttau Monteiro.

Saindo da cadeira da Presidência, Costa Gomes não vai para uma cadeira de repouso: ele próprio nos diz que a melhor missão em que a partir de agora pode pôr em prática os conhecimentos adquiridos ao longo do processo será a de conselheiro da reestruturação das Forças Armadas. Na primeira parte da entrevista que nos concedeu, o general aborda este tema: as Forças Armadas portuguesas foram treinadas para um tipo de guerra «subversiva», e agora, há que reconvertê-las. Um cuidado da parte de Costa Gomes: o termo «subversiva» é técnico e nada tem de pejorativo para com os povos das ex-colónias que de arma na mão lutaram pela sua independência.

Do conhecimento que de perto teve com personalidades do antigo regime, e do post-25 de Abril, ressaltam algumas declarações que certamente ajudaram os historiadores a melhor registo sobre a vida política e militar portuguesa nas últimas décadas. Por exemplo: «Em meu entender nem as associações nem os partidos tiveram qualquer preocupação de auxiliar o programa do M. F. A.».

E esses oficiais do 25 de Abril, «muito generosos mas um pouco ingénuos», não foram ajudados.

Devido à extensão da entrevista com o general Costa Gomes, será esta publicada hoje e na segunda-feira.

Páginas centrais

PÃO GRATUITO FOI ADIADO

Pág. 9



HOJE 32 PÁGINAS INCLUINDO O SUPLEMENTO FIM-DE-SEMANA



Empossado Governo P.S.

A cerimónia importante mas simples do acto de posse do novo Governo, realizada ontem ao fim da tarde em Belém, assinala a concretização da normalidade democrática assegurada pela Constituição após um longo intervalo de 50 anos, em que o Povo Português, marginalizado, foi reduzido à condição de simples máquina de produzir ou de fazer a guerra, para benefício de uma minoria.

Pondo em prática os princípios consignados na Constituição, o Presidente Ramalho Eanes investiu em funções um Governo socialista, chefiado pelo dr. Mário Soares, que assim consumou a sua decisão de formar um Governo minoritário para o qual no entanto procurou «um consenso muito mais amplo», que transcendesse as fronteiras do seu partido.

Em termos concretos diremos que Portugal tem, a pattir de ontem, um Governo socialista. A sua força e estabilidade dependerão das classes traba-

Continua na pág. 5

Próximo regresso dos militares detidos em Timor

Vinte e três prisioneiros de guerra e setecentos refugiados portugueses partirão de Bali (Indonésia) para Portugal, na próxima quinta-feira, num «Boeing 707», especialmente fretado, soube-se hoje oficialmente em Jacarta.

Entretanto, partiu de Lisboa, num avião de carreira comercial com destino ao Extremo Oriente, o general Morais da Silva, chefe do Estado-Maior da Força Aérea.

Segundo informações colhidas pela ANOP, o general Morais da Silva ultimará com as autoridades indonésias os contactos com vista ao regresso dos referidos 23 militares portugueses detidos em Timor-Leste. Caso haja dificuldades com o «Boeing» acima mencionado, um aparelho da Força Aérea Portuguesa, que esta madrugada largou do Aeródromo 1 (Sacavém), trará para Lisboa os nossos compatriotas.

Nacional

Política de A a Z

UM DISCURSO

«A construção da democracia é difícil» — disse o Presidente da República. Dessa dificuldade nem todos os Portugueses estarão conscientes. O meio século de apagada e vil tristeza, de opressão, de repressão e de silêncio, deixou marcas fundas e a jornada da libertação, esse glorioso e ridente «25 de Abril de 1974», teve tanto de festa popular, teve tanto de confraternização entre povo e povo-fardado, que deu a alguns, a muitos, a imagem mesma da facilidade. Mas o regime deposto tinha raízes. Os reaccionários de todos os matizes souberam organizar uma operação de recuperação, souberam criar uma máquina complexa de intoxicação da opinião pública e de combate à jovem Democracia. Na escolha dos métodos e das armas não tiveram hesitações: desde a intriga e a calúnia ao incêndio e à bomba.

O País confirmou ontem que o Presidente da República não esquece a necessidade de «assegurar o respeito pela legalidade e o eficaz funcionamento em tempo útil das instituições a quem cabe a investigação e julgamento do terrorismo, do crime e das práticas contrárias à convivência democrática». A Democracia não é neutra. A Democracia terá que defender-se. Estamos perante uma tarefa que não é fácil. Há que partir da solução dos problemas económico-sociais; há que tomar medidas rigorosas na gestão não só financeira como na gestão global do aparelho do Estado, mas há que não esquecer os problemas políticos. As próximas eleições para as autarquias locais poderão proporcionar uma nova oportunidade de mobilizar o povo para a defesa da Revolução. Porque é necessário não amortalhar a Revolução, é necessário continuá-la. Nesse sentido, e tenho em conta as metas políticas, económicas e sociais assinaladas na Constituição, o Presidente da República teve razão ao dizer: «A tomada de posse deste Governo é um novo passo histórico na construção da democracia em Portugal.»

Encerrado o ciclo dos «governos provisórios» entrou-se na fase constitucional. É preciso que a vida normal do Estado não seja corroída pela politiquice, pelo assalto dos «partidos» ao «Estado» pela conversão do «aparelho-do-Estado» numa «quinta partidária». Em suma, como disse, e bem, o general Ramalho Eanes: «Não se pode aceitar que alguém pretenda dividir portugueses em áreas de influência, como se quisessem criar Estados dentro do Estado.»

UM PAÍS

A «Constituição da República» deverá constituir para uma dilatada fase histórica — a da consolidação da Revolução antifascista, a da institucionalização da vida democrática, a da construção das bases de uma sociedade sem classes — o «programa comum» dos Portugueses que se batem por uma transformação e modernização da sociedade portuguesa e por uma afirmação da independência nacional sem prejuízo da cooperação, com os outros povos do Mundo, para a Paz. Mas a «Constituição da República» terá que ser lei geral do País e inspiração comum para os democratas empenhados nessa difícil tarefa que é a construção da Democracia. E é condição não só do cumprimento da lei constitucional como da sua defesa, que este Portugal seja «um só país». Teve razão o Presidente da República ao afirmar: «A legalidade democrática será igual para todos os portugueses, onde quer que vivam, quaisquer que sejam as filiações partidárias ou ideológicas.» Não teremos caciques regionais ou feudalidades reaccionárias a impor a «lei da selva», ou simulacros de «ordem fascista». Portugal, do Minho ao Algarve, continental e insular, viverá no respeito de uma legalidade democrática de que todos os portugueses beneficiarão independentemente das suas filiações partidárias ou ideológicas, será «um só país».

OUTRO DISCURSO

Com sorridente ironia, um jornal referiu-se à posse de Mário Soares, utilizando, em título, a seguinte frase: «Do M. U. D. Juvenil a São Bento». Mas, realmente, esse foi o itinerário do combatente antifascista que exerce a função de secretário-geral do Partido Socialista, e que, nessa qualidade, a de dirigente do partido mais votado nas «eleições legislativas» foi chamado a constituir o I Governo após uma longa e contraditória fase de provisoriedade governamental. Não quis Mário Soares, no discurso que proferiu na cerimónia de posse, deixar de acentuar que o seu Governo, sendo «um governo socialista», era, também, «um governo nacional». Trata-se, nesta definição, de uma garantia formal dada aos portugueses de que o «governo socialista», na execução de uma tarefa nacional, se pautará pelo respeito de todos, independentemente das conotações partidárias. E mais importante ainda é a posição clara assumida por Mário Soares: «O Governo a que tenho a honra de presidir considera que as grandes conquistas da Revolução são irreversíveis».

Está é a condição primeira para um diálogo franco e fecundo que venha desbloquear a vida política portuguesa. A defesa da democracia, a construção das bases da sociedade socialista, a irreversibilidade das conquistas da Revolução, passa por esse diálogo. A convergência antifascista terá que ser promovida. Essa convergência, na autonomia e na crítica desassombrada, é condição para podermos afirmar, daqui a meses, que as conquistas da Revolução são irreversíveis».

UM GOVERNO

No I Governo Constitucional regista-se a presença de nomes conhecidos pelo seu passado antifascista. É uma garantia, sem dúvida. E, sem dúvida, também, a presença no Governo de homens com uma passado de militância antifascista permite-nos uma exigência: eles têm que trabalhar para que este Governo não seja a última alternativa da jovem democracia portuguesa. Eles têm que trabalhar com todos os democratas, com todos os antifascistas, sem distinções partidárias ou ideológicas, segundo um severo critério de coesão antifascista e de coerência democrática para defender a transformação da sociedade portuguesa para a qual a Constituição aponta. O objectivo condiciona os meios. A meta almejada obriga na escolha dos aliados.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

E O C.D.S. NÃO PASSOU...

O «interesse serôdio» (expressão usada pelo PS António Arnaud) do CDS pelos emigrantes foi objecto de viva discussão numa sessão, ainda assim morna, da Assembleia da República — a sessão de ontem. O CDS não conseguiu que a sua proposta tendente à criação de uma comissão parlamentar de Emigração fosse para diante. As intenções do partido cujos deputados se sentam em S. Bento à direita de quem olha de frente mereciam fogoso reparo por parte do deputado socialista e do Norte Carlos Lage que disse palavras como pedras.

Entre elas as seguintes:

«A estratégia do CDS é efectivamente a de explorar o problema dos emigrantes, de explorar o problema dos retornados, de explorar o problema daquelas camadas da população que têm dificuldades. Sucede porém que só uma política progressista e socialista consegue resolver tais problemas.»

Concretamente quanto ao caso dos emigrantes e à iniciativa parlamentar do CDS, que «quer aqui armar em seu paladino», Carlos Lage considerou mais adiante que o partido citado «está a fazer uma mistificação histórica, social e política, porque ele é o representante das forças económicas que neste País sempre exploraram o povo e sempre impediram que tivesse aqui condições de viver».

Um certo sussurro ia acompanhando as palavras de Lage, directas e claras. Na bancada CDS sorrisos não chegavam para compor a máscara. Aplaudido do lado das bancadas PS e PC, o deputado socialista do Norte mereceria de Amaro da Costa o remoque: «O senhor deputado mostra-se muito bem acompanhado».

Foi o que aconteceu à proposta atrás referida, foi vã, ontem, segunda ofensiva CDS, esta no sentido da criação de uma comissão parlamentar de assuntos europeus. No debate então estabelecido, a marca de palavra mais vincada pertenceu ao PC Aboim Inglês que afirmou, nomeadamente: «A defesa da nossa independência nacional e a dos interesses do povo português não se compadecem com a pressa de atrelar Portugal ao carro da integração europeia onde domina o capital monopolista».

A. T.

CONSELHO DA REVOLUÇÃO

Reunião continua na segunda-feira

Ao princípio da noite de ontem o Conselho da Revolução emitiu um comunicado informando que a reunião interrompida em virtude da cerimónia da tomada de posse dos membros do I Governo Constitucional, prossegue na próxima segunda-feira com a mesma agenda de trabalhos.

À análise da situação político-militar era o ponto único da agenda de trabalho do C. R. que ontem esteve reunido no edifício de Estado-Maior das Forças Armadas, no Restelo.

Antes do início dos trabalhos, o capitão Sousa e Castro, porta-voz do C. R. esclareceu que seriam tratados pontos de menor importância, como, por exemplo, a nomeação dos membros da Comissão Constitucional, a nomeação do delegado do Conselho da Revolução para a RTP.

A situação do vice-almirante Leonel Cardoso, recentemente exonerado do seu cargo de vice-chefe do Estado-Maior da Armada mereceu do capitão Sousa e Castro a opinião de se tratar de um assunto interno da Marinha. Diria no entanto: «Há pessoas que põem a tónica no afastamento, mas eu poria na nomeação para novas funções. Aliás — esclareceu — o assunto é muito provável que seja debatido hoje no Conselho da Revolução».

C.R. SAÚDA PINHEIRO DE AZEVEDO

Pinheiro de Azevedo deixou ontem oficialmente de fazer parte do Conselho da Revolução a que pertencia, de acordo com a Constituição, pelo facto de exercer as funções de primeiro-ministro.



Ramalho Eanes presidindo aos trabalhos do Conselho da Revolução. Ao lado está Melo Antunes

Com a posse do novo Governo, findo o mandato de Pinheiro de Azevedo, o C. R. enviou uma mensagem ao almirante: «Ao cessar as altas funções de primeiro-ministro do VI Governo Provisório que V. Ex.ª assumiu em momento particularmente difícil da vida nacional, tendo em vista prosseguir o Programa do M. F. A. o Conselho da Revolução exprime a V. Ex.ª os sentimentos de maior respeito e admiração pela forma como V. Ex.ª desempenhou essas funções e formula votos de pronto e total restabelecimento.»

Entretanto, o almirante Pinheiro de Azevedo já teve alta da unidade de animação do serviço de anestesia «por não apresentar qualquer sinal de insuficiência respiratória», pelo que foi transferido para outro serviço do Hospital de S. João onde permanecerá «o tempo necessário para a completa convalescença dos seus incidentes cardíacos».

EXCLUSIVAMENTE C.R.

Dedicar-se-ão exclusivamente às funções de conselheiros da Revolução aqueles que acumulavam essas funções com cargos ministeriais. Estão neste caso, Almeida Costa, Vítor Crespo e Vítor Alves, respectivamente ministro da Administração Interna, da Cooperação e da Educação. Quanto ao major Melo Antunes, que foi ministro dos Negócios Estrangeiros, acumulará o cargo de presidente da Comissão Constitucional com as funções de conselheiro da Revolução.

CONGRESSO NO CINEMA ALVALADE

C.D.S. procura implantação operária

Abriu ontem, no cinema Alvalade, em Lisboa, o II Congresso do CDS, para rever o programa e os estatutos do partido, subordinado ao lema: «Pelo personalismo cristão: um compromisso popular e europeu».

A sessão inaugural foi aberta pelo eng. Amaro da Costa, vice-presidente do partido, que pronunciou um discurso de boas-vindas aos congressistas e aos convidados estrangeiros, os quais representavam apenas sete partidos democrata-cristãos da Europa Ocidental.

Depois de terem usado da palavra os convidados estrangeiros, o presidente do partido, Freitas do Amaral, apresentou as propostas de alteração dos Estatutos e de revisão do Programa e ainda, o relatório da Comissão Política. Segundo afirmou Freitas do Amaral, a revisão dos Estatutos pretende dar ao partido maior eficácia e, ao mesmo tempo, reforçar a democracia interna, e permitir que o CDS se torne num «partido de massas», com implantação operária, nos sindicatos, nas comissões de trabalhadores e em todas as organizações populares de base.

No que respeita à revisão do programa, ela foi justificada pela necessidade de adoptar o programa à actual situação política portuguesa. O relatório da Comissão Política é uma análise de 30 páginas sobre a maneira como o CDS viu e vê a evolução da situação política portuguesa nos últimos dois anos.

Os trabalhos do II Congresso do CDS prosseguem hoje, de manhã, com a discussão e a votação das propostas de alteração dos Estatutos e com a eleição da nova mesa do Congresso.

Esta tarde, depois de empossada a nova mesa começará a discussão do Relatório da Comissão Política.

Portugueses visitam a Albânia

Uma delegação de vinte e um portugueses seguiu agora para Tirana, para uma visita de duas semanas à Albânia, promovida pela Associação de Amizade Portugal-Albânia.

Com o mesmo objectivo e também promovida pela mesma Associação, seguem, no próximo mês de Agosto, para aquele país dos Balcãs mais duas delegações de portugueses.

post-scriptum

Sob o signo do anticomunismo

Foi sob o signo do anticomunismo que um assassino apátrida, Adolf Hitler de seu nome, mandou lançar fogo ao Reichstag para depois o atribuir aos comunistas. Foi sob o signo do anticomunismo que se arrasaram cidades inteiras e se exterminaram milhões de homens, mulheres, velhos e crianças. Foi sob o signo do anticomunismo, em campanhas de histerismo colectivo, que vimos invadidas as ruas e avenidas das nossas cidades e vilas pelas bandeiras nazis, alemãs, italianas, espanholas e japonesas (do Tojo), ao ombro dos legionários, ridículos e impantes. Foi sob o signo do anticomunismo que nos encheram os ouvidos de gritos estridentes dos centuriões da legião, de braço ao alto em saudação nazi, durante dezenas de anos. Foi sob o signo do anticomunismo que este povo foi amachucado, ofendido e humilhado... Mas, o nazismo acabou por ter de beijar as cinzas e o pó das estradas.

No entanto, os nossos pequenos hitlers, racistas-colonialistas, têm fraca memória e menor imaginação. E vão açulando os mastins...

F. Costa Miranda — COIMBRA

Costa Gomes reflectirá o amor (sem aspas)

Relativamente a um artigo intitulado «Presidência de alicerces», inserto na nossa edição de 13 do corrente, um leitor do «DL» enviou-nos a sua opinião (discordante), que seguidamente transcrevemos:

«Sou leitor do «DL» há cerca de 15 anos e, pela primeira vez, venho manifestar o meu desagrado em relação a uma passagem do artigo publicado em 13/7 e assinado por Nuno Bragança. Devo ainda esclarecer que, se o faço, é porque considero estar a ser quebrada, nesse artigo, toda a «linha de verdade» sempre seguida pelo jornal.

Mas vamos aos factos:

— o artigo em causa, intitula-se «Presidência de alicerces»

— o paragrafo em questão, diz «Não está longe a tarde em que, na varanda de Belém, Costa Gomes se viu vaiado por manifestantes gonçalvistas a quem tivera a audácia de falar em «amor».

Antes de mais, gostaria que o autor me informasse do rigor utilizado na caracterização dos manifestantes (porquê gonçalvistas?).

Em seguida e tanto quanto me lembro, aquilo que o general Costa Gomes disse na altura, pôde traduzir-se por um apelo à união das forças de esquerda, principalmente entre o PS e o PC.

Como consequência disso, o general Costa Gomes não foi vaiado; foi-lhe, isso sim, manifestado o desagrado e rejeição pela proposta formulada, sobretudo, porque a maioria dos manifestantes ali presentes não tinham esquecido (nem certamente nunca o esquecerão!) a vergonhosa campanha de descrédito desencadeada nacional e internacionalmente a partir de Junho/75 por alguns dirigentes do PS, contra os principais responsáveis de então pelo processo revolucionário português.

Quanto à alusão feita a «amor» (porquê entre aspas?), francamente não a entendemos. Quererá o autor do artigo explicar?

Em jeito de remate final, não posso deixar de me referir ao grau de justeza dos projectos de sociedade defendidos por aqueles dois partidos políticos, isto só para lembrar aquele douto autor de que a História se encarregará de demonstrar qual o mais correcto e racional, ou seja, qual deles, pela sua vivência prática, reflectirá o amor (sem aspas), a fraternidade e a justiça, contrariamente ao egoísmo, à competição e à exploração entre os homens».

José Augusto Simões — LISBOA

Que se passa com os exames de condução automóvel?

Porque sou sócio de um estabelecimento restaurante-cervejaria — tive necessidade de tirar a carta de condução para que depois pudesse comprar uma viatura para o meu serviço da casa.

Em Dezembro do ano findo fiz um «contrato» (5600$00) com uma escola de condução na capital.

Em aprendizagem conduzi em Janeiro, Fevereiro, Março e a 14 de Abril fui presente a exame.

Porque no exame se avaliam só as asneiras quem as não faz diariamente — sejam elas grandes ou pequenas, e não a correcta visão se o candidato sabe ou não, se está ou não está apto, o reprovar é coisa banal.

— Foi o que me aconteceu.

A 15 de Abril meti novos papéis (mais 750$00) para que pudesse fazer novo exame um mês depois, no máximo.

Porém, já passou o 15 de Maio, de Junho, de Julho e passará segundo me informaram o 15 de Agosto, isto é: quatro meses ou mais de inactividade.

Pergunto:

1) Se em três meses e meio de condução de dias alternados não consegui passar no exame, como é que conseguirei passar nesta segunda vez se há quase quatro meses que não conduzo?

2) Se é proibido conduzir sem carta a quem cabe a responsabilidade de se estar mais de oito meses sem a conseguir?

3) Será que uma ou duas lições que possa dar antes da hora do novo exame me garante o não esquecimento de tudo o que aprendi?

4) Quem me indemniza dos prejuízos — além das despesas já feitas — que já tive até a esta data por faltas que não são da minha responsabilidade?

A quem de direito (principalmente a Direcção-Geral de Viação e Trânsito) apelo para que casos desta natureza não se arrastem meses e meses em prejuízo de quem necessita de governar a vida.

Vítor Manuel de Sousa — LISBOA

BECO SEM SAÍDA NA IRLANDA DO NORTE

2. AS SOLUÇÕES EVENTUAIS

Allan Woodrow

BELFAST. — **Terroristas católicos disparavam. Terroristas protestantes disparavam. E o exército encontrava-se no meio. Ouviu-se um ruido seco. David escorregou lentamente para o chão. A espingarda caiu-lhe das mãos, a boca entreabriu-se-lhe. Tinha um buraco vermelho na testa. Não disse nada. Estava morto.**

Estas linhas são extraídas de um livro intitulado **«a Morte de um Soldado»**, recentemente publicado em Londres, livro que se destina, tal como outros da mesma colecção, a ensinar o inglês a adultos estrangeiros. O autor, que nunca visitou a Irlanda do Norte, descreve a situação de um modo simplista. David, o «bom soldado inglês», é mandado a Belfast onde é lapidado por crianças, atraído a uma emboscada por uma jovem, depois abatido por um paramilitar mascarado.

Os soldados britânicos são sempre jovens, simpáticos e inocentes, enquanto que a população inglesa, seja ela católica ou protestante, é apresentada como cínica, e brutal. Nunca se diz porque aquela guerra existe, o que significa «católico» e «protestante» ou qual é o papel do exército britânico.

Essa imagem dos «bons» e dos «maus» corresponde, em todo o caso, à ideia que o grande público inglês faz do conflito: **Que diabo têm os nossos rapazes a ver com a Irlanda?** São numerosos os que preconizam a retirada pura e simples das tropas britânicas do Ulster e deixar esses irlandeses loucos tratar dos seus problemas como quiserem.

Metido em considerações contraditórias — históricas, económicas, eleitorais — o Governo britânico prossegue, por sua vez, a política do mal menor, navegando entre a escalada para o engajamento irremediável e o total deixar correr. Por ocasião da sua visita relâmpago a Belfast, no dia 5 de Julho — a primeira que fez como Primeiro-Ministro, — James Callaghan recordou os pontos essenciais da sua política:

1) Não haverá desengajamento militar ou político britânico no Ulster;

2) Far-se-á um esforço financeiro particular para compensar as consequências da recessão.

3) Londres não fornecerá nenhuma solução política. Esta deve provir dos partidos políticos locais.

4) A administração directa de Westminster será mantida tanto tempo quanto for necessário.

Mas, três dias antes, ao comentar a decisão do Parlamento de prolongar por mais um ano a administração directa dessa província, Merlyn Rees, secretário de Estado para a Irlanda do Norte, fazia ouvir palavras um pouco diferentes quando declarava que ia prosseguir a política de «ulsterização» e que a política norte-irlandesa teria um papel maior na luta contra o terrorismo.

Com efeito há tempos que se nota uma tendência para substituir progressivamente as tropas britânicas — cujos efectivos não são mais do que de 14.500 homens, depois de terem largamente ultrapassado os 15.000 — pelas forças da Royal Ulster Constabulary (RUC), a polícia local. J.C. Hermon, deputado chefe e segundo comandante dessa força, confirmou-nos tal tendência.

É certo, reconhece, que neste momento fazemos tudo para aumentar os nossos efectivos; 3.000 até 1969, somos actualmente 5100, 370 dos quais, mulheres. Mas recusa ver aí um abandono por parte do Governo britânico. **A nossa tarefa é delicada, admite. Devemos realizar uma operação de segurança atendendo a que a comunidade decide livre e democraticamente o seu futuro.** Será possível, tendo em vista a má imagem de marca da RUC, sobretudo junto da comunidade católica, imagem essa que persiste mesmo após a supressão do execrado ramo dos «B Specials»? **Limitamo-nos estritamente à perseguição à criminalidade,** responde Hermon, **sem por isso recorrer a poderes especiais. Mostramos a maior severidade com toda e qualquer brutalidade da parte dos nossos homens, e tentamos aumentar a proporção de católicos nas nossas fileiras — actualmente são uns 10 por cento.**

A tese, em especial defendida por Rees, para justificar a sua política de ulsterização, segundo a qual a violência na Irlanda do Norte seria menos política do que criminosa, não resiste a um exame sério.

UMA GUERRA DE «JOVENS» E DE «TRABALHADORES»

Kevin Boyle acaba de efectuar um inquérito sociológico interessante sobre o terrorismo, a partir do caso de quatrocentos e sessenta e sete pessoas inculpadas, durante os primeiros seis meses de 1975. Pode fazê-lo porque ainda jovem advogado na Faculdade de Direito de Queen's em Belfast, especializou-se na defesa dos paramilitares, católicos e protestantes, acusados de assassinatos. E esteve presente ainda recentemente, perante o Tribunal internacional, em Estrasburgo no processo intentado pelo Governo do Eire contra o Governo britânico, acusado de ter torturado presos políticos irlandeses.

Continua na pág. 4

VENEZUELA COMBATE IMPERIALISMO NA INFORMAÇÃO

Enrique Monteverde

CARACAS (IPS) Terminada a primeira etapa do processo de satisfação de reivindicações básicas, desenvolvido pelo governo nacionalista e democrático de Carlos Andres Perez (nacionalização das indústrias de ferro e do petróleo, inserção no Pacto Andino, consolidação da OPEP, etc.), o governo venezuelano enfrentou decididamente nos últimos meses o problema da dependência informativa (e, por extensão, cultural).

O Estado venezuelano, independentemente da feição ideológica do seu governo, tem demasiadas razões para sentir, profundamente, o flagelo do monopólio informativo exercido pelos Estados Unidos da América, através duma complexa e vasta estrutura, que inclui desde as agências noticiosas transnacionais, que produzem mais de 85 por cento das notícias difundidas pela imprensa escrita, oral e televisiva do Ocidente, até ao controlo dos modernos meios técnicos de comunicação, para transmissões de rádio e de televisão.

Assim, para citar só um exemplo dos mais recentes e flagrantes, no decurso dos três últimos anos a Venezuela — por ser um país membro da OPEP — teve de desenvolver gigantescos esforços de política externa para evitar que a opinião pública mundial, e particularmente, a opinião dos países em desenvolvimento, aceitasse um sentimento de ódio contra as nações que foram apresentadas como responsáveis pela crise energética e pelo alto nível dos preços dos combustíveis.

A estratégia dos monopólios informativos para divulgar aquele sentimento foi muito clara e até «limpa», do ponto de vista da informação pura: não fizeram mais do que retransmitir a avalanche de denúncias e acusações nesse sentido formuladas pelos governos, entidades patronais e até centrais gremiais dos países desenvolvidos. Como uma esmagadora maioria dos «telex» transmitidos tinham origem, precisamente, nas metrópoles, formava-se a referida avalanche devido a uma simples progressão aritmética. Isto sem contar com o facto de que a pressão informativa tem efeitos multiplicadores, e aquelas posições somavam-se as dos países não desenvolvidos mas, também, não produtores de petróleo.

Assim aconteceu que, ao fim de poucos meses, os únicos países do Terceiro Mundo que tinham alcançado a almejada e tão reclamada reivindicação de melhores preços para as suas matérias-primas, apareceram, perante o mundo (e, o que é mais grave, perante o resto dos países pobres) como avarentos insaciáveis e novos «imperialistas», que edificavam a sua prosperidade à custa da ruína da economia mundial.

No caso da Venezuela a agressão não se ficou por aqui. Foi acompanhada por uma orquestrada campanha sobre as pequenas e novas nações centro-americanas e do Caribe, com o intuito de criar nestas a sensação da existência de um perigo iminente, que foi qualificado como «o grave perigo do imperialismo expansionista venezuelano».

Rapidamente, a Venezuela encontrou-se perante uma situação em que tinha de explicar, até ao cansaço e quase pedir desculpas por ter sido o único país latino-americano que tinha alcançado, parcialmente, um objectivo desejado por todos: a renegociação, em condições mais próximas da igualdade, da sua inserção nas estruturas económicas mundiais, projectadas e executadas pelas potências industrializadas.

Tal facto gerou inúmeros problemas, a maior parte dos quais roçaram as raias do ridículo e do irrisório. Por exemplo: ano passado, um alto funcionário do Tesouro norte-americano chegou ao cúmulo de declarar que os EUA seriam ultrapassados pela Venezuela, nos seus compromissos de ajuda e cooperação continental. «Já que na actualidade o único Estado supermilionário do continnte americano é a Venezuela — afirmou, com ocorrar, o funcionário dos EUA — é natural que seja ela a carregar, sobre os ombros, a pesada hipoteca de ajudar os países da América Latina a sair do subdesenvolvimento».

À luz destes eventos, é normal que o presidente Carlos Andres Perez tenha estudado o problema da dependência informativa dos países do Terceiro Mundo e que tenha apoiado, entusiasticamente, a Conferência Intergovernamental sobre Políticas de Comunicações, que se está a realizar actualmente na Costa Rica, sob os auspícios da UNESCO.

Perez enviou a S. José uma delegação do mais alto nível, encabeçada pelo seu ministro de Estado para a Informação, Guido Grooscors, com a missão expressa de fazer em termos claros e inequívocos, a denúncia do monopólio informativo. No seu discurso perante o fórum da UNESCO, Grooscors declarou: «... Não é segredo para ninguém que os países da América Latina e do Caribe têm dependido, em alto grau, das estruturas de comunicação e informação estabelecidas pelos países com maiores potencialidades económicas e políticas. Por isso, a identidade dos povos da região, as suas verdadeiras realidades institucionais, o seu dia-a-dia, como sociedades organizadas e em processo de desenvolvimento, não são objectivamente apresentadas aos olhos e aos ouvidos do mundo, devido às evidentes deficiências de comunicações e de informações. A estrutura tecnológica e ideológica do espectro noticioso mundial repousa na bem conhecida transnacionalidade da notícia: um pequeno número de agências domina, de forma evi-

Continua na pág. 4

Geral

Beco sem saída na Irlanda do Norte

Continuação da pág. 3

Primeiro, declarou-nos, a amostra prova-nos que a guerra na Irlanda do Norte é essencialmente feita pelos jovens — 63 por cento dos católicos e 42 por cento dos protestantes têm idades que vão dos dezassete aos vinte e um anos. Depois, os beligerantes pertencem em grande maioria à classe operária — só 7 por cento provêm de classes abastadas. Para mais, é de notar que 60 por cento dos protestantes e 51 por cento dos católicos serão empregados em tempo inteiro, por vezes num trabalho especializado, o que afasta a tese oficial segundo a qual todos os terroristas são guerrilheiros, ocupados em tempo inteiro, assim como a que pretende que o desaparecimento do desemprego resolveria miraculosamente todos os problemas.

Não é verdade dizer, conclui, que os terroristas são criminosos que se aproveitam do clima de agitação que reina, para se dedicarem a actividades ilegais, porque mais de metade dos acusados têm uma ficha judicial virgem e, entre os outros, raros estiveram presos.

Por seu lado, Willoughby Wilson, cirurgião no Royal Victoria Hospital, em Belfast, acrescenta que não conhece casos em que a análise de sangue feita dos terroristas revele uma percentagem anormal de álcool ou de drogas.

O ódio é a mais forte das drogas, nota, e tem interesse verificar que o número de depressões nervosas e de suicídios está em queda livre na província. Desceu de 5 por cento para 1 por cento nos últimos cinco anos. As verdadeiras motivações da violência sectária que destrói a nossa sociedade têm a sua origem na ideologia política.

O que falta não são os partidos políticos, num país cuja população não ultrapassa a da cidade francesa de Lyon. Partidos esses que, para mais, têm uma desagradável tendência para se cindir em múltiplas tendências engendradas por uma situação de complexidade bizantina.

A Ulster Unionist Party, que conseguira, graças a manobras eleitorais e ao apoio da maioria protestante, manter-se sozinha no poder durante uns cinquenta anos, cindiu-se agora em três partidos. Surgiram mais cinco desde 1970.

O VAZIO POLÍTICO

Perante o verdadeiro enxame de grupúsculos e o vazio político, um bom número dos movimentos do Ulster, seguem a escola do grande estratega Clausewitz, que definia a guerra como **a continuação da política por outros meios**, e prosseguem a sua luta política no terreno militar.

As organizações paramilitares mais conhecidas são, entre os católicos, o exército republicano irlandês (IRA), ala Partido Republicano Sinn Fein, e entre os protestantes, a Ulster Defense Association (UDA), ligada ao Vanguard Party, de Craig, e a Ulster Volunteer Force (UVF).

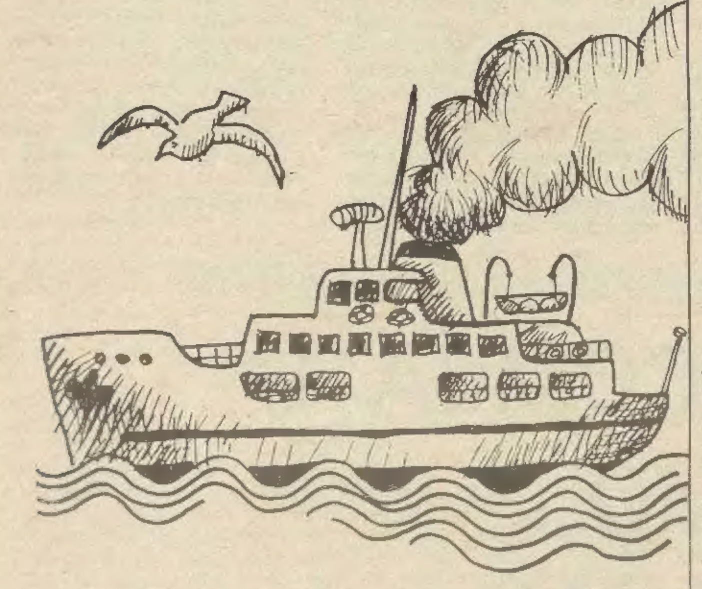
Persuadidos de que o poder está na ponta da espingarda e que a retirada ou o afastamento pela força das tropas britânicas do solo norte-irlandês é a condição **sine qua non** de toda a solução política do conflito, as organizações paramilitares instauraram um reino do terror — atentados à bomba, mortes, represálias contra os seus próprios membros — que constantemente se arrisca a degenerar num banho de sangue generalizado. Alguns pretendem mesmo que estão em curso conversas secretas entre os paramilitares dos dois lados, tendo em vista uma coligação táctica e uma ditadura militar dirigida contra a política de Londres e todos os compromissos políticos.

Enquanto se espera por esse «putch» hipotético de estilo latino-americano, quais são as soluções eventuais mais realistas para o drama norte-irlandês? A primeira resposta é que não há nenhuma saída lógica. Enquanto não houver concurso entre os habitantes da Irlanda do Norte, toda a solução política e democrática está excluída, por causa da desigualdade das forças em presença: uma maioria de protestantes que se recusa a encarar a reunificação de uma Irlanda em que seriam esmagados por uma maioria católica — como o disse sabiamente o cardeal Conway: **Só um louco preconizaria o bombardeamento de um milhão de protestantes, para os forçar a integrar-se contra vontade na República** — e uma minoria de católicos que estão decididos a participar no Governo do país mesmo à custa da própria vida.

Se não há solução imediata, quais são as hipóteses a longo termo? A mais razoável seria um Governo de coligação interconfessional que manteria elos com a Grã-Bretanha. É a posição oficial desta última, tal como, embora paradoxalmente, a da República do Eire. Uma segunda hipótese seria a manutenção da administração directa pela Grã-Bretanha, mas não é admitida como solução definitiva por Belfast nem por Londres.

Terceira hipótese: uma Irlanda do Norte independente. O obstáculo principal seria de ordem económica. Quarta hipótese: uma declaração de independência unilateral. Essa eventualidade, pouco provável, intensificaria, por um lado, a guerra com o exército britânico e, por outro, com as forças republicanas no Norte e no Sul. Uma Irlanda Federal com um regresso às quatro províncias históricas: Leinster, Munster e Connacht para a República, e o Ulster com um Governo autónomo. Essa solução não seria possível para os protestantes, a não ser que a República do Eire fosse reintegrada na Grã-Bretanha.

(C) Le Monde



Cruzeiro a Troia

Dias 25 de Julho
8 e 22 de Agosto
5 e 19 de Setembro

Uma iniciativa do GITUS
levada a efeito
numa das modernas embarcações
dos Caminhos de Ferro Portugueses

Preços adultos 150$00
crianças 70$00
Suplemento para almoço 50$00

Horário estação do Terreiro do Paço
embarque 08.00 horas
desembarque 20.30 horas

bilhetes à venda
nas estações de Lisboa
no GITUS
(telef. 53 98 71 - 36 25 01 - 68 11 78)
e no teu Sindicato

Caminhos de Ferro Portugueses

Venezuela combate imperialismo na Informação

Continuação da pág. 3

dente, todo o complexo mecanismo de transmissão, propagação e difusão das notícias do que acontece no mundo».

Formulado em tais termos e com a autoridade moral de um governo democrático, cujo escrupuloso respeito pela liberdade de expressão foi reiteradamente apontado como exemplo continental, o ponto de ruptura tornou-se imediatamente claro: o conhecido editor dominicano German Ornes (a quem o chanceler da Costa Rica, Gonzalo Facio, acaba de recordar que ele foi o testa de ferro de um diário de Leonidas Trujillo, e que se apropriou do mesmo, depois da morte do déspota), afirmou, em nome da SIP, que as afirmações de Carlos Andres Perez, sobre o problema da Imprensa, eram «falaciosas, perigosas, absurdas e nefastas».

Os dois canais privados da televisão venezuelana dedicaram também muito tempo de emissão a editoriais sobre aquilo a que chamaram (com grandes títulos) «a conspiração da UNESCO», e um deles (Canal 2, Rádio Caracas Televisão) afirmou que «mais responsáveis que os comunistas infiltrados na UNESCO eram os governos, que se prestavam a legitimar a paródia da Costa Rica».

Os principais diários de Caracas, ambos membros da SIP e, evidentemente, pertencentes a prósperas empresas privadas, tinham títulos no mesmo sentido, recolhendo grandes e presunçosos despachos das agências noticiosas, dando conta da reunião paralela da SIP, na Costa Rica, e do enorme caudal de objecções que se abateram sobre a conferência da UNESCO. Com mais ou menos palavras, a grande Imprensa privada local anunciou ao país que o seu presidente, Carlos Andres Perez, se tinha colocado na vanguarda de um movimento para abafar, definitivamente, a liberdade de Imprensa no continente.

A pressão é, sem dúvida, poderosa e de imprevisíveis consequências internas, para um dos poucos governos democráticos da América Latina como é a Venezuela.

No entanto, longe de se deixar intimidar, o presidente Perez «dobrou a aposta» e enviou ao chanceler Facio uma carta onde reitera que «se requer uma regulamentação internacional das comunicações, para assegurar o sagrado direito à informação».

«Os nossos povos» — disse com firmeza Carlos Andres Perez —, «vivem submetidos a uma incontrolada invasão da notícia, que inculca nas massas valores alheios os quais ameaçam a nossa própria identidade nacional», para afirmar mais adiante: «A Imprensa internacional só recolhe a informação que possa deteriorar a imagem dos nossos povos, e a grande Imprensa do mundo industrializado ignora os nossos esforços, as nossas lutas e as justas revindicações por um sistema de justiça internacional».

É sabido que o presidente venezuelano não é precisamente um homem bloqueado pela excessiva prudência, nem por um carácter pusilânime. Se o imperialismo informativo pretende a guerra, tê-la-á. Assim o deixou saber sem quaisquer rodeios, Andres Perez.

1001 VIAGENS "IT"
(Tarifas reduzidas de avião)
PEÇA A RESPECTIVA BROCHURA
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
Fundada em 1840
LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telefs. 2 70 11/2
FARO: Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 2 50 35/6

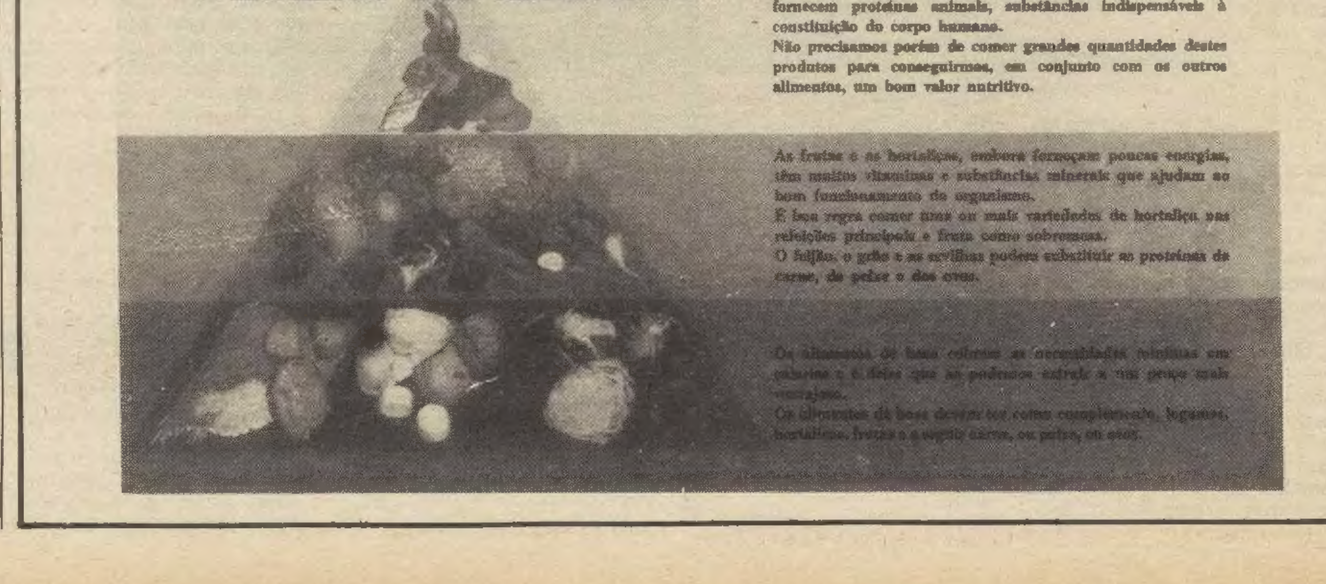
LAS PALMAS
AGORA VÔOS ESPECIAIS DIRECTOS TAP
1 SEMANA
PARTIDAS:
Julho 22 e 29
Agosto 5, 12, 19 e 26
Setembro 2
Preços excepcionais desde 4.440$
a vantagem dos voos especiais
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu
Fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS


SURDEZ
Recupere a Sua audição com os modernos e garantidos aparelhos auditivos MYKROSON. Um modelo para cada caso de surdez. Consulte-nos sem compromisso.
MICROSOM — Organização especializada em protese auditiva.
LISBOA: Av. Almirante Reis, 75-1.º Esq.
PORTO: Praça da Batalha, 3-4 — FARO: Rua Ivens, 24-26

AMORTECEDORES
Reparo e Reconstruo todas as marcas, com garantia
MENDES Tel. 76 84 23
R. Capitão Ramires, 2-A
(Ao Campo Pequeno)
REPRESENTANTE dos amortecedores «J. M.»
FILIAL
Av. Gomes Pereira, 61-B
(A Benfica)

Pirâmide dos alimentos

A carne, o peixe, os ovos e o azeite são muito importantes pois fornecem proteínas animais, substâncias indispensáveis à constituição do corpo humano.
Não precisamos porém de comer grandes quantidades destes produtos para conseguirmos, em conjunto com os outros alimentos, um bom valor nutritivo.



Nacional

A posse do novo Governo

Continuação da pág. 1

lhadoras. Se para elas trabalhar, se realizar uma política de esquerda, não lhe faltará apoio. Se o não fizer, não lhe faltará oposição. É um Governo com todas as possibilidades de ajudar a vencer a Revolução ou de provocar a sua perda definitiva.

Nos discursos proferidos pelo general Ramalho Eanes e pelo Primeiro-Ministro Mário Soares há importantes declarações de intenção, algumas delas ainda mal definidas, mas onde não faltam aspectos positivos.

Ontem apenas foram empossados os ministros e o secretário e subsecretário-adjunto do Primeiro-Ministro, ficando o preenchimento dos restantes lugares para mais tarde.

RAMALHO EANES: «SALVAGUARDAR A INDEPENDÊNCIA NACIONAL»

No seu discurso Ramalho Eanes, depois de assinalar que a posse deste Governo «é um novo passo histórico na construção da democracia em Portugal» e de se referir à próxima eleição para as autarquias locais que completará o quadro das instituições democráticas definidas na lei fundamental, focou a transferência do Poder político dos órgãos assentes na legitimidade revolucionária «para as instituições que caracterizam um Estado de direito, decorrente dos princípios e regras constitucionais».

Chamou a atenção para os tempos difíceis em que nos encontramos e para a necessidade de os enfrentarmos «com a consciência e a determinação que nos permitam salvaguardar a independência nacional, reforçar a nossa identidade e dignidade e encontrar uma solução democrática para os problemas que nos legaram o imobilismo e a demagogia do passado».

Ramalho Eanes apontou depois a necessidade de encontrar os caminhos da recuperação económica e das empresas nacionalizadas assegurarem meios de produção e de investimento que impulsionem a economia, afirmando mais adiante que o «Povo Português compreende e aceita a austeridade e o sacrifício que o presente lhe exige, mas é preciso que se sinta empenhado na criação de uma sociedade em que o esforço de cada um seja compensado com a justa distribuição de riqueza que soubermos criar».

Advertiu, contudo, que não podem ser pedidos ao Povo Português certos sacrifícios como «pagar as escolas que não passam de palco de lutas ideológicas e de veículo de uma cultura que não respeite os seus valores e a sua História; não é admissível que se contemporize com a ineficácia dos serviços de saúde; não é mais tolerável que se hesite em apoiar uma Informação isenta e se pactue com certa Imprensa que faz do regresso à ditadura o seu objectivo, e da mentira o seu método; é imoral que se prolongue um sistema de previdência que não serve os interesses dos trabalhadores; é inaceitável que se mantenham as condições de trabalho e de remuneração dos sectores da agricultura e pescas e no funcionalismo público».

O Presidente da República abordou depois o tema do desenvolvimento, que se pretende de seja harmónico «para que cada português, onde quer que nasça, seja um cidadão de parte inteira».

Exprimindo confiança no futuro, afirmou Ramalho Eanes a certa altura: «Havemos de fazer um País melhor. Ninguém terá dúvidas quanto ao carácter decisivo e à complexidade das tarefas que este Governo vai enfrentar e de que já enumerei algumas das mais urgentes. Mas a ninguém é lícito eximir-se à responsabilidade objectiva que lhe cabe na procura das soluções».

Ao referir-se ao programa que o Governo vai apresentar, o Presidente da República advertiu que «a situação do País exige que, dentro ou fora do Governo, se assumam por inteiro as responsabilidades na discussão desse programa por forma a que ele possa constituir um projecto concreto, coerente e realista das transformações que é necessário desencadear ou desenvolver».

«O Governo — prosseguiu Ramalho Eanes — deve servir o seu povo, governando de facto, e para isso há que restabelecer a autoridade democrática e assegurar o respeito pela legalidade e o eficaz funcionamento, em tempo útil, das instituições a quem cabe a investigação e julgamento do terrorismo, do crime e das práticas contrárias à convivência democrática».

A terminar, Ramalho Eanes reiterou ao Primeiro-Ministro o seu compromisso de «assegurar condições de autoridade e de eficácia ao Governo, no cumprimento do programa que resultar da discussão na Assembleia da República, e de audiência dos diversos intervenientes na sua execução, com vista a poder empreender as soluções ajustadas para os graves problemas que afligem os portugueses».

MÁRIO SOARES
Não governar contra a vontade popular

. Num discurso relativamente longo Mário Soares, sem avançar pormenores, deu já algumas indicações do que poderá ser a acção futura do seu Governo, deixando bem patente que ele governará enquanto tiver apoio popular.

Começou por referir-se às dificuldades já previstas e agradeceu ao general Ramalho Eanes «a confiança com que entendeu dever distinguir o Governo que, nos termos da Constituição o encarregara de formar» e sublinhou que o general Ramalho Eanes primeiro Presidente eleito, por sufrágio directo e livre, da República Portuguesa «é hoje o símbolo vivo da unidade nacional e o supremo garante da Constituição da nossa jovem República, é o símbolo do espírito do 25 de Abril, restituído à sua pureza inicial em 25 de Novembro, símbolo de uma Revolução legitimada por três votos populares consecutivos e pela adesão entusiástica das classes trabalhadoras deste País.»

. Mário Soares não esqueceu também «os heróicos capitães que em Abril de 1974 resgataram a nossa pátria da ignomínia do fascismo e do colonialismo, abrindo-lhe os caminhos da democracia e do socialismo em liberdade.»

. Referiu-se a seguir aos «dois anos de conturbada experiência revolucionária, de inegável riqueza, não só para nós portugueses, mas para a restante Europa e mesmo para o Mundo — experiência marcada decerto por erros e desvios, por acertos e desacertos, por imperdoáveis afloramentos de violência, de sectarismo e de intolerância, mas também por realizações consideráveis, de alcance verdadeiramente histórico — podemos agora afirmar, olhando para o tempo decorrido que institucionalizámos uma democracia pluralista, que nos libertámos do pesadelo das guerras coloniais e de um passado de exploração colonial, sem grandeza nem futuro, e que rasgámos às classes trabalhadoras horizontes de esperança fazendo respeitar a sua intrínseca dignidade, tudo isso com uma grande economia de vidas humanas e de sobressaltos graves — o que, havemos de reconhecer, não tem paralelo noutras revoluções conhecidas.»

. Mais adiante Mário Soares disse que «o projecto português não visa o socialismo da miséria, necessàriamente imposto por via repressiva» que visa primacialmente «a luta contra o subdesenvolvimento, a eliminação da miséria que ainda agora atinge largas manchas do agregado nacional e a criação de um sistema de autêntica justiça social, através do trabalho planeado, da reorganização participada e racional das empresas públicas e do respeito e estímulo da iniciativa privada, nos sectores que lhe estão legalmente reconhecidos.»



O Primeiro-Ministro no uso da palavra

GOVERNO MINORITÁRIO E OPOSIÇÃO

Mário Soares revelaria que, na auscultação que fizera a sectores diversificados da vida nacional, encontrara a preocupação comum de que «o Governo governe», pelo que o seu Governo «encontra-se na firme determinação de agir, de agir com rapidez e firmeza, fazendo respeitar a autoridade do Estado», nos termos do programa que apresentará à Assembleia da República, no prazo constitucionalmente determinado.

Salientou que o Governo agora formado era constituído essencialmente por socialistas, com alguns independentes que aceitam o programa do PS, «escolhidos em função das suas altas competências técnicas» e integrado ainda por dois militares no activo, ambos independentes.

Sublinhou que o Governo teria de se demitir «se fosse votada a rejeição do seu programa pela maioria absoluta dos deputados em efectividade de funções», mas que se tal não acontecer «haverá de se concluir que deixa de ser minoritário e goza do consenso da maioria dos portugueses.»

. «Trata-se — disse — de um governo formado por socialistas para todos os trabalhadores portugueses. De socialistas que não querem nem podem agir numa óptica estritamente partidária, mas sim nacional.»

. Quanto à posição, ou às posições, «diremos que será ouvida a sua voz e devidamente informada em cada conjuntura, porque em nosso entender, em democracia, tanto servem o País os partidos de governo como os partidos de oposição.»

. Noutra passagem do seu discurso e referindo-se à autoridade democrática do Estado, Mário Soares lembrou que «a legítima autoridade do Estado não se confunde, nem pode confundir-se, com repressão, muito menos com repressão cega», garantindo que «um Governo de socialistas respeitará os direitos de todos, mesmo das minorias extremas, desde que actuando no respeito da lei» e que um governo de socialistas «não permitirá que se instale neste País um regime de caça às bruxas, nem que os critérios de provimento do aparelho administrativo obedeçam a razões ideológicas ou partidárias, sejam elas quais forem.»

. Na parte final do seu discurso e depois de ter feito uma resenha do que virá a ser a actuação do seu Governo nos diversos sectores nacionais focou o caso específico dos Governos Autónomos dos Açores e da Madeira, dominados pelo PPD. Sobre este ponto disse que «o Governo fará seu ponto de honra que as relações entre o Governo Central e os Governos Regionais sejam marcadas por uma grande compreensão e respeito mútuo, não deixando introduzir rivalidades partidárias naquilo que deve ser moldado apenas pelo interesse nacional.»

. E a terminar dirigindo-se ao Presidente da República afirmou Mário Soares: «Noutras emergências graves da nossa longa história, o Povo português soube resolver vitoriosamente as suas dificuldades. O Governo confia nas reservas de energia e no bom senso do Povo Português. Por isso encara o futuro com esperança e mesmo confiança. Certo de que governará em uníssono com a vontade popular, livremente expressa, e só enquanto tiver o apoio do Povo e a confiança de Vossa Excelência, eleito para esse mesmo Povo.»



Ontem à tarde em Belém: a «frota» automóvel estacionada enquanto a cerimónia decorria

ANDANÇAS DE CARLUCCI PROVOCAM REACÇÕES

. Frank Carlucci, embaixador dos EUA em Lisboa, deve ter interrompido, pelo menos por algum tempo, as discutidas visitas que efectuou nos últimos dias, nomeadamente ao polígono militar de Santa Margarida e aos Açores, onde foi o único diplomata estrangeiro a assistir à abertura da Assembleia Regional. Motivo: as reacções de descontentamento que se manifestaram aos mais diversos níveis, incluindo círculos militares.

O «passeio» de Carlucci «ao volante» de um carro de assalto no próprio dia em que Mário Soares é convidado pelo Presidente da República a formar Governo e a sua presença, ao lado do general Altino de Magalhães, na abertura da Assembleia Regional «pêpêdê» dos Açores, na altura em que os socialistas ultimavam a formação do primeiro Governo Constitucional, mais do que provas de mau gosto, constituem sinais inquietantes que, com mais ou menos razões, não podem deixar de ser associados a outros acontecimentos, entre os quais se colocam as movimentações de quadros na Armada e o reforço da NATO no nosso país.

Estas duas acções de Carlucci, que recordam a actuação de diplomatas americanos em algumas repúblicas da América Latina, provocaram indignação em sectores importantes da cena política e militar, os quais teriam já dado conhecimento das suas preocupações aos escalões superiores.

Mais do que um simples acto impensado do mais alto representante em Lisboa da maior potência capitalista mundial, estas duas iniciativas de Carlucci podem (e devem?) ser entendidas como factores de pressão, dando aso a toda a sorte de conjecturas sobre outras formas mais subtis de ingerência.

Há ainda que destacar que a actuação do embaixador norte-americano se torna tanto mais criticável quanto decorre depois da posse do novo Presidente da República que nos principais actos públicos em que participou não deixou de focar a defesa intransigente da independência nacional. Ainda ontem, na posse do novo Governo, o assunto voltou a merecer uma referência do general Ramalho Eanes ao afirmar que «temos perante nós tempos difíceis» e que «é preciso que os enfrentemos com a consciência e a determinação que nos permitam salvaguardar a *independência nacional*».

LEONEL CARDOSO APRESENTOU-SE AO C.E.M.G.F.A.

. O vice-almirante Leonel Cardoso apresentou-se ontem, com guia de marcha, ao Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Ramalho Eanes. A presentação teve lugar em Belém. Segundo uma fonte militar, Leonel Cardoso, que foi vice-chefe da Armada, deverá desempenhar novas funções no Instituto de Defesa Nacional, mas não como director.

FÉRIAS NA PRAIA
TORREMOLINOS
1 SEMANA
PARTIDAS:
Julho 4, 11, 18 e 25
Agosto 1, 8, 15, 22 e 29
Setembro 5 e 12
Preços excepcionais desde 2.500$
PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu
Fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs. 27011/2
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

AO EMIGRANTE
Se sabe ler e escrever e necessita da carta de condução, pois o seu exame será antecipado durante os meses de Julho, Agosto e Setembro, a título experimental.
DIRIJA-SE À
ESCOLA DE CONDUÇÃO MONUMENTAL
Av. Manuel da Maia, 11 r/c — Lisboa
Telefones: 57 25 35 e 53 97 12

Caminhos de Ferro Portugueses



Informações ao Público

Verbais e Telefónicas

Horário a praticar durante os meses de Julho, Agosto e Setembro

LISBOA-ROSSIO:

Informações Verbais:
das 08.00 às 20.00 horas

Informações Telefónicas:
32 62 26 / 32 62 27 / 32 62 28
das 10.00 às 20.00 horas

LISBOA-SANTA APOLÓNIA:

Informações Verbais:
das 08.00 às 20.00 horas

FREQUENTA AS PRAIAS DA COSTA DO SOL?

Se vai de COMBOIO, NÃO SE SUJEITE A LONGAS DEMORAS em bichas para comprar bilhete.

Utilize as MÁQUINAS AUTOMÁTICAS, práticas e RÁPIDAS, bastando trazer, em MOEDAS de 5$00, 2$50, 1$00 e $50 o PREÇO EXACTO do bilhete.

Os preços são:

CAIS DO SODRÉ A	PREÇOS 1.ª classe	PREÇOS 2.ª classe
Santos, Alcântara, Belém, Pedrouços, Algés	7$50	5$00
C. Quebrada, Caxias, Paço de Arcos, Santo Amaro, Oeiras	11$00	7$50
Carcavelos, Parede, S. Pedro, S. João, Estoril, Monte Cascais	15$00	10$00

NO REGRESSO utilize-as também, pois elas existem em todas as estações

Nacional

Governo PS respeitará o Programa e avançará para o socialismo

RODOLFO CRESPO

O Partido Socialista apresenta ao País o seu governo, um governo socialista homogéneo, com a participação de alguns independentes que aceitam o programa do Partido Socialista. Esta é a nosso ver a única solução de esquerda possível actualmente em Portugal.

Naturalmente que o PS ao governar vai ser fiel ao programa que apresentou durante a campanha eleitoral para a Assembleia da República, porque o PS, como se sabe, apresentou um programa detalhado no decorrer da campanha para essas eleições. É evidente que esse programa é um programa genérico, em que não são definidos nem os prazos nem as prioridades. E vai ser necessário, agora, apresentar na Assembleia da República um programa de governo de acordo com as linhas programáticas apresentadas ao País, e que tornaram o PS o partido maioritário.

É certo que para governar não nos podemos unicamente cingir à aplicação de um programa. É necessário que ele esteja de acordo e em sintonia com as necessidades dos trabalhadores e com os condicionamentos conjunturais da economia nacional.

O Partido Socialista é um partido de trabalhadores. Consequentemente, vai procurar fazer uma transformação que é necessário levar a cabo na nossa economia, no sentido da recuperação económica, entendendo-se esta recuperação no sentido da transformação da sociedade em moldes socialistas, e não da recuperação capitalista. O que significa que os interesses das classes mais desfavorecidas serão tomados em conta e que haverá um diálogo e uma concertação permanente entre o Governo e os organismos representativos dos trabalhadores.

A economia portuguesa está na má de baixo. Quer dizer: neste momento a produção nacional diminuiu, e embora se verifiquem já sintomas de recuperação, a maior parte das unidades produtivas não estão a produzir ainda a mais do que 60 a 70 por cento das suas capacidades. Ora é indispensável que todo o aparelho produtivo seja utilizado ao máximo. Sem aumento da produção não será possível sem aumentar o nível de vida dos trabalhadores, nem fazer os investimentos que são indispensáveis ao desenvolvimento da nossa economia.

Nós temos no nosso país, porque estamos num período de transição para o socialismo, **uma parte da economia que foi nacionalizada, e uma outra parte da economia que pertence ao sector privado. De ora avante vai ser necessário incentivar estes dois sectores da economia, de modo que o sector público produza mais e melhor, mas também que o sector privado seja reactivado.**

É evidente que numa perspectiva da construção da sociedade que nós queremos, é sobretudo para o sector público que irão as atenções do Governo. O governo socialista organizará a produção no sector público de maneira a que este produza ao máximo da sua capacidade, de modo a desenvolver e alargar este sector da economia.

Ao mesmo tempo, serão criadas as condições para uma reactivação do sector privado, de acordo com o que está consignado na Constituição. Para isso é indispensável que o Estado possa investir, o que só poderá fazer se dispuser dos meios financeiros adequados. Esses meios podem ser obtidos através do imposto, o que aponta para uma reforma fiscal em que serão tidos em conta os interesses dos mais desfavorecidos e em que serão aqueles que se encontram em melhores condições económicas ou financeiras que contribuirão mais fortemente.

Mas este esforço interno não será suficiente, e vai ser necessário recorrer também a empréstimos externos, que serão prioritariamente dirigidos pra o sector público. Nós pensamos que mais do que investimentos directos estrangeiros em Portugal, é importante que haja ajudas externas ao investimento público. Quer dizer que as ajudas externas não devem servir a implantação de sociedades estrangeiras em Portugal, mas corresponderem antes ao desenvolvimento de sociedades nacionais.

No que se refere ao sector privado, serão dadas a este sector as garantias suficientes para que ele se possa desenvolver no campo que lhe é reservado. É óbvio que nenhum investidor privado aceitará correr riscos neste País enquanto não estiverem definidas aquilo que chamamos as regras do jogo. E essas regras passam por uma definição muito estrita daquilo que é a intervenção dos trabalhadores na gestão das empresas, e que a Constituição consagrou, e quais são os direitos dos administradores privados. É indispensável que, de acordo com os trabalhadores, se definam regras muito claras de maneira a restabelecer a confiança do sector privado.

É neste sentido que aponta a lei do controlo operário da gestão que foi promulgado pelo VI Governo, e que poderá ser evidentemente modificada pela Assembleia da República.

Isto é, de um modo muito geral, a caracterização da política económica que o governo socialista vai seguir. No quadro desta política, o sector agrícola vai ser um sector prioritário. Nós carecemos muito rapidamente de aumentar a produção agrícola, que actualmente é muito insuficiente, visto estarmos a importar uma grande parte dos produtos agrícolas que consumimos.

A Reforma Agrária, empreendida no sentido de uma maior justiça social, e foi para isso que ela foi feita, deverá assegurar também um aumento da produção e uma diversificação agrícola, tendo em conta as necessidades internas do País. Aqui também serão indispensáveis novos investimentos, em particular em projectos de irrigação. Muitas outras transformações terão de ser operadas neste sector, mas isso será feito igualmente de acordo e em diálogo com os trabalhadores.

E claro que um governo responsável, como uma oposição responsável, não pode fazer demagogia, porque é fácil defender ou dizer que se defende os trabalhadores apresentando soluções inviáveis, mas simpáticas, porque toda a gente gostaria de ver os seus salários aumentados, os seus tempos de trabalho diminuídos, ou alongados os seus períodos de descanso; toda a gente gostaria no fundo de viver melhor. E é fácil fazer todas essas promessas quando se não tem as responsabilidades do governo, ou se não quer ser a alternativa de governo. Mas, a nosso ver, isso não é defender nem as classes trabalhadoras, nem os reais interesses do País.

Defender os interesses das classes trabalhadoras e os reais interesses nacionais é falar a verdade do ponto de vista económico, é apresentar soluções viáveis, é, sobretudo, apontar para uma direcção que embora impondo, momentaneamente, certos sacrifícios a todos, aponte precisamente para essa transformação da sociedade no sentido de melhorar definitivamente as condições de vida dos trabalhadores e transformar as relações de produção na perspectiva da criação de uma sociedade socialista.

É neste sentido que o Partido Socialista empenhará a sua acção no próximo Governo. E nós estamos certos que os trabalhadores portugueses compreenderão, porque os trabalhadores e os portugueses em geral, contrariamente ao que muitos afirmam, têm o bom senso suficiente e são suficientemente inteligentes para compreenderem onde está o seu verdadeiro interesse.

O Programa do PS nas suas grandes linhas conduz, portanto, a uma transformação económica no sentido do desenvolvimento da nossa capacidade produtiva, encaminhando-nos também para uma transformação das relações de produção com vista a criar uma maior justiça social e a iniciar a caminhada para o socialismo, esse socialismo para que aponta a Constituição deste País.

A CARRIS INFORMA:

AUTOCARROS

CARREIRA N.º 26-A

SUPRESSÃO DE HORÁRIOS

A partir da próxima segunda-feira, dia 26, deixa de funcionar aos «Almoços» — devido à baixíssima utiilização por parte dos seus utentes — a carreira n.º 26-A: PONTINHA — ENTRECAMPOS.

Nacional

Bomba na Associação Portugal-R.D.A.

A deflagração de um potente engenho, ontem à tarde, nas instalações da Associação de Amizade Portugal-RDA, é mais um atentado bombista a juntar à lista da escalada de violência das forças reaccionárias.

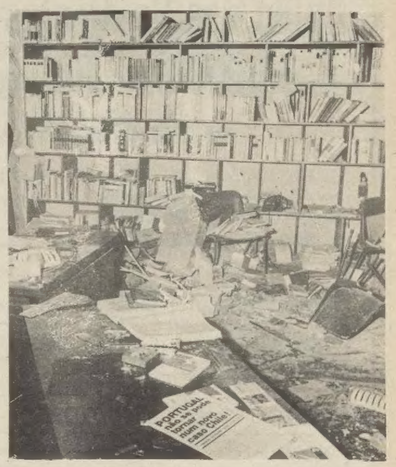
A explosão, verificada pelas 13 e 45, causou elevados prejuízos materiais não havendo no entanto a lamentar vítimas pessoais, pelo facto de os trabalhadores dos escritórios situados no prédio se encontrarem em horas de almoço e, consequentemente, ausentes do edifício.

O atentado terrorista de ontem foi o terceiro nos últimos três dias contra organismos relacionados com países de cariz progressista. Primeiro foi a Casa de Angola, depois as Linhas Aéreas de Moçambique e, ontem, a Associação de Amizade Portugal-RDA.

«Tais actos constituem uma afronta ao Povo português e são dirigidos contra as novas nações africanas» — afirma-se num comunicado da FSP sobre os recentes atentados bombistas que atingiram instalações da Casa de Angola e das linhas aéreas moçambicanas.

O comunicado da FSP relembra depois que «também à bomba se preparou o clima para o golpe direitista do 25 de Novembro», afirmando a seguir que «a burguesia nacional, sedenta de novas vitórias, prepara já, em liberdade e segurança, à bomba, aterrorizando, mentindo e caluniando, o terreno e a atmosfera para novos avanços».

O comunicado termina apelando para a mobilização e vigilância, condição necessária da vitória.



Aspectos dos estragos na Associação

SEGUNDO O P.C.P.

Escalada terrorista é desafio ao poder constituído

«Apesar de o recurso à violência terrorista já vir a ser utilizado pela reacção há mais de um ano é de estranhar que nunca os autores desses atentados tenham sido punidos, mesmo quando é conhecida a sua identificação. É igualmente de estranhar que nunca tenha sido dado conhecimento público das medidas tomadas pelas autoridades para enfrentar uma tão grave situação», salienta o Partido Comunista Português em nota da SIP sobre a escalada terrorista.

Referindo que «em poucos dias registaram-se atentados contra os postos de alta-tensão em Alverca, contra a Casa de Angola, a DETA e a Associação Portugal-República Democrática Alemã», a nota da SIP do PCP prossegue referindo que «a escalada da violência reaccionária a que se está a assistir tornou-se particularmente nítida a partir do próprio dia da tomada de posse do Presidente da República, comprovando-se assim que à medida que o regime democrático se institucionaliza as forças reaccionárias intensificam os seus esforços para comprometer a estabilidade da vida democrática do País».

E prossegue:

«A crescente audácia e gravidade das acções terroristas constitui não apenas um desafio ao regime democrático que não pode ser admitido, mas também um arrogante desafio lançado contra o Presidente da República e o Conselho da Revolução que em sucessivas declarações tem vindo a condenar tais actividades como ofensivas do regime consagrado na Constituição.

«Para cimentar a confiança popular no empenhamento democrático e antifascista dos órgãos do Poder, em defesa da sua autoridade democrática e para pôr termo às inquietações e apreensões suscitadas pela escandalosa impunidade que o terrorismo tem disfrutado, torna-se imperioso que sejam tomadas urgentemente medidas eficazes e enérgicas contra os inimigos da liberdade e da democracia.

«O PCP exorta os trabalhadores e as massas populares, todos os democratas e antifascistas a que continuem a insistir vigorosamente na justa exigência da rápida identificação dos agentes e mentores do terrorismo, do pronto desmantelamento das suas organizações clandestinas e de uma indispensável investigação em profundidade sobre os apoios políticos e materiais que recebem.

«Cada dia de atraso na definição e execução de uma firme política de combate ao terrorismo, é tempo concedido aos inimigos da democracia para a preparação e concretização de novos atentados de consequências cada vez mais graves.

«O PCP considera que o combate ao terrorismo é uma tarefa patriótica de defesa do regime democrático.

«Terão sem dúvida o apoio das massas populares e das forças progressistas todas as medidas que os órgãos do Poder tomarem nesse combate decisivo para a salvaguarda e prosseguimento da revolução portuguesa».

MARN reúne-se em Fafe

Na reunião serão discutidos os problemas do vinho a meias, ou a terços, e todas as questões do arrendamento — «O senhorio já fez o contrato por escrito? Pôs-te em tribunal?. Ameaça-te com o corte do abono de família? Quer-te pôr fora da terra? Então vem no Encontro para esclarecer-es» — termina o comunicado.

«Traz a mulher e os filhos, todos os que trabalham contigo» — diz o M.A.R.N. (Movimento de Agricultura e Rendeiros do Norte) num comunicado dirigido aos rendeiros e caseiros de Fafe no qual são convidados para uma reunião que terá lugar amanhã pelas 15 horas, no Salão dos bombeiros daquela vila do distrito de Braga.

PAREDE

OCTAVIANO AUGUSTO ROCHA PEREIRA

FALECEU

Sua mulher e restante família participam o seu falecimento e que o funeral se realiza amanhã, às 11 horas, saindo da Casa Mortuária, ao lado da Igreja da Parede para seu jazigo no Cemitério de S. Domingos de Rana.

AGÊNCIA MAGNO Telefone 2471457

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

AVISO

Avisam-se os senhores consumidores de água e electricidade destes Serviços Municipalizados, de que por motivo de férias dos leitores-cobradores, não serão feitas cobranças nem leituras no próximo mês de Agosto.

Assim, os consumos processados nos meses de Julho e Agosto serão cobrados num recibo único, a partir do dia 1 de Setembro próximo.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 21 DE JULHO DE 1976

O Presidente do Conselho de Administração
Dr. Gilberto Lindim Ramos

PUB

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

AVENIDA VISCONDE VALMOR, 34 - 1.º — LISBOA-1
Telefones: 77 02 74 / 76 32 76 / 77 00 66

COMUNICADO

C. C. T./ALARGAMENTO DE ÂMBITO

Comunica-se a todos os sócios deste Sindicato que foi publicada no Suplemento do Boletim do Ministério do Trabalho n.º 11 de 15-6-76 a Portaria de Alargamento de Âmbito, nos seguintes termos:

«As disposições do acordo colectivo de trabalho celebrado entre as empresas nacionalizadas que se dedicam ao transporte de pesados de passageiros, carga e aluguer e os vários Sindicatos representativos do pessoal ao seu serviço, publicadas no Boletim do Ministério do Trabalho, n.º 9, de 15 de Maio de 1976, **são tornadas extensivas a todas as empresas congéneres** (ou seja: empresas que se dedicam ao transporte de pesados de passageiros, carga e aluguer) **do sector privado do continente, bem como aos trabalhadores ao seu serviço representados por aqueles Sindicatos».**

Lisboa, 23 de Julho de 1976.

PELA DIRECÇÃO

Em ALVERCA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA LUSA Rua Joaquim Sabino Faria, 16

PUB.

SINDICATO DOS VIDREIROS DA MARIANHA GRANDE

COMUNICADO

Confiamos que justiça será feita.

Camaradas:

Como tem vindo a ser noticiado por alguns jornais, no Tribunal de S. João Novo, do Porto, tem estado em julgamento o caso do assassínio do nosso camarada António de Almeida e Silva, ocorrido na madrugada de 26 de Novembro de 1975.

Durante as sucessivas audiências, dentro e fora do tribunal as forças reaccionárias que estiveram na origem da preparação e da instigação daquele crime, têm rodeado as forças da acusação, os advogados, os nossos camaradas da delegação da zona Norte e outros camaradas trabalgadores vidreiros, além de outros trabalhadores, de todo um clima de ameaças, de terror e de provocações.

Os nossos camaradas e todas as pessoas chamadas a depôr em Tribunal em defesa do nosso camarada assassinado, têm corajosamente enfrentado todas as ameaças e não se têm coibido de narrar aos magistrados, com toda a verdade, os factos que presenciaram naquela horrorosa noite de Novembro, para assim habilitarem os juizes a fazerem a justiça que tão vergonhoso acto requere.

Atenta a acção de desgaste psiconervoso de que os nossos camaradas da zona Norte e outros elementos da acusação intervenientes no julgamento têm estado sujeitos devido para além de tudo às ameaças de toda a ordem e intimidações que os agentes da reacção sobre eles têm feito recair, sentimos ser chegada a hora de levar a todos eles a expressão do nosso apoio e da nossa solidariedade na meritória tarefa que vêm desempenhando para ajudarem quem de direito a fazer a justiça que todos esperamos – Justiça que comporte a punição severa para quem for reconhecido culpado.

Como uma das formas adequadas de podermos expressar o nosso apoio e a nossa solidariedade a todas as pessoas da acusação, entendemos dever fazer uma paragem de trabalho simbólica a nível nacional em toda a Indústria Vidreira no próximo dia 26 do corrente, 2.ª feira, com os seguintes horários: Zona Norte hora ainda a decidir – Zona Centro das 10 e 20 às 10 e 30 – Zona Sul das 10 e 20 às 10 e 30. Este acto simbólico não será apenas a expressão da nossa solidariedade e do nosso apoio moral aos nossos camaradas e a todas as pessoas da parte acusatória: este acto será também mais uma vez o nosso grito às autoridades responsáveis para que ponham fim às actividades terroristas e às ameaças provocações dos reaccionários que visam impedir o apuramento da verdade e assim levar a que os tribunais como órgãos de soberania que são, não possam, mesmo com a competência que lhes é reconhecida «administrar a justiça em nome do povo». (artigo 205 da Constituição).

SOLIDARIZEMO-NOS COM OS NOSSOS CAMARADAS DA ZONA NORTE!
PAREMOS O TRABALHO MACIÇA E SIMBOLICAMENTE NA PRÓXIMA 2.ª FEIRA!
CONTRA A REACÇÃO E TERRORISMO: JUSTIÇA!
UNIDOS VENCEREMOS!

Marinha Grande, 23/7/76

A Direcção

União dos Sindicatos de Lisboa

A TODOS OS TRABALHADORES

PLENÁRIOS DE ZONA

Com a participação do Secretariado da U. S. L. e de diversas Direcções Sindicais, realizar-se-ão Plenários abertos a todos os trabalhadores nas zonas indicadas no quadro que se segue:

Localidade	Local	Dia	Hora
PERO PINHEIRO	Refeitório do Pardal Monteiro	26	18.30
ALVERCA	Salão dos Bombeiros	27	21
VILA FRANCA	Casa do Povo	27	21
ST.ª IRIA AZÓIA	Sociedade Recreativa	27	21
ODIVELAS	Escola Avelar Brotero	28	21

ORDEM DE TRABALHOS

1. CONTRATAÇÃO COLECTIVA E POLÍTICA SALARIAL;
2. DEFESA DO PODER DE COMPRA DOS TRABALHADORES;
3. CORTES DE ENERGIA E OUTRAS MEDIDAS DO GOVERNO;

NÃO FALTES!

UNIDADE NA ACÇÃO — A FORÇA DOS TRABALHADORES!

O SECRETARIADO DA U. S. L.

Lisboa, 22 de Julho de 1976.

E D P
ELECTRICIDADE DE PORTUGAL
EMPRESA PÚBLICA

AVISO IMPORTANTE

RESTRIÇÕES DE ENERGIA ELÉCTRICA

Comunicamos aos consumidores que os horários de restrição de energia eléctrica não sofrem alteração na semana de 26 a 30, inclusive.

Aconselhamos os consumidores a manterem desligados todos os seus aparelhos durante o período da interrupção, a fim de se evitarem possíveis avarias, quando do restabelecimento da energia.

DE FÉRIAS COM O Diário de Lisboa

Aceitam-se assinaturas de férias pelo período mínimo de 10 dias, ao preço de 4$00 por exemplar

NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA

Nacional

Licenciado em Letras chefiava uma quadrilha

..OVAR, 24 — Elementos da G. N. R. desta vila e da Murtosa capturaram três dos quatro componentes de uma quadrilha de gatunos que se dedicava a assaltos a residências particulares e a cortes de gado. Em acções levadas a cabo nesta vila, na Torreira em S. Jacinto e na Murtosa os alvos foram casas particulares, e em Sever do Vouga o bando estreou-se no roubo de vacas.

Começou aí o desmantelamento da quadrilha: o ladrão mais atrevido, depois do assalto, arrancou com o gado para uma feira a fim de negociar as cabeças roubadas. Esqueceu-se da terminologia da operação e quando um comprador lhe perguntou «quantas notas?», por uma das vacas, o homem não soube responder. O negociante desconfiou e avisou as autoridades, que detiveram Abílio Moreira, de 46 anos, licenciado em Letras e chefe da quadrilha.

Horas mais tarde era detida a mulher com quem vivia maritalmente, Lucinda da Silva Marques, de 24 anos, com casa comprada há poucos meses em Espinho, Ovar, provavelmente com o produto dos assaltos realizados, enquanto o terceiro membro da quadrilha, António da Costa Mendes, de 17 anos, dava entrada na cadeia de Estarreja. Falta ainda deter o quarto componente da «equipa», um tal José de Oliveira, grumete da Armada, que anda a monte.

O produto das «operações ultrapassa os mil contos, e dos assaltos efectuados as autoridades desta vila apenas conseguiram recuperar algumas mobílias, electrodomésticos, roupas, adornos, 50 castiçais e 4 crucifixos de ouro e prata, tudo no valor de 150 contos. Julga-se que aqueles materiais tenham sido roubados em residências de veraneio localizadas entre a Torreira e a praia do Furadouro, moradias que chegaram a ser assaltadas mais de uma vez.

CONTRATO COLECTIVO TRABALHO VERTICAL
INDÚSTRIA QUÍMICA
PLENÁRIO GERAL DE TRABALHADORES

Localidade	Dia	Hora	Local da reunião
Alhandra	26—2.ª Feira	21 h.	Soc. Euterpe Alhandrense
Marinha Grande	27—3.ª Feira	21 h.	Ex-Sindicato dos Vidreiros Av. Alexandre Herculano
Leiria	28—4.ª Feira	21 h.	Sindicato dos Escritórios e Caixeiros L.º Rainha Santa Isabel
Sacavém	29—5.ª Feira	18,30h.	Deleg. Sindicato dos Químicos Travessa do Chafariz—Sacavém
Lisboa	2—2.ª Feira	21 h.	Bombeiros Lisbonenses R. Camilo Castelo Branco
Amadora	27—3.ª Feira	21 h.	Soc. Filarmónica Recreio Artístico R. Elias Garcia, 142—Amadora

CAMARADAS,

Nestas reuniões será feito o ponto da situação no nosso Contrato, inclusive sobre as posições que o patronato tem assumido.

COMPARECE! PARTICIPA!

PELA MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA!

EM FRENTE PELO CONNTRATO VERTICAL!

A COMISSÃO SINDICAL NEGOCIADORA

PUB

EDP—ELECTRICIDADE DE PORTUGAL—E. P.
UNIDADE DE GESTÃO ex-CEAL

CAPITAL: 70.000.000$00

SEDE: R. D. Francisco Manuel de Melo, n.º 23-A, 5.º 6.ª e 7.º LISBOA

OBRIGAÇÕES DE 5% 1959 – 26.º SORTEIO

Para os devidos efeitos se comunica que o sorteio de obrigações a amortizar em 1 de Agosto próximo, se realizará na Sede desta Sociedade em 28 de Julho de 1976, pelas 12 horas.

Lisboa, 23 de Julho de 1976.

EDP—ELECTRICIDADE DE PORTUGAL—E. P.
UNIDADE DE GESTÃO ex-CEAL
OS RESPONSAVEIS
Illegível

TRIBUNAL CIVEL DA COMARCA DE LISBOA
9.º Juízo
2.ª Publicação
24-7-76

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da 2.ª e última publicação do anúncio, citando os reus para no prazo de 10 (DEZ) dias, findo o prazo dos editos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: pagar à autora a quantia de 28 69$90 acrescida de juros de mora, à taxa legal, proveniente da compra que lhe fez de diversos artigos do seu comércio.

Acção sumária n.º 7258, 3.ª secção. Autor Vilarinho & Sobrinho, Ld.ª, com sede na Rua das Janelas Verdes, n.º 60 em Lisboa.

Réu — O BIGODE DO MEU TIO — ACTIVIDADES HOTELEIRAS, LD.ª, que teve a sua sede na Rua Elias Garcia n.º 13-A e 13-C, na Venda Nova, Amadora, desta comarca.

Lisboa, 13-7-76.

O Juiz de Direito,
(a) Augusto José Mendes Caixito Pires
O Ajudante do Escrivão de Direito

Em ALCACER DO SAL o DIARIO DE LISBOA vende-se no CAFE SADO

Trabalho

M.I.T.
Perigo de excedentes mantém-se

Os delegados sindicais e as comissões de trabalhadores do Ministério da Indústria e Tecnologia, na sequência de um contrato com o titular da pasta, eng.º Walter Rosa, entendem que se mantêm os «reais perigos da possibilidade de excedentes» na reestruturação daquele ministério, reafirmando, por isso, a «necessidade de intervenção directa dos trabalhadores no enquadramento, leis orgânicas e fiscalização das listas nominativas».

Os delegados sindicais do MIT deram conta do teor dessa reunião em comunicado dirigido aos seus colegas. Por aí se vê que foi transmitida ao ministro a sua preocupação pelos problemas de enquadramento, designadamente a garantia de que os funcionários do MIT não sejam considerados excedentes, com as consequências que esse facto naturalmente teria por força da regulamentação do quadro de adidos para a função pública. Quanto a este ponto, o eng.º Walter Rosa «disse que não podia dar garantias, mas pensava não haver razão para receios».

A nível geral, o ministro teria afirmado que «devia proceder-se a uma dignificação dos trabalhadores da Função Pública com o correspondente nivelamento de salários ao nível dos das empresas públicas e consequente diminuição de efectivos». Mas — prossegue o relato dos delegados sindicais — «quando lhe foi perguntado se via alguma possibilidade da criação de postos de trabalho de forma a absorver os excedentes por ele referidos, respondeu que a curto prazo não via solução».

Tal resposta não satisfez os delegados sindicais do MIT, que estão a promover a discussão do problema entre os seus camaradas de trabalho. Entre os pontos controversos contam-se a participação dos trabalhadores nas leis orgânicas, o seu controlo sobre a elaboração das listas nominativas, e a não aplicação do decreto-lei que criou o quadro de adidos.

Na referida reunião foram examinadas outras questões relativas a problemas dos funcionários daquele ministério, referentes a reestruturação, projecto de harmonização de carreiras, serviços sociais e subsídio de almoço. O resultado do encontro não teria sido satisfatório, continuando assim na ordem do dia as reivindicações relativas a todos os problemas focados.

Pão gratuito foi adiado

A Federação dos Sindicatos das Indústrias de Panificação distribuiu esta manhã um comunicado em que dá a conhecer a decisão de adiar para data a marcar, a distribuição gratuita de pão, processo de luta que inicialmente estava previsto para o próximo dia 27, terça-feira.

A decisão da Federação segue-se à publicação de uma nota oficiosa do Ministério do Trabalho, em que aquele departamento governamental assegura «que vai proceder aos estudos necessários para a emissão de uma portaria de regulamentação de trabalho, nos termos do artigo 21.º, do Decreto-Lei n.º 164-A/76, garantindo-se, assim, a actualização da disciplina jurídica das relações de trabalho para a indústria de panificação».

«Esta Federação» — afirma-se no comunicado — «perante a posição do MT vai proceder a novas consultas à classe, em Assembleias Gerais a realizar em todo o País, para analisar e discutir com os trabalhadores a realidade das garantias dadas por esse departamento».

No entanto, ressalva-se no comunicado que, «caso não sejam assegurados, com a brevidade precisa, os direitos dos trabalhadores, estes encetarão novas formas de luta que acharem convenientes».

NOTA OFICIOSA

Sobre o actual impasse nas negociações do CCT dos trabalhadores da panificação, recebemos, do Ministério do Trabalho, a seguinte nota oficiosa para publicação ao abrigo do art.º 15.º, da Lei de Imprensa:

«Em reunião realizada no Ministério do Trabalho em 7-7-76 as associações patronais recusaram-se a negociar a proposta de convenção colectiva de trabalho para o sector, apresentada pelos sindicatos interessados.

Tal recusa impossibilitou o estabelecimento de uma regulamentação colectiva de trabalho acordada e preenchou o condicionalismo exigido por lei para o recurso à via administrativa.

Nestes termos o Ministério do Trabalho, tendo procedido a audição dos departamentos governamentais interessados vai proceder aos estudos necessários para a emissão de uma portaria de regulamentação de trabalho nos termos do artigo 21.º do Decreto-Lei n.º 164-A-76, garantindo-se assim a actualização das disciplina jurídica das relacões de trasim a actualização da disciplificação.

Nestas condições entende o Ministério do Trabalho não se justificar já que os trabalhadores iniciem as formas de luta que em devido tempo aprovaram nas suas assembleias, uma vez que os seus direitos ficarão por aquela forma assegurados».

QUÍMICOS

Boicote das negociações pode "dar" greve geral

Os trabalhadores do sector químico poderão ter que se decidir pela greve geral, em virtude de o patronato ter abandonado a mesa das negociações de novo contrato colectivo vertical do sector. No entanto, a Comissão Negociadora Sindical afirmou, ontem, em conferência de imprensa que «os trabalhadores dirão o que se fará se o impasse se mantiver».

A Comissão Negociadora Sindical é constituída por delegados dos sindicatos dos Químicos do Norte, Lisboa e Sul e das Federações dos Metalúrgicos e dos Escritórios do Sul, representando, portanto, mais de 50 mil trabalhadores que, antes de votarem a proposta do contrato, a analisaram em 150 plenários realizados em todo o País.

Por outro lado, a comissão negociadora patronal, em representação de doze associações patronais, inclui ex-funcionários do ex-Ministério das Corporações. Até agora compareceu a quatro reuniões com os representantes dos trabalhadores não tendo, no entanto, apresentado as credenciais das empresas que representa.

Os elementos da Comissão Negociadora Sindical, ontem presentes na conferência de imprensa, denunciaram a actuação da comissão patronal que parece querer empurrar os trabalhadores para a greve. Na verdade, segundo anunciaram, logo nos primeiros contactos o patronato «tentou enredar os sindicatos numa discussão que esperava prolongada sobre a questão do âmbito do contrato».

Ultrapassada a questão, com cedências por parte dos representantes dos trabalhadores, «o patronato continua a recusar-se às negociações directas e acaba mesmo de abandonar a mesa das negociações. Em função disso e dos contactos já havidos com o Governo, os sindicatos vão iniciar imediatamente uma consulta aos trabalhadores em plenários a realizar em todo o País».

Entretanto, segundo afirmou a CNS, o Governo considera que é possível negociar com os representantes das empresas estatizadas e das empresas privadas que eventualmente compareçam, aplicando-se o alargamento dos acordos, por via administrativa, a todo o sector.

O abandono das negociações por parte do patronato foi feito com a alegação de que não existia acordo entre ambas as partes sobre o envio de um requerimento ao Ministério do Trabalho pedindo a revogação das portarias de alargamento de âmbito que regem as relações de trabalho em algumas das indústrias do sector.

A greve, no caso de ser efectivada, poderá vir a afectar sectores como os da produção de gases industriais, metalurgia, construção civil, óleos vegetais, adubos e fabrico de pneus.

CASO TOMÁS OLIVEIRA
Situação em Sines pode agravar-se
— ministro diz-se incompetente para decidir

A luta dos trabalhadores do complexo de Sines, pela reintegração dos elementos das comissões de trabalhadores afastados de três empresas da constituição civil, poderá vir a agravar-se a partir de segunda-feira, em consequência da posição ontem assumida pelo Ministério do Trabalho quanto a um desses conflitos, ao enjeitar qualquer competência para decidir sobre ele, remetendo a questão para o domínio judicial.

A greve de zelo, iniciada na quarta-feira, como forma de pressionar o patronato e o Ministério do Trabalho, registou grande adesão nos dois dias subsequentes. Hoje, dia de folga, os operários não compareceram nos seus postos de trabalho. Na segunda-feira devem realizar-se plenários nas diversas empresas e sectores, para avaliar do estado de espírito dos trabalhadores e decidir formas de luta futuras.

Em contacto com um elemento da União dos Sindicatos de Sines foi-nos manifestada a opinião de que o processo poderá agravar-se com posição agora assumida pelo Ministério do Trabalho quanto à firma Tomás de Oliveira, quatro meses decorridos sobre o início do conflito. No entanto, e por ser ainda desconhecido o texto integral do comunicado oficial, nem os sindicatos nem os trabalhadores têm neste momento uma posição definida sobre as questões que levanta.

Entretanto, o ministro determinou, mais uma vez, que «se deve proceder à remoção das máquinas de Sines da empresa Tomás de Oliveira para local a indicar pela gerência da empresa». As máquinas tinham sido retidas pelos trabalhadores. Por outro lado, «atendendo à complexidade dos problemas levantados e da controvérsia gerada, devem os interessados recorrer, se assim o entenderem, aos Serviços Judiciais competentes, já que a via administrativa carece de estruturas para que possa inequivocamente decidir de facto e de direito» sobre o caso — afirma-se ainda no comunicado do Ministério do Trabalho.

AÇORES

Ramo automóvel está paralisado

Os trabalhadores do ramo automóvel do distrito de Ponta Delgada encontram-se em greve desde ontem, segundo informa a agência ANOP. A paralisação envolve os mecânicos, bate-chapas, pintores, estofadores, serralheiros e alguns torneiros.

Eduardo Macedo, dirigente do Sindicato dos Transportes, declarou à quela agência que «a greve tem por objectivo o ajustamento das tabelas salariais e que em algumas empresas há dois e três anos que não são revistas». De acordo com as mesmas declarações, 90 por cento dos trabalhadores do ramo automóvel nos Açores, tem vencimentos entre os 4500 e os 5000 escudos.

As entidades patronais pretendem proceder à actualização das tabelas salariais mas só depois de se ter feito a reclassificação das categorias profissionais, visto que tal imposição obrigaria a um adiamento da revisão salarial por um período de oito a dez meses.

No momento em que 15 empresas aderira já à greve, com um sector do patronato na disposição de ceder às reivindicações dos trabalhadores, a situação mantém-se porque uma parte dos industriais se mantêm irredutíveis quanto à questão da revisão salarial.

na forja

CHILE, MOTORISTAS E GASÓLEO

Repudiando à paralisação total dos camionistas prevista para amanhã, com o bloqueamento da Via-Norte, convocada anonimamente, um grupo de pequenos empresários de transportes do Norte fez chegar à nossa Redacção um comunicado devidamente identificado no qual alerta os seus colegas para os perigos de tal paralisação. «Esta paralisação não serve para resolvermos o problema do gasóleo ou dos impostos» — salientam, sublinhando que os maiores prejudicados seriam os pequenos e médios empresários transportadores que vivem do ganho diário, quantas vezes em dificuldade.

Rejeitando o apelo à paralisação afirmam querer resolver o problema do gasóleo e impostos «sem que seja necessário sobrecarregar o público com novos aumentos das tarifas dos transportes».

PARADOS À ESPERA

Por não lhes ter sido pago o subsídio de férias, os operários da fábrica pertencente à Companhia de Fiação e Tecidos de Fafe, uma das maiores do concelho, com mais de mil trabalhadores, decidiram entrar em greve. Embora apresentando-se nos locais de trabalho, os operários ficam junto das máquinas, mas sem trabalhar. Já o subsídio de férias do ano passado não lhes foi pago, pelo que decidiram só retomar o trabalho quando a administração satisfazer os respectivos pagamentos.

RODOVIÁRIOS DE SETÚBAL: GREVE ADIADA

Após uma sucessão de plenários de empresa nos quais a maioria dos trabalhadores se pronunciou contra a entrada em greve, os rodoviários de Setúbal decidiram adiar esta forma de luta e aguardar a resposta do Governo às suas exigências, designadamente no que respeita ao cumprimento do acordo colectivo de trabalho e à revogação dos decretos-lei considerados antioperários.

O adiamento da greve foi decidido em definitivo na última reunião de delegados sindicais e segue-se a iniciativas das bases, contrárias ao processo de luta que o Sindicato conduzia. Os rodoviários manifestaram sobretudo a sua preocupação quanto aos prejuízos que a greve acarretaria para as outras classes trabalhadoras do distrito. O Sindicato acabou por reconhecer e aceitar as críticas que lhe eram dirigidas.

GREVE ANTES DAS FÉRIAS

Os trabalhadores da fábrica metalúrgica Oliveira e Ferreirinha do Porto entraram em greve no dia 21, em consequência de o patrão se recusar a pagar o subsídio de férias previsto para Agosto. Alega o patronato que, no caso de proceder ao pagamento daquele subsídio, não terá fundos para cobrir os vencimentos do próximo mês.

Assim, naquela data, o turno da manhã não tomou o trabalho, tendo sido realizado imediatamente um plenário no qual ficou assente que os trabalhadores não iriam para férias sem primeiro terem recebido o respectivo subsídio.

Como solução, os trabalhadores propuseram que o Banco Português do Atlântico financiasse a empresa, à semelhança de idêntico procedimento, noutra ocasião.

PAPELEIROS DO NORTE EM LUTA

Cerca de 300 operários papeleiros vieram ontem do Norte e concentraram-se frente ao Ministério do Trabalho, manifestando-se pela aplicação imediata do contrato colectivo do sector, já a vigorar no Sul. Dentro do palácio de vidro da Praça de Londres, no 3.º andar do Ministério do Trabalho, representantes dos sindicatos e das entidades patronais discutiam, finalmente (os patrões tinham faltado já a três convocatórias) as reivindicações operárias. Foi decidido nesta reunião que as conclusões da mesma seguissem para a secretaria de Estado do Planeamento, a fim de ser elaborada uma portaria que consagre para os papeleiros do Norte os direitos já alcançados pelos seus camaradas do Sul. Enquanto a portaria não aparecer, os trabalhadores da indústria do papel da região Norte manter-se-ão em greve, forma de luta que dura há cerca de duas semanas.

Entrevista

Costa Gomes ao "Diário de Lisboa"

"Em 25 de Abril o regime de Caetano já não aguentava mais oito ou dez meses"

ENTREVISTA DE LUÍS STTAU MONTEIRO

Sem homenagens públicas, sem condecorações e sem paradas militares, o general Costa Gomes passou à reserva depois de vinte e um meses na Presidência da República. Tivesse o general Costa Gomes sido um presidente rotineiro duma democracia estruturada e já adulta, tivesse o general Costa Gomes terminado um mandato calmo e sem incidentes, e ninguém estranharia o silêncio que rodeou esta passagem à reserva, tão apagada que se diria praticamente despercebida.

Acontece, porém, que o general Costa Gomes foi Presidente da República durante um dos períodos mais agitados da nossa História contemporânea e revelou no decorrer do seu mandato qualidades raras de equilíbrio e de bom-senso. É perfeitamente possível que o País estivesse hoje dividido em duas facções irredutíveis se, em vez do general Costa Gomes, outra pessoa tivesse tido de enfrentar os problemas levantados pelo cair do fascismo. Isto se uma guerra civil não houvesse oposto entretanto portugueses a portugueses, destruindo a possibilidade de um evoluir pacífico e atrasando, sabe-se já por quanto tempo, a consolidação das instituições democráticas.

Está por fazer a história da intrigas, dos «complots», das ameaças e até dos ultimatos a que as diversas facções políticas recorreram durante os primeiros dois anos da 2.ª República para alcançarem objectivos partidários. É possível que a grande maioria dos portugueses nunca chegue a conhecê-la, mas não pode deixar de ser evidente para todos que as lutas travadas nos bastidores atingiram uma ferocidade que os órgãos da Comunicação Social não estiveram em condições de exprimir. Para impedir que esta luta passasse dos bastidores para a rua, para evitar que este ou aquele partido se sobrepusesse aos restantes alterando o precário equilíbrio em que assentava a evolução do processo revolucionário, para refrear os mais exaltados e, sobretudo, para resistir às pressões permanentes que as diversas forças políticas exerciam, era necessária a mão segura e prudente de um homem com os pés solidamente assentes na terra. Mais: era precisa a mão segura e prudente dum homem com os pés solidamente assentes na terra portuguesa. Esse homem foi o presidente Costa Gomes, cuja maior qualidade terá sido certamente a de nunca haver perdido o sentido das realidades.

Sem experiência política, mas com aquela «cultura da vida» que Madariaga dizia substituir muitas vezes, nos povos peninsulares, a «cultura dos livros», o presidente Costa Gomes soube lidar com os ambiciosos e com os que disfarçadamente pretendiam criar de novo um terreno propício às manobras da direita, tal como soube impedir que os teóricos, aqueles que têm um saber de teoria feito sacrificassem o possível, liquidando ainda que involuntariamente todas as esperanças de se transformar o Portugal que existe no Portugal que todos sonhamos.

Por não ter agradado a gregos e a troianos ao recusar-se a pendura. no mastro do País a bandeira que uns e outros pretendiam à viva força impor como nacional, o presidente Costa Gomes granjeou fama de indeciso e de timorato. Por ter permitido, e até fomentado, os primeiros passos duma revolução que se queria «revolução» e não simples alteração de quadros, ganhou o general Costa Gomes inimigos ferozes no campo da direita. Por se ter oposto a quantos pretendiam viragens impossíveis que o tempo teria inevitàvelmente condenado, fez o general Costa Gomes também inimigos em certos sectores duma esquerda que nem sempre soube fazer a sua autocrítica e que várias vezes pareceu esquecer as estruturas sociais do País em que nasceram os cravos do 25 de Abril.

Por ter resistido às lutas, aos encontros de força e às intrigas da primeira fase da revolução, ganhou o presidente Costa Gomes fama de sobrevivente, e toda a gente sabe que essa fama tinha e tem um carácter depreciativo.

Não é preciso, porém, pensar muito para se verificar como estas acusações são falsas e desprovidas de razão.

Que o presidente Costa Gomes não é timorato nem indeciso, sabem-no bem os oficiais e os civis que o ameaçaram e a quem ele disse claramente que fossem para a rua com a força que julgavam ter, na certeza de que iriam encontrá-lo pela frente, a ele e à força que ele efectivamente tinha. Felizmente para todos nós esses oficiais e esses civis não quiseram sujeitar-se à prova.

Que o presidente Costa Gomes é, efectivamente, inimigo de quantos pretenderam levá-lo para a direita, é tão evidente que não carece de demonstrações, o que justifica as inimizades que criou entre os saudosistas do passado. Que os românticos da vida e sem conhecimento da realidade nacional têm fortes razões para se queixarem dele, parece também evidente. As razões de queixa de uns e outros, porém, reflectem-se positivamente sobre o comportamento deste homem que se considera amador em matéria de política, mas não tão amador como alguns teóricos que por aí abundam e que parece não saberem distinguir entre as páginas dos livros que lêem e o mapa de Portugal.

Que o Presidente Costa Gomes sobreviveu aos problemas que enfrentou, às intrigas com que o quiseram liquidar e aos conflitos que teve de resolver, é também verdade. É verdade e ainda bem. Porque, se ele não tivesse sobrevivido, teriam sobrevivido os problemas, as intrigas e os conflitos. Porque, se ele não tivesse sobrevivido, não se teria criado o clima que permitiu a institucionalização da democracia. Porque, se ele não tivesse sobrevivido, talvez muitos dos que o difamam não estivessem, agora, em condições de o difamar.

Tudo o que se refere aos dois primeiros anos da 2.ª República é fascinante para quem acompanha a sequência do País e as figuras que apareceram no tablado político — o seu aparecimento reflectiu sempre o que se ia passando — não podem deixar de interessar quantos conhecem as lutas «escondidas» que se travaram longe da ribalta e que depois, muitas vezes sob outras formas, chegaram ao conhecimento do público.

Os seres humanos António de Spínola, Vasco Gonçalves, Costa Gomes, Pinheiro de Azevedo, Otelo Saraiva de Carvalho e tantos outros, independentemente do facto de se terem apoiado e atacado alternadamente, de terem lutado pela mesma causa e por causas diferentes no decorrer do tempo, e de alguns deles mesmo hoje defenderem posições que o seu passado revela não podermos ainda considerar definitivas, foram participantes e testemunhas dum processo que altera definitivamente o curso da História de Portugal.

Ouvi-los para entender melhor o evoluir do processo revolucionário em curso e para registar a sua experiência política e humana é uma tarefa apaixonante para um escritor e jornalista que se bateu ao longo da vida pela transformação da terra em que nasceu e que, por isso mesmo, acompanhou pessoalmente, tão pessoalmente que o sentiu na carne, a luta que alguns portugueses travaram para que o dia dos cravos viesse mais depressa.

A decisão de iniciar esta conversa pelo general Costa Gomes tem, é certo, o carácter de uma homenagem pessoal, mas reflecte também o desejo de registar, tão depressa quanto possível, as impressões ainda frescas dum homem cuja saída da Presidência da República encerra um capítulo importante da História de Portugal depois do 25 de Abril.

A Nação ficou surpreendida com a passagem do senhor general à reserva militar. Considera-se que o senhor general, não tendo querido candidatar-se à Presidência da República, como lhe foi solicitado por democratas de todo o País, se constituía uma «reserva da República», e o senhor general preferiu dizer que era uma «reserva da Nação», e que estava à disposição das Forças Armadas. Como entende que se poderá verificar o aproveitamento do seu saber e da sua grande experiência militar?

Eu julgo que é fácil aproveitar os meus conhecimentos estando eu na reserva. Isto porque a situação de reserva, para os oficiais, é uma situação intermédia entre o activo e a reforma para os funcionários civis. Um oficial que está na reserva está sempre apto a desempenhar qualquer missão de que seja incumbido.

A sua resposta só responde a parte da minha pergunta, porque o que me interessa saber é se há alguma função específica e concreta que o senhor general possa desempenhar e que envolva o aproveitamento a que me referi.

Julgo que a melhor missão que me pode ser atribuída é a de conselheiro, digamos assim, na reorganização que se impõe das Forças Armadas. Esta reorganização tem de ser levada a cabo o mais rapidamente possível, porque as Forças Armadas de que dispúnhamos, além de serem excessivamente numerosas, estavam organizadas e preparadas para cumprirem uma missão que deixou de ter razão de ser. Tivemos de fazer face a uma guerra subversiva e por isso as nossas Forças Armadas foram estruturadas e instruídas com objectivos muito precisos, muito especializados. Presentemente temos de garantir a soberania nacional e de estar preparados para o cumprimento de missões que nos advenham dos tratados internacionais a que aderimos. Isso obriga a uma reorganização das Forças Armadas, que terão de ter outras características e outra instrução. Chamo a sua atenção para o facto de que, ao classificar de «subversivas» as guerras que tivemos de enfrentar nas antigas províncias ultramarinas, estou a usar uma expressão técnica que de forma alguma reflecte um juízo — e muito menos um juízo depreciativo — sobre o significado da luta que os povos de África travaram pela sua libertação.

O senhor general tem tido tempo para pensar nesses problemas?

Desde há muito que me preocupo com esta reorganização, por entender que os nossos compromissos não têm estado a ser cumpridos e que as nossas Forças Armadas se estavam a desfasar muito das Forças Armadas dos outros países, já que as nossas estavam a ser preparadas e instruídas para o desempenho duma missão «especializada».

Falámos da passagem do senhor general à situação de «reserva militar» da Nação, mas o que me interessa mais é saber o que o senhor general pensa da sua passagem à «reserva política»...

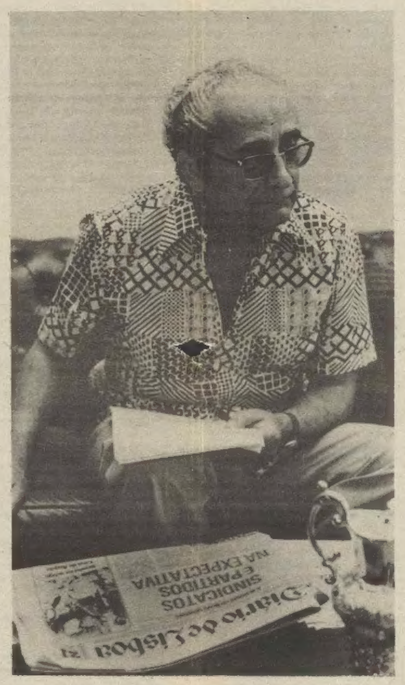
Tenho dito várias vezes que sou fundamentalmente um militar, tanto por formação como por educação e por vocação. Apesar de ter tido, em 1945, uma hesitação entre a carreira militar e a universidade, a verdade é que acabei por seguir a primeira. Aqui devo dizer que não fui eu que fiz as contas — foi o ministro do Exército de então, que praticamente me obrigou a tirar o curso do Estado-Maior. De qualquer forma nunca mais hesitei e desde então dediquei-me única e simplesmente à carreira militar. Em política fui sempre um amador que fez o melhor que pôde e o melhor que soube. Ainda hoje não sou um bom político, apesar destes vinte e um meses me terem dado uma certa prática. Nesse ponto, aliás, não me parece que seja muito diferente da maior parte dos portugueses que neste momento desempenham funções políticas, já que, na sua grande maioria, começaram a adquirir a experiência que têm depois do 25 de Abril. Como disse, desempenhei as missões que me competiram desempenhar ao longo destes meses, valendo-me do conhecimento que tenho dos homens e da vida...

O senhor general não respondeu à pergunta que lhe fiz. O que eu gostaria de saber é se admite ter passado, não apenas à «reserva militar», mas também à «reserva política» do País...

Sob alguns aspectos julgo que sim, que passei à reserva política do País, porque não há dúvida de que adquiri um certo número de conhecimentos, e até de amizades, com elementos de vários grupos políticos que me procuram e que creio ter obrigação de ajudar na medida do possível. É claro que agora, com mais tempo disponível, posso aprofundar os meus conhecimentos teóricos estudando as diversas opções políticas, para aconselhar com mais propriedade os que me procuram.

O senhor general foi o primeiro militar português a pronunciar-se contra a guerra colonial. Quererá dizer-me o que o levou a tal pronunciamento poucos meses após o seu afastamento do Governo, em 1961? Interessa-me, fundamentalmente, saber se o senhor general, na época, estava isolado, ou se já havia então, no Exército, uma corrente desfavorável à guerra colonial.

Para lhe dizer a verdade, julgo que nessa altura havia muito poucos oficiais que pensavam nestes problemas, sobretudo nos problemas que uma guerra subversiva podia acarretar. Julgo mesmo que só os oficiais mais em contacto com o estrangeiro, que tivessem seguido com atenção a evolução das guerras subversivas, é que estariam em condições de ter ideias mais precisas e claras sobre as suas consequências. Eram muito poucas as pessoas que nessa altura pensavam como eu. E preciso não esquecer que os nossos oficiais não tinham vivido a Guerra da Coreia, a Guerra da Indochina e a Guerra da Argélia e não tinham tido por isso a oportunidade de analisar as consequências de guerras desse tipo, tal como não tinham tido ocasião de estudar as possibilidades que os diferentes contendores tinham de as vencer. Que eu conheça, as únicas guerras deste tipo ganhas contra os seus iniciadores foram as do Quénia, ganha pelo Exército britânico contra os Mau-Maus», e a da Malásia. Mesmo no caso da Guerra da Malásia, porém, não se pode dizer que a vitória tenha sido decisiva, porque passado pouco tempo foi concedida a independência à Malásia. De qualquer forma não há dúvida de que o Exército britânico conseguiu reduzir substancialmente as áreas em que se verificara a subversão.



«Tanto eu como o general Botelho Moniz pensávamos que a guerra colonial nos era nefasta sob todos os pontos de vista»

BOTELHO MONIZ

O senhor general disse, há pouco, que em política, se considerava um «amador», mas esse facto não o impediu, certamente, de compreender que ao vir a público, em 1961, afirmar que as guerras coloniais não podiam ter uma solução militar, estava a tomar uma atitude política. Por outras palavras: ao afirmar que as guerras coloniais não podiam ter, do ponto de vista técnico, uma solução militar, o senhor general sabia muito bem que estava a tomar uma atitude que tinha, necessariamente, consequências políticas... Ao vir a público, portanto, queria apenas ficar de bem com a sua consciência ou pretendia que a sua intervenção tivesse consequências políticas?

Quis tomar uma atitude que ficasse perfeitamente clara e que não pudesse ser sofismada, tanto mais que a actuação do general Botelho Moniz e do grupo que o apoiara ficara bastante nebulosa na altura. Em meu entender tornava-se necessário definir a posição desse grupo. Tanto eu como o general Botelho Moniz ou, melhor, tanto o general Botelho Moniz como eu, pensávamos que a guerra colonial nos era nefasta sob todos os pontos de vista, que não podia conduzir a nenhuma situação favorável aos interesses do povo português, e que podia mesmo ter para nós consequências graves, a verificar-se a necessidade de um dia termos de ceder e de proceder a uma descolonização precipitada, como aliás e até certo ponto veio a acontecer. Naquela altura tínhamos reunido condições políticas e militares que nos eram favoráveis e que nos permitiam planificar a descolonização de forma a levá-la a cabo sem precipitações, duma forma organizada e controlada. Mais: podíamos aproveitar os doze anos durante os quais os americanos estavam dispostos a apoiar-nos para levarmos a cabo a tarefa da descolonização que se impunha, com evidentes benefícios tanto para nós como para as novas Nações que surgissem das nossas províncias ultramarinas.

Sempre me fez impressão a ingenuidade dos homens que tomaram parte no «movimento» ou no «golpe» — o nome aqui é indiferente — do general Botelho Moniz. O senhor general não acha que foi duma extrema ingenuidade permitirem que Salazar ficasse em liberdade para os mandar prender?

Não há dúvida de que houve uma grande indecisão, mas essa indecisão tem uma explicação: é que nós, os que pertencíamos ao grupo que apoiava o general Botelho Moniz, estávamos convencidos de que dispúnhamos da força necessária para que a revolução tivesse lugar sem derrame de sangue, como aconteceu no 25 de Abril. Não há dúvida de que na altura todos os comandantes de Região Militar e das forças militarizadas estavam com o general Botelho Moniz e com o seu grupo, o que explica a tal ingenuidade aparente a que se referiu. Só nas vinte e quatro horas que antecederam o 13 de Abril é que essas forças começaram a falhar, como aliás acontece em quase todas as revoluções.

Pelo menos antes do vinte e cinco de Abril era de tradição...

Sem sombra de dúvida.

Como é que o artigo do senhor general foi recebido nos meios militares?

Foi bem recebido, apesar de muitos oficiais o não terem compreendido. Poucos pensavam em problemas desta natureza, como já tive ocasião de lhe dizer. Isto tanto pelos motivos apontados como porque a nossa profissão tem o defeito de nos vincular muito a uma rotina que nos leva a dedicarmo-nos inteiramente às nossas tarefas. Raras vezes temos ocasião de examinar problemas que se projectam no tempo e falta-nos, por isso...

Iniciativa no campo da imaginação?

E isso mesmo. De qualquer forma, na época, poucos pensavam nestes problemas. Para se entender bem o nosso estado de espírito basta dizer que em 1958 — mais precisamente no dia 4 de Abril de 1958 — saiu um diploma reorganizando militarmente o Ultramar em função do auxílio que ele pudesse prestar à Metrópole numa guerra convencional. Veja bem o que lhe digo: a reorganização a que me refiro nem sequer admitia a hipótese duma guerra subversiva e estava tão afastada da realidade africana que nem sequer contemplava a possibilidade de virmos a en-

Continua na pág. 12



«Desde há muito que me preocupo com a reorganização das Forças Armadas».



«O prof. Marcelo Caetano quis, em determinada altura, tomar medidas que levassem a uma solução política do problema colonial.»

Entrevista

Continuação da pág. 11

frentar uma guerra dentro de pouco tempo...

O senhor general entende que, além de erros políticos, também se cometeram erros técnicos nas guerras coloniais?

Com certeza. Cometeram-se erros técnicos, e erros técnicos muito graves, embora inevitáveis. Para começar verifiquou-se uma grande falta de continuidade, tanto entre as tropas que se rendiam de dois em dois anos como entre os comandos. Isto ao contrário do que acontecia com os nossos adversários. Enquanto que estes foram sempre, ao longo dos anos, melhorando os seus comandos, a instrução das suas unidades, os seus processos e as suas formas de actuar, nós fomos piorando em todos os campos. Isto por diversas razões, de entre as quais a principal será, certamente, o facto de termos procedido de dois em dois anos, a uma rendição maciça tanto dos soldados como dos comandos. A segunda foi o facto de não termos podido acompanhar o ritmo da evolução técnica dos armamentos. À medida que o tempo decorria os nossos armamentos iam piorando em relação aos utilizados pelos nossos adversários. Podemos dizer sem que nos contestem que a partir de 1970-71 o nosso armamento era muito inferior ao dos nossos adversários. Durante algum tempo tivemos a vantagem de dispor de uma Força Aérea de que os nossos contendores não dispunham, mas a partir da introdução do míssil terra-ar «Strella» essa vantagem diminuiu consideravelmente. O nosso potencial militar e a eficiência das nossas tropas foram assim diminuindo duma forma mais do que considerável. Acresce que a partir de 1968 esta situação se foi progressivamente agravando, porque as tropas que nos podíamos recrutar e mobilizar na Metrópole não chegavam para fazer as substituições. O resultado desta situação foi que tivemos de ir militarizando cada vez mais as nossas Forças Armadas — os últimos natalhões que recebi em Angola apenas tinham três oficiais do Quadro Permanente. No que se refere aos sargentos esses batalhões tinham apenas um sargento do Quadro Permanente, por companhia quando deviam ter pelo menos oito. Esta situação contribuiu para baixar o nível das nossas unidades, mas houve outro factor importante: como o contingente não chegava sequer para fornecer o número de soldados necessários, tivemos de fazer a mesclagem das unidades, isto é, tivemos de introduzir nas companhias cerca de metade dos sargentos e dos cabos recrutados no Ultramar. O resultado foi que a partir dessa altura as nossas unidades passaram a partir para o mato com eficiência operacional muito reduzida em comparação à que tinham no início da guerra, quando eram constituídas por uma massa homogénea de metropolitanos comandados por oficiais do Quadro Permanente.

O AUGE DA GUERRA

Presumo que o Governo estaria a par de todos os problemas que o senhor general acaba de referir...

Sim, estava perfeitamente a par de tudo isto.

Mas como é que ele reagia perante esta situação que o senhor general me acaba de descrever e que, embora já de si grave, estava necessariamente destinada a agravar-se ainda mais?

Já uma vez um jornalista do «Washington Post» me fez essa mesma pergunta, que me tem dado que pensar. Respondo-lhe como lhe respondi a ele: com excepção do prof. Marcelo Caetano o Governo não tinha uma consciência clara do fenómeno que se estava a processar. O prof. Marcelo Caetano tinha essa consciência e quis, em determinada altura, tomar medidas que levassem a uma solução política do problema colonial. Numa entrevista que ele concedeu recentemente, julgo que ao «Globo» do Rio de Janeiro, ele chegou a afirmar que estava no seu espírito dar a independência às províncias ultramarinas. O que ele nunca teve foi o apoio do seu ministério, que defendeu sempre a resistência fosse como fosse. Os defensores dessa resistência a todo o custo chegaram a admitir uma derrota militar na Guiné. O Governo, em determinada altura, chegou realmente a encarar a hipótese de ceder a Guiné para concentrar todos os recursos na defesa de Angola e de Moçambique.

Pessoalmente Salazar interferia na condução da guerra, dando opiniões sobre os seus aspectos técnicos ou aconselhando o Exército a proceder desta ou daquela maneira?

Não posso responder a essa pergunta porque só servi no Governo de Salazar um mês, entre Março e Abril, logo no início da guerra. No decorrer desse mês nunca teve qualquer interferência mas, como sabe, depois do 1 de Abril de 1961 ele tomou conta da pasta da Defesa e é possível que tenha interferido pessoalmente na condução das operações. Se o fez, ou se delegou no senhor general Gomes de Araújo as decisões de carácter puramente militar, é coisa que não sei. O que lhe posso dizer é que ainda servi no Ultramar no tempo dele — estive quatro anos em Moçambique e dois anos e meio em Angola — e que nunca recebi qualquer directiva militar sua. Tudo o que se fez, tanto em Moçambique como em Angola, e aí com maior liberdade porque eu era o comandante-chefe, foi feito de acordo com as minhas concepções, sem que eu tivesse tido qualquer directiva ou sugestão da parte das autoridades políticas ou militares.

O senhor general considera que as guerras coloniais contribuíram de alguma forma para tornar Portugal mais «dependente» económica e socialmente?

É evidente que sim. Durante as guerras coloniais a nossa política externa só teve uma preocupação: pedir (o termo é este) aos diferentes Governos onde os nossos representantes estavam acreditados que votassem a nosso favor na O. N. U., ou, pelo menos que se abstivessem de votar contra nós nas diversas questões que iam surgindo. Isso foi-nos criando uma sujeição evidente. Por outro lado, como a maior parte das nações se recusou a vender-nos armamento, tivemos de recorrer a manobras subterrâneas para o obter, o que criou outras formas de sujeição.

MARCELO CAETANO

Quando Caetano sucedeu a Salazar houve uma reunião de altas patentes militares que o ouviram e fizeram como que um julgamento do que ele se propunha fazer. Diz-se que essa reunião teve lugar à porta fechada, com oficiais armados nos corredores, e que o «colégio» se preparava para eliminar Caetano da lista dos candidatos possíveis à Presidência do Conselho se ele manifestasse o propósito de encontrar uma solução política para as guerras coloniais. O senhor general sabe alguma coisa a este respeito?

Não, porque estava em Moçambique quando isso aconteceu. O que lhe posso dizer é que o prof. Marcelo Caetano, logo depois de assumir as suas funções, fez uma viagem-relâmpago aos três teatros das operações e que proferiu, na Associação Comercial de Lourenço Marques, um discurso que considerei notável para a época porque declarou que ia conceder autonomia e reconhecer o direito à autodeterminação das províncias. Isto passou-se, se não me engano, em Maio ou em Junho de 1969...

Recuou muito depois disso...

Parece que sim, parece que sim, mas eu sou de opinião que esse recuo se deve atribuir mais a pressões a que ele não soube fazer face do que propriamente ao seu pensamento pessoal. Foi incontestavelmente a pessoa mais receptiva que encontrei no Governo para a ideia de se encontrar, para o problema colonial, uma solução que não fosse a defendida pelos outros de prosseguirmos com uma guerra sem objectivos e sem fim.

Já que falámos na orientação do regime de Caetano, uma pergunta directamente relacionada com os seus objectivos: a chamada política da «evolução na continuidade» tinha visão uma liberalização do regime em relação às anteriores estruturas corporativas, ou representaria um conservantismo social no fundo destinado a servir as forças neocapitalistas em desenvolvimento?

Pessoalmente julgo que, no seu foro íntimo, o prof. Marcelo Caetano queria liberalizar o regime, mas que não soube fazê-lo. Apesar de incontestavelmente inteligente, o prof. Marcelo Caetano tinha um defeito grave: era uma pessoa de decisão...

Mastigada?

Exactamente, mastigada. Não era capaz de impor o seu pensamento, não era capaz de vincular os diferentes elementos que formavam a sua equipa a uma linha de rumo, não conseguia fazer-se obedecer. Em consequência foi sempre muito influenciado, quer pelos grandes capitalistas, quer por outras forças que defendiam os monopólios.

Na opinião do senhor general a política caetanista teria sido, portanto, flutuante e irregular. Ele teria governado mais de acordo com as últimas pressões a que acabava de ser sujeito do que de acordo com uma linha predeterminada...

Não, eu não diria bem isso. Eu diria antes que ele tinha uma ideia do que pretendia fazer e uma linha de rumo definida, mas que não as conseguiu impor. Na minha opinião, o que ele não conseguiu foi que a sua linha de rumo vencesse as resistências que as tais forças lhe opunham e o resultado foi que acabou sempre por ceder perante as forças da direita e da extrema-direita.

MOVIMENTO DOS CAPITÃES

Como demonstrou, aliás, logo no seu primeiro discurso de Presidente do Conselho — se não me engano foi o primeiro — que teve de desmentir dias depois, visivelmente pressionado por forças a quem o tom da chamada «primavera política» não agradava... Voltando, porém, ao presente, quero fazer ao senhor general uma pergunta que já lhe deve ter sido feita dezenas de vezes, mas que continua a provocar discussões e acerca da qual gostaria de ter a sua opinião em termos inequívocos: o que foi rigorosamente o 25 de Abril? Refiro-me, evidentemente, não ao resultado de revolução, mas ao que levou os oficiais que nela participaram a revoltar-se. Para uns o 25 de Abril não passou dum movimento castrense contra a política de



guerra, para outros duma reivindicação ligada aos primeiros objectivos do movimento dos capitães, e para outros ainda dum movimento revelador duma tomada de consciência por parte das Forças Armadas...

O movimento começou realmente por uma reivindicação de classe que abrangeu sobretudo os capitães e os majores. Estes sentiram-se lesados por uma lei iniqua que, passando por cima de direitos adquiridos com o decorrer dos anos, permitiria que os oficiais do quadro fossem ultrapassados por oficiais oriundos dos quadros milicianos. Com o decorrer do tempo, porém, o movimento foi-se transformando e adquirindo objectivos que ficavam muito para além dos iniciais. A fase reivindicativa inicial foi ultrapassada e o movimento passou a visar uma transformação radical da sociedade portuguesa, reflectindo portanto uma consciencialização que as Forças Armadas adquiriram e foram robustecendo no decorrer das guerras coloniais.

Não quero, evidentemente, entrar no campo da ficção científica, mas quero fazer-lhe uma pergunta que assenta, não em factos concretos, mas numa hipótese. Atribuo aliás uma grande importância a esta pergunta. Se Caetano tivesse cedido perante as reivindicações dos capitães no referente à lei que as provocou, por quanto tempo julga o senhor general que a explosão, para mim inevitável, do 25 de Abril teria sido protelada.

Tenho como certo que o regime não se aguentaria mais de oito ou dez meses e vou dizer-lhe as razões que me levam a fazer esta afirmação. A nossa situação já o disse e volto a dizê-lo porque é importante que todos o entendam, tinha uma natureza muito especial. Por um lado os quadros permanentes do Exército — tanto o quadro dos oficiais como o quadro dos sargentos — estavam completamente esgotados e por outro lado todos estávamos firmemente convictos de que não era pela continuação da guerra que iríamos resolver o problema colonial. Era convicção generalizada entre os oficiais e os sargentos — havia algumas excepções, mas muito poucas — que a guerra não poderia ter um desfecho que nos fosse favorável. Para além desta convicção generalizada de que urgia encontrar uma solução política para o problema colonial as nossas forças, como já tive ocasião de dizer, enfraqueciam dia a dia e o nosso potencial, quando comparado com o dos nossos adversários, ia também diminuindo dia a dia. Nos últimos tempos esta diminuição do nosso potencial acentuou-se duma forma extraordinária. Em 1973 começaram a aparecer na Guiné as armas sofisticadas que pouco tempo depois apareceram em Moçambique e que iam fatalmente aparecer em Angola, porque as nações que as forneciam à Guiné e a Moçambique era as mesmas que forneciam armas aos nossos oponentes de Angola. A situação das forças portuguesas deteriorava-se cada vez mais rapidamente, enquanto os nossos militares adquiriam uma consciência cada vez mais perfeita do dilema que enfrentavam. Nestas circunstâncias a explosão era inevitável.

No entender do senhor general, portanto, mesmo que o Governo tivesse cedido às reivindicações dos capitães e dos majores, não se aguentava um ano...

Estou certo disso.

Entende o senhor general que as associações e os partidos políticos que se formaram depois do 25 de Abril procuraram mobilizar os portugueses para que estes apoiassem conscientemente o Programa do M. F. A., ou entende, pelo contrário, que se procuparam sobretudo em conquistar posições no aparelho de Estado, nas administrações e nas autarquias locais?

Julgo que a segunda hipótese que me pôs é que é a verdadeira. Em meu entender, depois do 25 de Abril nem as associações nem os partidos políticos tiveram qualquer preocupação de auxiliar o Programa do M. F. A. e ajudar os oficiais, que eram muito generosos mas um pouco ingénuos, a cumprirem fielmente esse Programa. O principal objectivo das associações e dos partidos foi o de adquirirem posições que lhes permitissem conquistar o aparelho de Estado, as autarquias e o eleitorado, para se implantarem no País, como veio a acontecer.

Faço esta pergunta porque há muitos homens políticos que se queixam de actuação dos militares, mas raras vezes se tem perguntado aos militares o que eles pensam da actuação dos homens políticos...

É certo. Julgo que os homens políticos tinham tido a obrigação de auxiliar os militares nos seus primeiros passos, porque os militares, com raras excepções, não tinham experiência política. Refiro-me, está bem de ver, aos militares do 25 de Abril. Os que tinham uma certa prática política ou uma cultura política que os pudesse pôr a par dos políticos que antigiram as cúpulas dos partidos contam-se pelos dedos. Teria sido bom para este País que os políticos tivessem, de facto, dado a mão aos militares nessa altura porque a união Povo-M. F. A. ter-se-ia realizado duma forma muito mais perfeita e muito mais útil para a evolução política, económica e social.

Aproveito a deixa para perguntar o que o senhor general pensa da presente situação económica do País.

Penso que estamos numa situação económica francamente crítica e que precisamos absolutamente de sair dela, sem grandes convulsões e sem grande agitação da população. Na minha opinião, sem resolvermos o problema económico não podemos resolver nenhum outro. O problema cultural, o problema sanitário, o problema político — todos os problemas, em suma, estão neste momento dependentes da solução do problema económico. Este problema económico, Este problema só poderá ser resolvido, porém, se todos os portugueses se unirem num projecto comum e trabalharem arduamente. Não lhe escondo que este é, de entre os problemas portugueses, o que mais me preocupa.

Na segunda-feira: «Não me parece que o Governo tenha viabilidade»

EXCURSÕES abreu em autopullman
TRADIÇÃO NA QUALIDADE

ANDALUZIA – 10 dias
Partidas: 16-18-20-17-21-18-4-9 Esc. 6.800$
ESPANHA ANDORRA E LOURDES – 11 dias
Partidas: 16-6-21-7-4-18-8-8-9 Esc. 7.900$
VERÃO AMENO – 21 dias
Espanha-França-Luxemburgo-Alemanha-Holanda-Bélgica e regresso
Partidas: 5-8-9 Esc. 22.170$
ESPANHA E FRANÇA – 15 dias
Partidas: 11-7-15-8-12-9 Esc. 11.400$
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA abreu fundada em 1840
LISBOA Av. da Liberdade, 190 • Telef. 370021
PORTO Av. dos Aliados, 207 • Telef. 37921
COIMBRA Rua da Sota, 2 • Telefs. 27017/8
FARO Rua Cons. Bivar, 65 • Telefs. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Estrangeiro

Nuvem no céu de Marte fotografada pela sonda

PASADENA (Califórnia), 24v (ANOP e FP) — Surgiu uma nuvem numa fotografia enviada, ontem de Marte, pela Viking-1.

Esta nuvem é do tipo «cúmulon» — indicam os especialistas de fotografia do Centro Espacial de Pasadena. A fotografia era a preto e branco e, por isso, ficou-se sem saber qual a cor da nuvem.

Esta foto abrange uma zona que ainda não tinha sio examinada: podemos ver nela um grande rochedo e, ao longe, dunas de areia.

As dunas, registadas pela objectiva da máquina, depois dos cientistas terem feito gerar uma das câmaras para focar um ângulo diferente, aparecem claramente, perto do lugar onde a nave poisou e, mais ao longe, avista-se uma colina.

As máquinas fotográficas parecem ser os aparelhos que até agora melhor funcionam, a bordo da nave que começou a ter problemas técnicos que ameaçam pôr em perigo o êxito da sua missão.

A avaria que continua a preocupar mais os cientistas, é a que afecta o braço mecânico, que, na próxima semana, deveria começar a recolher amostras de solo para análise no laboratório biológico, transportado pelo módulo de aterragem.

Estas experiências eram cruciais para a investigação sobre a possível existência de vida no planeta vermelho.

Os técnicos da base espacial de Pasadena trabalham 24 horas por dia, para tentarem reparar a avaria que bloqueou o braço mecânico, impedindo-o de cumprir as ordens que a base envia para o computador de bordo.

Segundo o director do programa Viking, James Martin, a falha foi provocada por um erro humano, na programação enviada da Terra para o módulo.

Apesar de presentemente a distância entre a Terra e Marte se cifrar em aproximadamente 342 milhões de km, os técnicos de Pasadena estão optimistas e esperam resolver o problema enviando ao computador do módulo novas instruções. Porém, até amanhã à noite não se poderá ter a certeza se a pá escavadora funcionará ou não.

Menos encorajantes são as perspectivas em relação ao sismógrafo do módulo, que ficou encerrado na sua câmara de protecção, e até agora ainda não foi possível libertá-lo, para o pôr em funcionamento.

Os geólogos do projecto atribuem muita importância a esta falha, uma vez que o sismómetro, com as suas medições dos «maremotos», podia proporcionar dados inestimáveis sobre a composição interna do planeta.

Outro dos contratempos surgidos afecta os dois rádios do módulo de aterragem que começaram a apresentar defeitos no funcionamento.

Este facto impediu ontem o envio de outra fotografia a cores, conforme estava programado.

Até este momento, só foi recebida na Terra uma imagem em cor, que revelou que a superficie marciana tem efectivamente um tom avermelhado, embora subsistam dúvidas sobre se o tom do céu é rosado ou azul.

Aparentemente, as avarias nos rádios são de pouca monta e os peritos esperam solucioná-las nas próximas horas.

O rádio, que recebe comunicação directa da Terra, não recolhe devidamente as emissões e o que envia informações para o módulo orbital transmite numa potência anormalmente baixa.

Estas falhas são atribuidas pelos cientistas a interferências atmosféricas que se espera que desapareçam.



O estado em que ficou o carro do embaixador inglês na República da Irlanda, Christopher Ewart-Biggs, depois da explosão duma mina terrestre que vitimou o diplomata e uma funcionária, Judith Cook. Em relação com o atentado, já foram efectuadas prisões de elementos suspeitos de pertencerem ao IRA, enquanto se desencadeia a maior caça ao homem da história do Eire, para se encontrarem três desconhecidos que se supõe terem sido os bombistas. (Foto Keystone)

Amnistia para 636 presos políticos será solicitada ao rei Juan Carlos

MADRID, 24 (R) — Será solicitado ao rei Juan Carlos, na próxima semana, para conceder uma amnistia a cerca de 636 presos políticos espanhóis, segundo anunciou o governo de Adolfo Suárez Gonzalez.

Não revelou quantas pessoas seriam abrangidas ou se a amnistia se aplicaria a espanhóis vivendo no estrangeiro, mas procurados pelas autoridades por causa de crimes políticos em Espanha.

Do mesmo modo, o governo não divulgou se permitiria que fossem apresentadas reivindicações para indemnizar ou readmitir pessoas despedidas de cargos no serviço público, após o fim da guerra civil espanhola, que começou fez esta semana 40 anos.

O comunicado de ontem do governo do primeiro-ministro Adolfo Suárez, recentemente formado, coincidiu com manifestações em Barcelona, a segunda cidade de Espanha, em que se exigiu amnistia sem exclusão para os presos políticos do país.

A polícia disparou balas de borracha e empregou bastões para dispersar as várias centenas de manifestantes, que tentaram concentrar-se no centro da cidade.

Ignora-se se se efectuaram prisões.

Em Madrid, o ministro da Informação, Andes Reguera Guajaro, afirmou que o governo pediria ao soberano, em 30 de Julho, uma amnistia política. Espera-se que o monarca faça a sua comunicação formal, pouco depois.

Notificou-se que alguns dos ministros mais novos se mostram a favor de uma grande amnistia política. Contudo, fontes bem informadas disseram que os ministros militares, a frente o vice-primeiro-ministro, tenente-general Fernando Santiago Y Diaz de Mendivil, querem conservar na cadeia indivíduos condenados por crimes terroristas.

Círculos diplomáticos afectos às altas esferas disseram que oficiais franquistas das Forças Armadas, que preconizam uma linha dura, não se mostram entusiasmados com a promessa de Adolfo Suárez, de levar a Espanha para a democracia. Pelo contrário, acham-se preocupados por o corrente ritmo de reformas democráticas poder conduzir a instabilidade.

No entanto, a Oposição tem alegado que tanto o governo de Súarez como o do seu predecessor Carlos Arias Navarro são demasiado lentos em reofrmar as estruturas autoritárias deixadas pelo Caudilho.

Um dirigente do Partido Comunista Espanhol, que passou quase metade da vida na cadeia, foi solto ontem, à noite, nos termos das cláusulas de reforma do Código Penal.

Luis Lucio Lobato, de 54 anos, membro da Comissão Central do PCE, foi libertado, após cumprir seis anos de uma pena de 25 por ser um dirigente daquele partido e por distribuir propaganda ilegal. Ao todo, passou 25 anos na prisão.

Êxito de Andreotti depende dos comunistas italianos

ROMA, 24 — (ANOP) — As hipóteses do primeiro-ministro designado, Giulio Andreotti, formar um novo Governo italiano, foram hoje ensombradas pela decisão do Partido Republicano e Social-Democrata de se abster em qualquer voto de confiança no Parlamento.

Os dois partidos, aliados do cristão-democrata, tomaram esta decisão ontem, por acordo unânime dos respectivos directórios.

Os problemas de Andreotti foram aumentados com uma declaração do presidente do Partido Socialista de que o melhor que os cristãos-democratas poderiam esperar do seu partido, seria outra abstenção.

Por outro lado, fontes políticas informaram que estes acontecimentos significam que os comunistas serão o elemento to determinante para o sucesso de Andreotti, na formação do 39.º Governo italiano, desde a queda do fascismo durante a Segunda Guerra Mundial.

Os comunistas, o segundo partido mais importante, depois do cristão-democrata, não indicaram se se absteriam ou se oporiam ao partido governamental, em caso de um teste de confiança parlamentar.

Após uma reunião de uma hora, com o secretário cristão-democrata, Benigno Zaccagnini, o seu homólogo socialista, Bettino Carxi, declarou que o seu partido não apoiaria nem participaria dum governo com os cristãos-democratas.

«Quanto à ideia de um governo de minoria cristão-democrata, só temos duas possibilidades: o voto contra ou a abstenção», afirmou aquele responsável socialista.

Craxi disse ainda que a opção socialista entre estas duas alternativas, dependeria da programação e da estrutura do governo proposto por Andreotti.

O primeiro-ministro designado tem estado a tentar formar um governo baseado nos resultados das eleições nacionais italianas de 20 e 21 de Junho passado, nas quais o partido dominante, cristão-democrata conservou a liderança, apesar dos substanciais avanços comunistas.

Os resultados, no entanto, não permitem a nenhum destes dois partidos formar um governo com os respectivos aliados tradicionais do Parlamento.

ASSEMBLEIA DA SICÍLIA PRESIDIDA POR UM COMUNISTA

PALERMO (Sicília), 24 — (ANOP) — Pancrazio de Pasquale, membro do Partido Comunista Italiano, foi eleito para o cargo de presidente da Assembleia Regional Siciliana — anunciou a agência Ansa.

De Pasquale obteve 70 votos, tornando-se no primeiro comunista a ocupar um tal cargo.

Na votação estiveram presentes 88 dos 90 deputados da Assembleia Regional, que conta com 39 democratas-cristãos, 24 comunistas, 10 socialistas, 9 MSI-DN, 4 republicanos, 2 liberais, e 2 socials-democratas.

Caleidoscópio

WASHINGTON, 24 — (ANOP) — Círculos diplomáticos latino-americanos de Washington sugeriram a realização de uma reunião urgente do Conselho Permanente da Organização dos Estados Americanos (OEA), a fim de serem apreciados os confrontos fronteiriços entre as Honduras e o Salvador.

ATENAS, 24 — (R.) — A Marinha grega reforçou hoje as suas patrulhas no norte e leste do Mar Egeu, quando um navio sismográfico turco navegava para as disputadas áreas, à procura de petróleo.

Uma fonte autorizada declarou ontem, à noite, em Atenas, que o Governo se manteria vigilante, mas que não havia razão para ansiedade.

A tensão entre a Grécia e a Turquia agudizou-se hoje quando o barco turco «Sismik-1» navegava para o Egeu, onde se esperava que entrasse, de manhã, embora a sua rota continuasse a ser desconhecida.

WASGINTON, 24 — (ANOP) — O presidente Gerald Ford tem um número suficiente de delegados para obter a nomeação republicana para a presidência — afirmou ontem o chefe da sua campanha.

Por seu turno, os serviços da campanha de Ronald Reagan afirmam também que este conta com um número de delegados mais do que necessário para ganhar a nomeação pelo Partido Republicano.

SALT LAKE CITY (Utah), 24 — (ANOP) — Um tribunal de Salt Lake City, condenou ontem o congressista Allan Howe por ter solicitado favores sexuais à duas mulheres-policias disfarçadas de prostitutas.

Allan Howe foi condenado em 30 dias de prisão e 150 dólares de multa.

Virtualmente paralisados o Uganda e o Ruanda

NAIROBI, 24 (ANOP) — Grupos de soldados ugandeses, «indisciplinados», «sequestraram» reservas de petróleo no valor de meio milhão de dólares, para assegurarem a continuação do funcionamento do exército, segundo anunciaram hoje fontes diplomáticas.

Por outro lado, o jornal queniano «Daily Nation» noticia que mil quenianos que residem no Uganda se dirigem a pé para a fronteira, a fim de fugirem a pilhagem de soldados ugandeses.

O Uganda e o seu pequeno vizinho Ruanda estão virtualmente paralisados, devido ao agravamento da crise económica e política na área — acrescentaram os diplomatas.

Nenhum destes dois países isolados tem ultimamente recebido abastecimentos de petróleo do Quénia, devido às repetidas ameaças ugandesas de invadir esta nação.

O Ruanda não tem qualquer atrito com Nairobi, mas os seus abastecimentos têm que atravessar o Uganda e os informadores disseram que os soldados ugandeses «desviaram», nas últimas semanas, petróleo destinado ao Ruanda no valor de 500 mil dólares.

PASSAPORTES
OBTENHA CÒMODAMENTE O SEU PASSAPORTE DE TURISMO NA
Europeia
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Av. da Liberdade 233 • LISBOA 2 • Tel. 535121

TRIBUNAL JUDICIAL DO SEIXAL

ANUNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da última publicação do anúncio citando os reus para no prazo de vinte dias. findo o prazo dos éditos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: que seja decretado o divorcio entre Autora e Reu pelo abandono de lar conjugal por parte deste último e ainda para no mesmo prazo contestar o pedido de assistência judiciária formulado pela Autora.

Acção de divorcio n.º 325/76, 2.ª secção. Autor **Piedade Aguiar Oliveira**, residente na Rua da Cordoaria, lote A, P., cave direita, Cruz de Pau, Amora.

Reu **José Rodrigues Correia Alagador**, actualmente em parte incerta e com última residencia conhecida na Rua do Terreiro de Santa Catarina, n.º 15 r/c, em Lisboa.

Seixal, em 14 de Julho de 1976

O Juiz de Direito
(Ilegível)

O Ajudante de Escrivão
António João Leiras Coelho

H e na TV



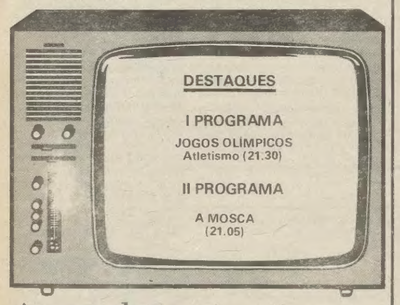
Jogos Olímpicos de Verão

I PROGRAMA

16.02 **Fungagá da bicharada**. Ouriço cacheiro e o urso Formigueiro.
16.50 **A casa georgiana**. Série filmada.
17.15 **Disciplina no desporto.** Último programa da série. Transmissão dos Estúdios do Porto.
17.40 **Da Saude e da Vida**. Medicina Sanitaria (III Programa)
17.55 **Concerto em fá e rapsody em blue de Gershwin.** Pela Orquestra Sinfónica da Radiodifusão Portuguesa sob a direcção do maestro Alvaro Cassuto.
18.50 **Stop**. Da Prevenção Rodoviária Portuguesa.
19.05 **Cinema de animação.** Lolek e Bolek põem à prova a sua resistência física em «Corrida no Gelo», um desenho animado realizado pelo cineasta polaco Bronislaw Zeman. Apresentação de Vasco Granja.
19.35 **Gente do Amanhã**. Série filmada. Com Elizabeth Adare e Nicholas Young.
20.10 Cartaz TV.
20.30 **Telejornal**. 2.ª edição.
21.05 **Análise desportiva e económica da moeda olimpica.**
21.30 **Eurovisão — Jogos Olimpicos de Verão**. Transmissão directa de provas de atletismo.
22.10 **Eurovisão**. Directamente de Caslano (Suiça Italiana) — **Jogos sem Fronteiras.**
23.30 **Telejornal**. 3.ª edição.
00.00 **Eurovisão. Jogos Olimpicos de Verão**. Natação.
01.00 Fecho.

II PROGRAMA

20.00 Abertura e **Eurovisão — Jogos Olimpicos de Verão**. Transmissão directa de Montreal-Canadá de provas de atletismo.
21.05 **A Mosca (The Fly)** Filme produzido em 1958 e realizado por Kurt com Patria Owens, Vicent Price e Al Hedison.
23.15 Fecho.



Amanhã

I PROGRAMA

11.45: Abertura e Missa de Domingo; 12.30: **Eurovisão** — Jogos Olímpicos de Verão. Resumo das provas: Luta, Jogos, Boxe, Tiro, Halterofilia, Hipismo, Saltos Aquáticos e Esgrima.; 15.00: **Telejornal** — 1.ª edição; 15.30: Hoje pode ver; 15.40 **No Jardim Zoológico**; 16.05 **Abel, o teu irmão** — Abel, um Freres. Filme realizado em 1970 por James Nasteter. Com Katarzyna Lgniewska e Witold Dederko; 17.35: **Heidi**. Desenhos animados; 18.00: **Eurovisão** — Jogos Olímpicos de Verão — Transmissão directa de Montreal-Canadá. Provas: Remo; 19.45: **Desenhos animados**; 19.55: **Os Goodies**; 20.30: **Telejornal** — 2.ª edição; 21.05: **Claulanger** — **Vidas perdidas**. Série filmada. 22.10 **eurovisão** — **Jogos Olímpicos de Verão** — Transmissão directa de Montreal-Canadá das provas de Atletismo, Boxe e Natação; 01.00: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e **Eurovisão** — **Jogos Olímpicos de Verão** — Transmissão de Montreal-Canadá as provas de atletismo; 22.40: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 722786-834271
Avenida S. João de Deus, 12-B - Rua Macau, 8

Espectáculos

Sociedade Portuguesa de Autores responde à Secretaria de Estado da Cultura

. Com o título «Resposta (objectiva) a um comentário (tendencioso) da Secretaria de Estado da Cultura», recebemos da Sociedade Portuguesa de Autores um texto que, pela sua extensão, não podemos publicar na íntegra, salientando no entanto as partes que nos pareceram mais elucidativas sobre a posição daquele órgão que reune autores portugueses.

Assim, começa aquela Sociedade por referir que a um breve texto em que, objectiva e serenamente, vários organismos profissionais e sindicais representativos dos trabalhadores intelectuais portugueses criticavam a pretensa «orientação pluralista e democrática» da Secretaria de Estado da Cultura, entendeu esta responder com um longo e prolixo comunicado, eivado do mais puro subjectivismo que, por entre as deturpações intencionais da realidade e ameaças já nem sequer veladas, afinal confirma a verdade dos factos ali acusados».

«Esses factos» — prossegue a nota da SPA — «que no documento em causa se afirmava não poderem ser desmentidos, e que a SEC, apesar de os dizer «mentirosos», não desmente, consistiam em não terem sido aqueles organismos — representativos da esmagadora maioria, se é que não da totalidade, dos trabalhadores portugueses intervenientes no processo cultural — consultados acerca da iminente reestruturação da SEC nem chamados a participar na planificação dos problemas culturais».

E, mais adiante, prossegue o documento que transcrevemos: «Não podendo negar que a nenhum dos organismos de classe signatários do documento foi assegurado o efectivo exercício desses direitos constitucionais, a SEC esforça-se por reduzi-los a uma «irresponsável e desesperada minoria», contrapondo-lhes outros que estão representados em Conselhos Sectoriais e argumentando que nem sequer teriam de ser ouvidos acerca do projecto de reestruturação daquele departamento governamental».

SER OU NÃO REPRESENTATIVO

Debruça-se depois a SAP sobre a questão da representatividade dos oito organismos — cinco associações e três sindicatos — que subscrevem o documento, refutando a acusação da SEC de se tratarem de «autodenominados representantes dos trabalhadores intelectuais». — «Quem representa então os trabalhadores intelectuais portugueses?» — pergunta a SAP. — «A ICOM? A Fundação Calouste Gulbenkian? A Academia das Ciências de Lisboa? O Grupo de Bailado «Verde-Gaio», fundado em 1940 por António Ferro?».

E, prossegue a nota daquela Sociedade:

«Alardeia a SEC «o autêntico pluralismo existente entre as dezoito associações mencionadas que (lhe) estão dando a sua colaboração». Acontece, porém, que: a) as **dezoito** associações mencionadas» são na realidade **dezassete** (cremos não ser exigir demasiado de um secretário de Estado da Cultura que ao menos saiba contar pelos dedos das mãos!);

. b) dessas dezassete, quatro são organismos integrados na própria SEC e que dela hierarquicamente dependem (o IPC, o Grupo de Bailado «Verde-Gaio», o Conselho Nacional da Música, o Teatro de S. Carlos);

c) das treze restantes, três são secções portuguesas de organismos internacionais (a AICA, a AICL e o ICOM). Sobram dez — entre as quais se incluem a Fundação Calouste Gulbenkian, que não é propriamente uma associação, a Academia das Ciências, a Associação de Museologia, a Associação dos Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas... Perante este quadro, poderá alguém de boa fé tomar a sério a afirmação da SEC de que os oito organismos signatários do documento que desencadeou a fúria histérica dos responsáveis por esse departamento, constituem uma «irresponsável minoria?».

Porque a indesmentível verdade é que todos os dramaturgos, todos os compositores, todos os actores de teatro e cinema, todos os encenadores teatrais, todos os realizadores cinematográficos, todos os cenógrafos, todos os músicos, todos os bailarinos, todos os artistas de circo e variedades, pertencem a esses organismos e são por eles representados — o que não acontece com as instituições a que a SEC pediu colaboração, das quais apenas a Associação Portuguesa de Escritores e a Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto podem ser consideradas associações de **classe**, a nível nacional aquela e esta a nível regional. E desafiamos a SEC a que diga quais as **categorias** de trabalhadores intelectuais, e qual o seu **número**, aquelas instituições representam».

A QUESTÃO DO «GOLPISMO»

«As reiteradas acusações de «golpismo» dirigidas contra não se sabe se todos se apenas alguns dos organismos que «ousaram» discordar da orientação da SEC», — é outro dos pontos focados no documento da SAP, que afirma nomeadamente:

«O que não pode ficar sem resposta é serem as acusações acompanhadas de ameaças que, irremediavelmente, desmascaram a SEC. Que significa, com efeito, classificar-se o documento em causa de «acto de estulticia e desespero, com o seu quê de **harakiri** colectivo?» Ea que vem sublinhar-se que «entre os que hoje se queixam não faltam os que têm sido bastante onerosos ao erário público», depois de se ter declarado que «existem entre eles não raros que se encontram no seu privilegiado e até há pouco impune estatuto de parasitários do erário público, ameaçados ou já atingidos pela la política de moralização da SEC?» Que quer significar-se com isto? Que o direito ao subsídio tem como preço a renúncia ao direito de protestar contra os abusos, os erros, as prepotências da administração? Pensa a SEC, ou quem dela é responsável, que é dona e senhora absoluta dos dinheiros públicos? E que só a quem a incenseia os deve distribuir, pois quem discorda é «golpista» e tem o propósito de «minar os alicerces da democracia?» Para a SEC toda a crítica aos actos do Governo constitui um atentado contra a ordem democrática? Mas não era exactamente assim que as coisas se passavam sob o fascismo? Se é a «persistente nostalgia» desses tempos, a «paranóica obsessão de os fazer ressurgir», que se respira na SEC, então não podemos deixar de lembrar aos seus (actuais) responsáveis que, no seu discurso de posse, o Presidente da República proclamou, com toda a clareza, que têm de ser «banidas, totalmente, as sequelas do fascismo».

A última obra de Pasolini

A comédia «Il Vantone,», de Pier Paolo Pasolini, foi escolhida para abrir a próxima temporada do Teatro Municipal de Roma — informa daquela cidade a agência Anop.

A peça é considerada a última obra escrita pelo poeta e cineasta, assassinado em Novembro passado. A escolha da comédia de Pasolini para iniciar a actuação do teatro romano, é entendida como uma homenagem à memória do artista.

«Il Vantone» é uma comédia de crítica social, e será dirigida por Luigi Squarzina.

FAÇA férias PORTUGUESAS A MADEIRA
Preços desde 2.900.00
Viagem aérea em Classe Turística LISBOA/FUNCHAL/LISBOA. Alojamento no Hotel escolhido em regime de pequeno-almoço, meia pensão ou pensão completa. Transporte Aeroporto/Hotel/Aeroporto. Transporte 20 kg. bag
CONSULTE BUISSON VIAGENS•TURISMO
RUA BRAAMCAMP, 15-D
Tels. 4 04 59 - 4 04 68 - 56 03 88
Teleg.: BUISTOUR-Telex: 12762
UMA AGENCIA MODERNA COM MAIS DE 25 ANOS DE EXPERIÊNCIA

SUPER LONDRES 2000
Viagens de 4, 5 e 8 dias a LONDRES
Preços desde 4.650.00
Agora pode visitar neste nosso sistema duas cidades, tais como:
ROMA
MILÃO
LUGANO
VIENA
FLORENÇA
VENEZA
RIMINI
Consulte-nos sobre estas novas modalidades
CONSULTE BUISSON VIAGENS TURISMO
RUA BRAAMCAMP, 15-D
Tels. 4 04 59 - 4 04 68 - 56 03 88
Teleg. BUISTOUR-Telex 12762
UMA AGENCIA MODERNA COM MAIS DE 50 ANOS DE EXPERIÊNCIA


estude!
GANHE MAIS DINHEIRO!
CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA
Desde 1947
Recorte o cupão e envie-o HOJE MESMO
(indique um só curso)
☐ COSTURA
☐ FOTOGRAFIA
☐ RELAÇÕES PUBLICAS
☐ VENDAS / MARKETING
☐ CULTURA GERAL
☐ RADIO, ELECTRONICA TV
☐ DESENHO E PINTURA
☐ ELECTRICIDADE
☐ INGLÊS
☐ SECRETARIADO
Peço o envio de livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um ☒
GRÁTIS
D.L. 10
Nome
Morada
Localidade
cec Alvaro Torrão • Rádio Escola
Rua Fernão Lopes, 8 (ao Saldanha) Lisboa 1 Tel. 53 67 52

OS SALDOS DA QUADRANTE
DESTA VEZ, MONTES DE LIVROS FRANCESES, ESPANHOIS, INGLESES ... ALGUNS PORTUGUESES ...
JULHO, AGOSTO, SETEMBRO
A MORADA. V. SABE...

Desporto

Futebol diz adeus e volta já

Amanhã, em dois campos (Montijo e Aveiro) a famigerada «competência» diz adeus à vida. Encontros programados: Montijo-União de Tomar e Beira-Mar-Salgueiros. Numa competição que não pode (jamais) persistir, apenas vale a pena recordar a classificação à partida para a última meta: Beira-Mar, 6; Salgueiros e Tomar, 5; Montijo, 4. Portanto, todas as hipóteses estão na roleta.

Quanto à luta na «liguinha» 2.ª/3.ª divisões, em relação à zona nortenha, teremos os jogos Paredes - Vila Real e Viseu - Vilanovense. Em Paredes, o jogo de festa: em Viseu, uma tristeza perdida. Veja-se, em função da afirmativa, a tabela pontual: Vila Real, 8; Paredes, 6; Viseu, 4; Vilanovense, 2.

No bloco sulista, outros dois duelos: Lusitano de Evora-Alcochetense e Odivelas - União de Leiria. Pontuação momentânea: Odivelas, 7; Leiria, 6; Alcochetense, 5; Lusitano, 0. Aqui, ainda moram perniciosas incógnitas. Fica ao dispor do leitor o lote de cogitações. Todavia, lembramos que Leiria e Alcochetense contam menos um espectáculo, para concluir a maratona canicular.

BOAVISTA

Problemas com o guarda-redes Botelho, durante o estágio do Boavista no Buçaco: acusando os esforços dos treinos de preparação física, o «internacional» axadrezado sofreu uma hipertrofia ganglionar (leia-se na virilha) tendo já seguido para o Porto, onde ficou entregue aos cuidados do médico dr. Acácio Lelo.

Celso (Manuel Carvalho Ramos Pita) revalidou o compromisso com o «team» do Bessa.

CONGRESSO

À hora a que esta edição do «DL» começa a circular, está a desenrolar-se, na sede federativa da Praça da Alegria, o Congresso das Associações de Futebol, para emitirem pareceres que vão desde a abolição das anacrónicas «liguinhas» (com quedas automáticas dos quatro/seis piores classificados nas tabelas superiores e respectivas promoções) até subdivisões do 3.º escalão, com passagem na proposta de concessão de *medalha de ouro ao mérito* a Leonel Gomes Gaspar (secretário permanente da Associação do Porto) até à designação para secretário-geral da Federação do eficiente e prestigiado César Grácio, incontestavelmente o homem-base daquele organismo.

INTERTOTO

Praticamente, só os entusiastas (ferrenhos) pelo Totobola ou os verdadeiramente apaixonados pelos emblemas em cotejo ligam, nesta altura do ano, a jogos de futebol E, todavia, há chuto, internacional, para cá da fronteira, neste sábado prometedor de calor e apetitoso, para praia. Jogam o Belenenses e o «team» dinamarquês do Naestved, enquanto em Guimarães o Vitória defronta o Holbaek. Curiosidade: os clubes portugueses têm pela frente (precisamente) os grupos menos cotados nos seus agrupamentos.

No grupo 7, eis a ordem: Inter de Bratislava, 8 pontos; Vitória e Ostende, 4; Holbaek, 0. No bloco 8: Oesters, 7; Belenenses, 5; Pogon, 3; Naestved, 1. Noite de calma, para a maioria dos jogadores que estão já com o pé no estribo, ou hora e meia de labuta para reforçar o continuar de contrato em casa que paga bem?

IRRADIAÇÃO

Decidido ontem, pela Comissão Central de Árbitros: o algarvio Manuel Poeira (faltoso ao Sporting-Benfica para que estava nomeado) foi irradiado dos quadros daquele organismo.

PARABÉNS

Artur Jorge ganhou novo título para a sua prestigiosa carreira: formado em Filologia Germânica (secção Estudos Anglo-Americanos) passa a ter direito ao título de doutor, ele que já era doutorado em futebol.



Jimmy Hagan começou o trabalho em Alvalade. Ontem, conversou com os atletas (aqui, Fraguito, na presença do dirigente dr. Sousa Marques) e fez-lhe várias inquirições de carácter pessoal. Quase todo o «plantel» esteve presente: faltaram apenas os brasileiros Manoel e Da Costa (que voltam amanhã do Rio de Janeiro), Valter (ainda de férias, na Madeira) e Laranjeira (que foi à Holanda visitar familiares)

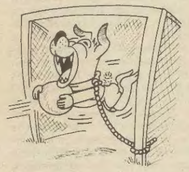
PORTIMONENSE

O Portimonense abriu as portas a Adolfo (que foi «internacional» quando alinhava no Benfica) e revalidou o contrato com Airton, recebendo ainda o ex-alcantarense Seidi.

SPORTING

Aos jovens futebolistas, de idades compreendidas entre os 13 e 16 anos, o Sporting abre as suas portas: às 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs, a partir das 18 e 30, é só aparecer pelo campo de treinos de Alvalade.

O TRAÇO DE PARGANA



Um guarda-redes económico

quarteto
Rua das Flores de Lima, 16 - Telefone 77 12 44 LISBOA
A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN EMBAIXADA DE FRANÇA
INSTITUTO ALEMÃO CINEMA QUARTETO E ANIMATÓGRAFO
APRESENTAM: A QUINZENA DOS REALIZADORES DE CANNES/76

	HORA	SALA 1 FILME	HORA	SALA 2 FILME	HORA	SALA 3 FILME	HORA	SALA 4 FILME
24	15.00	L'EMPIRE DES SENS de Nagisa Oshima Japão	15.00	NATHALIE GRANGER de Marguerite Duras França	15.00	GILIAP de Roy Anderson Suècia	15.00	UN HOMME QUI DORT de Bernard Queysanne França
	17.00	L'EMPIRE DES SENS de Nagisa Oshima Japão	17.00	NATHALIE GRANGER de Marguerite Duras França	18.00	GILIAP de Roy Anderson Suècia	17.00	UN HOMME QUI DORT de Bernard Queysanne França
	19.00	L'EMPIRE DES SENS de Nagisa Oshima Japão Este filme está legendado em Inglês Interdito a menores de 18 a.	19.00	NATHALIE GRANGER de Marguerite Duras França	21.15	O CASAMENTO de Arnaldo Jabor Brasil	19.00	UN HOMME QUI DORT de Bernard Queysanne França
	21.00	GITIRANA de Jorge Bodansky e Orlando Senna Brasil	21.00	DER STARK FERDINAND de Alexander Kluge R.F.A.	24.00	O CASAMENTO de Arnaldo Jabor Brasil	21.00	SON NOM DE VENISE de Marguerite Duras França
24	23.00	GITIRANA de Jorge Bodansky e Orlando Senna Brasil	23.00	DER STARK FERDINAND de Alexander Kluge RFA			24.00	SON NOM DE VENISE DANS CALCUTA DESERT de Marguerite Duras França

DIA	HORA	SALA 1 FILME	HORA	SALA 2 FILME	HORA	SALA 3 FILME	HORA	SALA 4 FILME
25	15.00	GITIRANA de Jorge Bodansky e Orlando Senna Brasil	15.00	DER STARK FERDINAND de Alexander Kluge R.F.A.	14.45	O CASAMENTO de Arnaldo Jabor Brasil	14.45	SON NOM DE VENISE de Marguerite Duras França
	17.00	GITIRANA de Jorge Bodansky e Orlando Senna Brasil	17.00	DER STARK FERDINAND de Alexander Kluge R.F.A.	17.00	O CASAMENTO de Arnaldo Jabor Brasil	17.00	SON NOM DE VENISE de Marguerite Duras França
	19.00	GITIRANA de Jorge Bodansky e Orlando Senna Brasil	19.00	DER STARK Ferdinand de Alexaner Kluge R.F.A.	19.15	O CASAMENTO de Arnaldo Jabor Brasil	19.15	SON NOM DE VENISE DANS CALCUTTA DESERT de Marguerite Duras França
	21.00	DER STARK FERDINAND de Alexander Kluge R.F.A.	21.15	SON NOM DE VENISE DANS CALCUTTA DESERT de Marguerite Duras França	21.15	DIABLE AU COEUR de Bernard Queysanne França	21.45	WE HAVE MANY NAMES de Mai Zatterling Suècia (a)
	23.00	DER STARK FERDINAND de Alexander Kluge R.F.A.	23.15	SON NOM DE VENISE DANS CALCUTTA DESERT de Marguerite Duras França	24.00	DIABLE AU COEUR de Bernard Queysanne França	24.00	WE HAVE MANY NAMES de Mai Zatterling Suècia (a)

(a) Colóquio no fim da projecção com o realizador

OBS.: Estes filmes são apresentados nas suas versões originais e integrais. Não aconselháveis a menores de 18 anos

Desporto



O leão-gazela de Vildemoinhos

NEVES DE SOUSA

Enquanto o belamente tratado cavalinho da princesa Ana não obedecia à dona e quase fugia para o estábulo, em busca d' leitinho que conhece desde que era poldro, um rapaz de Vildemoinhos (terra que é preciso procurar com muita atenção no mapa das Beiras) levantava 80 mil pessoas e punha em delírio o Estádio Olímpico de Montreal. Um rapaz (chamado Carlos Lopes) que só em 1966, quando embarcou para Lisboa, para o Sporting, começou a ter refeições a horas certas e alguém a seu lado para bem o conduzir.

Enquanto os taxistas de Montreal lavravam o seu protesto contra a utilização de mil carros cedidos pelo Estado do Canadá para, gratuitamente, atletas e dirigentes passearem de graça por onde lhes apetece (transformando num caos o trânsito para a Aldeia Olímpica), o bom do Carlos Lopes quase saltitava entre os escolhos que lhe eram colocados no caminho por quantos com ele dialogavam na eliminatória primeira da dura galopada de 10 mil metros. Ninguém conseguiu travar a sua marcha.

Enquanto a rede de segurança montada à custa de 16 mil polícias era abalada pela descoberta de um caixote com cerca de 60 quilos de dinamite (num apartamento desocupado no centro de Montreal) um intruso era encontrado a viver (à grande e à canadiana) num dos quartos da Aldeia Olímpica, ao mesmo tempo que o boato de que um dirigente de guerrilheiros árabes estava infiltrado entre os comensais diários de uma das pirâmides reservadas para repouso dos atletas asiáticos, simultaneamente com tudo isso, um portuguesito (dez-réis de gente) lograva o 2.º melhor tempo entre todos os apurados para a final dos 10 quilómetros e atirava para o lado de cá, para este canto europeu, uma résta ainda maior de esperança na medalha de ouro que portugueses perseguem, desde 1912, do tempo em que Francisco Lázaro pagou com a morte a ousadia sem base.

Enquanto o Mundo dava uma rodopiadela, os telexes, os telefones, as imagens, transmitiam para longes terras o nome e o rosto desse autêntico candidato ao símbolo olímpico mais pretendido. Carlos Lopes, que jogará na 2.ª feira no vale-tudo pela glória mais inesquecível, acabava a sua corrida e marchava serenamente, a caminho do duche: na pista, estendidos por terra, dois companheiros de aventura ficavam inanimados, apenas por terem cometido a veleidade de procurar acompanhar a passada rápida mas possante da «gazela leonina».

. Carlos Lopes, o segundo mais rápido do ano nos 10.000 metros, venceu a primeira eliminatória olímpica desta prova, com flagrante autoridade sobre os demais competidores: o tempo de 28.04,53 está bem longe da sua melhor marca (27.45,8), mas foi suficiente para deixar completamente por terra os seus adversários desta eliminatória.

Lopes e Jos Hernas (da Holanda) partilharam o comando durante a maior parte da corrida: mas, a cinco voltas do fim, o português atacou irresistivelmente. Enquanto Carlos Lopes caminhava isolado para a meta, registava-se atrás de si uma tremenda luta para o 2.º lugar, que acabou por deixar estendidos na pista dois atletas: o francês Jean-Paul Gomez caiu (depois de um esforço que o conduziu ao 2.º posto), enquanto o espanhol Mariano Haro foi 3.º, à frente do esgotadíssimo Hermans que (aliás) teve sorte em conseguir qualificar-se para a final, pois a dez metros da meta o australiano David Fitzsimons encontrava-se prestes a ultrapassá-lo. Todavia, Fitzsimons começou a vacilar e acabou por cair a cinco metros da linha de chegada. Levantou-se depois e cortou a meta em 5.º lugar, sofrendo logo de seguida novo colapso, para ser transportado em maca para a enfermaria.

No quadro electrónico, apareciam os nomes e os tempos: Carlos Lopes, 28.04,53; Jean-Paul Gomez (França), 28.10,52; Mariano Haro (Espanha), 28.11,66; Jos Hermans (Holanda), 28.16,07; David Fitzsimons (Austrália), 28.16,43; Bernard Ford (Grã-Bretanha), 28.17,26; Karel Lismont (Bélgica), 28.17,45; Martti Vainio (Finlândia), 28.26,60; Dusan Janicijevic (Jugoslávia), 28.48,87; Edward Mendoza (EUA), 29.02,97; Victor Mora Garcia (Colômbia), 30.26,57; Christopher Mccubbins (Canadá), 33.22,35; Olmeus Charles (Haiti), 42.00,11.

— «Terminei à vontade. Não cheguei a forçar. Só que, a partir de agora, vou mesmo concentrar-me na final dos 10.000. Adeus, maratona: talvez (mesmo) nem vá aos 5.000».

Carlos Lopes está no meio de um batalhão de fotógrafos, sorrindo despreocupadamente. As outras séries revelavam apenas um tempo superior ao seu: os 28.01,82, do britânico Tony Simmons. E a final ficava com assinaturas: Lopes, Gomez, Haro, Hermens, Fitzsimons, Ford, Lismont, Mark Smet, Brendan Foster, Knut Boro, Ilie Floroiu, Tony Simmons, Garry Bjorklund, Lasse Viren e Puttemans. Além dos homens que Lopes bateu, ficavam no tinteiro as pretensões de outros campeões, que não tinham conseguido qualificação para o sonho: desde o neo-zelandês Dick Quax ao australiano Wardlaw, do finlandês Paivarinta ao tunisino Zaddem. Agora (com os pés bem assentes no chão) porque não sonhar com a «tal» medalha?

TEMPOS

Lopes passou em 2.º, aos 400 (69s.), 800 (2.13,90), 1600 (4.27,80) e 2000 (5.32). Então, ultrapassou Mora e passou a ditar a lei do seu andamento: Hermans (recordista mundial da hora) quer dar luta mas começa a ficar com espuma aos cantos dos lábios.

Aos 3400 metros, Lopes fizera 8.56,90: atrás de si, havia uma fila indiana, Haro e Mora em séria ameaça ao moço de Alvalade. Mas, aos 5000 (13.37,70) disse adeus à malta e foi pela vida. Aos 7500 (20.1,10) o holandês apareceu-lhe perto: a 800 metros da chegada arrastava-se penosamente, e Lopes parecia um bólido. Dez, 20, 30 metros: cada vez o avanço era maior, até que Lopes refreou a corrida porque nada mais era preciso fazer. Cortara a meta.

Uma bandeira nacional surge na bancada, entre o delírio de emigrantes portugueses. O público continua a bater palmas: Lopes ergue a mão direita e acena para a mulher (Teresa) que chorava, agarrada ao treinador Mário Moniz Pereira.

CARVALHO

De manhã, José Carvalho (tal como previramos) classificou-se para as meias-finais dos 400 barreiras: José Jesus Carvalho ficou em 4.º lugar (com 50,99 segundos) na sua eliminatória. 1.º lugar foi para Stravros Tziortzis (Grécia) com 50,76; o 2.º para Damasco Afonso (Cuba), com 50,76; o 3.º para Jean-Claude Nallet (França) com 50,77 segundos. Em 5.º lugar classificou-se Donald Hanly (Austrália) com 51,90. O recorde mundial na especialidade é detido pelo ugandês John Akii-Bua (47,82 segundos).

. Os 16 atletas que se qualificaram: Tziortzis, Afonso, Nallet, Carvalho, Quentin Wheller (Estados Unidos), Harald Schmid (Alemanha Federal), Jean Pierra Perrinelle (França), Dimitri Stulakov (URSS), Michael Shine (Estados Unidos) Evgeni Favriienko (URSS), Jerzy Wewelt (Polónia), Yanko Bratanov (Bulgária), Edwin Moses (Estados Unidos), Alan Pascoe (Grã-Bretanha) Georges Parris (Grécia) e Julio Ferrer (Porto Rico).

Fernando Mamede (também dentro do esperado) foi eliminado na sua série de 800 metros: 1.49,58 não chegou para melhor que o 5.º lugar, atrás do inglês Clement, do norte-americano, Robinson, do neo-zelandês Walker, e do espanhol Ballde, mas à frente de Solis (Rep. Dominicana) e Wilnor (Haiti). A sua verdadeira hipótese será lançada nos 1500 metros.

CAMPEÕES

Falemos, desta feita, de outros nomes bem mais sonantes.



A alegria de dois nadadores norte-americanos que estão entre os melhores conquistadores de medalhas olímpicas: Furniss e John Naber, abraçam-se após a prova de 200 metros livres em que se classificaram nos lugares mais apetecidos

Programa para hoje dos Jogos Olímpicos (hora portuguesa):

ANDEBOL

22.30, série feminina, 3 jogos: 24 horas, série B, 3 jogos; 01.30, série A, 3 jogos.

ATLETISMO

15 horas, salto com vara, qualif.; lançamento do disco, qualif.; 16 horas, 100 m (fem.), séries: 20 horas, 400 m barreiras, meias-finais; lançamento dardo (fem.), final; lançamento do peso, final. 20.30, 100 m, meias-finais; 20,50, 800 m (fem.) meias-finais: 21.10, 100 m (fem.), 2.ª eliminatória; 21.35 800 m, meias-finais; 21.55, 100 m, final.

BASQUETEBOL

14 horas, série B, 3 jogos; 16 horas, série A, 3 jogos.

BOXE

18 horas, combates preliminares; 24 horas, idem.

CICLISMO

20 horas, perseguição por equipas, meias-finais, velocidade, finais: perseguição por equipas, finais.

EQUITAÇÃO

13 horas, concurso completo; 22 horas, idem.

ESGRIMA

13 horas, florete, equipas (elim.); 22 horas, idem; 23 horas, florete, (fem.), indiv. finais.

HALTEROFILISMO

19.30, meios-pesados, série B; 24 horas, meios-pesados, série A.

U.R.S.S. distanciada

Após as provas de ontem, a distribuição de medalhas olímpicas é a seguinte:

	OURO	PRATA	RONZE	TOTAL
URSS	13	16	9	38
EUA	13	11	6	30
RDA	11	9	8	28
Japão	3	4	5	12
Roménia	3	2	3	8
RFA	3	2	3	8
Polónia	2	2	1	5
Bulgária	2	1	0	3
Itália	1	1	2	4
Inglaterra	1	1	1	3
México	1	0	0	1
Canadá	0	1	3	4
Holanda	0	1	2	3
Checoslov.	0	1	1	2
Bélgica	0	1	0	1
Port.	0	1	0	1
França	0	0	3	3
Dinam.	0	0	2	2
Austrália	0	0	1	1
Áustria	0	0	1	1
Irão	0	0	1	1
TOTAIS:	54	55	55	164

Nota: O número de medalhas não corresponde exactamente, dado que em várias provas houve várias atribuições «ex-aequo».

Desporto

em matéria de domínio no capítulo da mais espectacular modalidade incluída no calendário olímpico: o Atletismo. Participaram 838 homens e 369 mulheres de 80 países: sem o boicote da quase totalidade dos países africanos, seriam 985 homens e 394 mulheres.

O soviético Alexander Baryschnikov bateu o primeiro «record» olímpico das provas de Atletismo, ao lançar, graças ao seu método revolucionário, o peso a 21 m 32, logo na primeira tentativa das qualificações, confirmando assim, (após o seu recente «record» do Mundo, com 22m) que era realmente o grande favorito da prova.

Ainda durante a manhã, um segundo «record» olímpico viria a ser batido nas qualificações: no dardo feminino, a alemã federal, de origem romena, Marion Becker, alcançou 65m14, tornando-se assim uma das principais rivais de Ruth Fuchs.

As eliminatórias dos 100 metros mostraram que o cubano Leonard ainda não recuperou: foi eliminado, embora tivesse feito 10,59. Os melhores tempos pertenceram a Crawford (Trinidade e Tobago) com 10,29 e Harvey Glance (EUA) com 10,23. Mas os grandes favoritos estão ainda na peneira: desde Borzov a Quarrie, Riddick a Abrahams.

Nos 800 metros a surpresa: o eno-zelandês John Walker (recordista mundial da milha) foi 3.º na sua série e quedou-se eliminado. O norte-americano Richard Wohlhuter (1.45,71) arranca como o homem mais veloz à partida para as meias finais.

O mexicano Daniel Bautista (de 23 anos), conquistou a 2.ª lhad de ouro das provas olímpicas de Atletismo, ao vencer os 20 quilómetros marcha, que comandou desde o início.

Hans Reimann e Peter Frenkel (da RDA), conquistaram respectivamente as medalhas de prata e bronze.

Ao cruzar a linha de chegada, Daniel Bautista ajoelhou, beijou o chão, benzeu-se e deu seguidamente a volta ao estádio agitando um «sombrero» mexicano.

SENHORAS

Ângela Voigt (RDA), ganhou a primeira medalha de ouro no atletismo de Montreal ao vencer a prova de salto em comprimento, com a marca de 6,72 metros. A medalha de prata foi, com uma certa surpresa, para a norte-americana Kathy McMillan (18 anos) que conseguiu um salto de 6,66 metros.

Lydia Alfeeva (URSS), obteve a medalha de bronze, (com 6,60) apenas mais um centímetro que a recordista mundial Sigrun Thol-Siegel (da RDA) que se classificou em 4.º lugar.

Em dardo, as melhores candidatas à final são Marion Becker (RFA), 65,14 (recorde olímpico); Ruth Fuchs (RDA), 62,46; Kathryn Schmidt (EUA), 60,50; Ea Janko (Áustria), 60,90; Jacqueline Hein (RDA), 60,70 e Karin Smith (EUA), 59,36.

Ainda em concorrentes femininas: nas apuradas para as meias-finais dos 800, os tempos mínimos pertencem à búlgara Zlateva (1. 59,24), à soviética Gerasimova (1.59,68) e à norte-americana Knudson (1.59,91).

ESTRELAS

Para além de Lopes, Carvalho e Mamede, todos os demais portugueses estiveram nas bancadas. Para ver (por exemplo) o soviético Nicolai Andreanov tornar-se o campeão olímpico dos exercícios no solo. A medalha de prata foi para outro soviético (Vladimir Martchenko) e a de bronze para o norte-americano Peter Korman.

No cavalo com arções a medalha de ouro da pelo húngaro Zoltan Magyar, classificando-se depois Eizo Kemmotsu (Japão) e Nicolai Andrianov (URSS) que, juntamente com Michael Nicolay (RDA) conquistaram medalhas de bronze.

Aliás, russos e japoneses continuaram **sublimes**, ao longo do dia, no «Forum» em que se disputavam as medalhas de ginástica. Nicolai Andrianov, ganhou mais uma medalha de ouro ao vencer a prova de argolas e o seu compatriota Alexander Ditiatin obteve a medalha de prata enquanto o campeão mundial desta especialidade (o romeno Danut Gracu) não conseguiu melhor que a medalha de bronze.

Sawao Kto (Japão) conquistou a medalha de ouro em paralelas, suplantando o soviético Nikolai Andrianov, e o seu comatriota Mitsuo Tsukahara. Outro japonês (Mitsuo Tsukahara) arrebatou o «podium» na barra fixa, batendo o seu compatriota Eizo Kemmotsu. No 3.º lugar terminaram «ex-aequo», Eberhard Gienger (RFA) e Henri Boerio (França). Nota de sacrifício: o ginasta japonês Shun Fujimoto, que contribuiu para a vitória do seu país no torneio por equipas (graças ao seu excelente comportamento nas argolas) revelou que tinha realizado esse exercício com uma perna partida. A fractura deu-se quando Shun Fujimoto efectuava exercícios no solo.

Apesar das dores, cumpriu a sua participação nas argolas, (disciplina da sua especialidade) oferecendo assim a medalha de ouro ao Japão.

Em outro palcos a festa continuava: com os **mais-mais** do costume no boxe (cubanos, russos, norte-americanos, alemães), com o remo a caminho do epílogo (noruegueses em destaque), com o hipismo a dar desgostos a Ana de Inglaterra (o «Goodwill» esteve-se nas tintas para a real montadora e ficou em 26.º), com os soviéticos a regressarem ao pólo aquático, o voleibol firme (meninas da Hungria e rapazes de Cuba triunfantes em nova etapa), a espada a dar ouro (para Alexander Pusch, da Alemanha Federal) um soviético a atirar melhor balas ao alvo nível (Gazov, logo seguido pelo a avançar no hóquei em campo, uns joguinhos de futebol (URSS, 3-Coreia, 0); Israel, 1-França, 1; Guatemala e México numa nulidade sem golos). O ciclismo já nas semifinais e as basquetebolistas da URSS a baterem as encestadoras dos EUA (112-77) conquistando desse modo o título olímpico.

Foi (não há dúvida) dia muito movimentado: com todos os portugueses centrados em Carlos Lopes, a esperança maior com que algum dia arrancámos para as Olimpíadas.

Cartaz dos jogos

HÓQUEI EM CAMPO

15 horas, série A 2 jogos, 20 horas, série B, 2 jogos.

LUTA

15 horas, greco-romana, «poule» final; 24 horas, idem.

NATAÇÃO

14.30, 200 m costas, elim., 800 m livres, fem., elim.; 200 m bruços, elim.; 100 m livres, elim, 400 m livres (fem.), elim.; 19 horas, saltos de alto voo (fem.), 5 saltos; 24 horas, 100 m livres, meias-finais; 100 m bruços (fem.) , final; 200 m bruços, final; 400 m livres (fem.), final; 200 m costas, final; saltos de alto voo (fem.), 3 saltos; 14.30, Water-pólo, 3 jogos; 20 horas, Water-pólo, 3 jogos.

REMO

15 horas, quatro com timoneiro (fem.), finais; 15.35, duplo scull (fem.), finais; 16.10, dois sem timoneiro (fem.), finais; 16.45, simples scull (fem.), finais; 17.20, quádruplo scull com timoneiro (fem.), finais; 17.55, oito com timoneiro (fem.), finais.

TIRO

14.00 h — Skeet

VOLEIBOL

18.00 h — Série B, 2 jogos 20.00 h — Série B (fem.), 2 jogos; 02.30 h — Série B, 2 jogos.

AMANHÃ

ATLETISMO

14.30 h — 100 m barreiras (fem.), pentatlo; 15.00 h — Lançamento dardo, qualif.; 15.30 h — 200 m, séries; lançamento peso (fem.) pentatlo; 20.00 h — 400 m, séries; 20.45 h — 100 m (fem.), meias-finais; 21.00 h — Salto altura (fem.) pentatlo; 21.05 h 3000 m obstáculos, séries; 22.15 h — 800 m, final; 22.30 h — 400 m barreiras, final; 22.50 h — 100 m (fem.) final; 23.05 h — 200 m, 2.ª eliminatória.

BASQUETEBOL

17.00 h — Série feminina, 1 jogo: 19.00 h — Meias-finais, 4 jogos.

BOXE

19.00 h — Combates preliminares; 24.00 h — Idem.

EQUITAÇÃO

15.00 h — Concurso completo de equitação — prova de obstáculos; 23.00 h — Idem.

ESGRIMA

23.00 h — Florete, equipas, final; 02.00 h — Idem.

FUTEBOL

21.00 h — Quartos de final, em Toronto e em Sherbrooke; 23.00 h — Quartos de final, em Otava; 02.00 h — Quartos de final, Estádio Olímpico.

HALTEROFILISMO

19.30 h — Pesados-leves, grupo B; 24.00 h — Pesados-leves, Grupo A.

HÓQUEI EM CAMPO

20.00 h — Série B, 1 jogo; 00 h — Série A, 1 jogo.

NATAÇÃO

14.30 h — 200 m costas (fem.), elim.; 400 m estilo, elim; 4x100 m livres (fem.), elim.; 24.00 h — 800 livres (fem.), final; 400 m estilos, final; 200 m costas (fem.), final; 4x100 m livres (fem.), final; Saltos de alto voo (fem.), final.

REMO

15.00 h — Quatro com timoneiro finais; 15.35 h — Duplo scull, final; 16.10 h — Dois sem timoneiro, finais; 16.45 h — Simples scull, finais; 17.20 h — Dois com timoneiro, finais, 17.55 h — Quatro sem timoneiros, finais; 18.30 h — Quádruplo scull sem timoneiro, finais; 19.05 h — Oito com timoneiro, finais.

VELA

17.50 h — 5.ª regata.

VOLEIBOL

18.00 h — Série A, 2 jogos; 00.30 h — Série B, 2 jogos.

Veja na TV

Programa televisivo anunciado para hoje, em transmissão directa no 2.º Canal, a partir das 20 horas:

Atletismo (400 m.-barreiras, masc., meia-final; dardo, fem., final; peso, masc., final; 100 m., masc., meia-final; 800 m., fem., meia-final; 100., fem., qualificação.

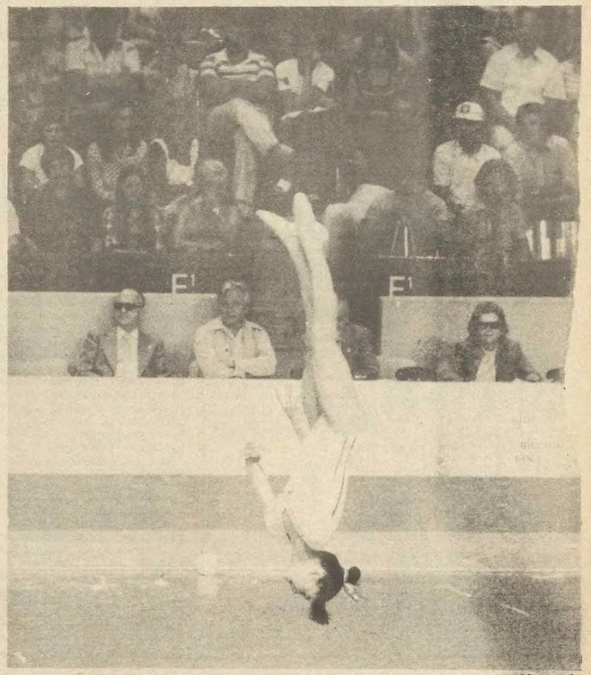
Transmissão directa no 1.º Programa: 21.30 h — Atletismo — 800 m., masc., meia-final; 100 m., masc., final.

00.00 h — Natação — 100 m.-livres, masc., meia-final; 100 m., bruços, fem., final; 200 m. bruços, masc., final; 400 m. estilos, fem., final; e 200 m.-costas, masc., final.

Amanhã teremos:

12.30/15.00 (1.º Pr.): R. M.-luta (12.30), jogos (13.00), boxe (13.30) hipismo (14.20), saltos para água (14.30), esgrima (14.50). 20.00/22.15 (2.º Pro) Dir. Atletismo.

22.15/01.00 (1.º Pr.): Dir.-atletismo (22.15); R. M.-boxe (23.30): Dir.-natação (00.00).



Nadia Comaneci: a maior ginasta de todos os tempos. Cinco medalhas ganhas em Montreal: três de ouro, uma de bronze e uma de prata (por equipas). Seis vezes nota «10»: absolutamente inédito na história dos Jogos

Geral

PORTUGAL

DECATLO

No Jamor, pelas 17 horas de hoje e amanhã, tem lugar o decatlo regional, para atletas juniores e seniores.

ANDEBOL

Final da «Taça de Portugal» em andebol, entre o F. C. Porto e a Académica de S. Mamede, num pavilhão portuense, marcada para esta noite.

CICLISMO

Prova «1.º Circuito de Vendas Novas», para amadores, sem distinção, na distância de 44 quilómetros (20 voltas), com início às 17 horas de hoje. Prova «1.º Circuito Tratax», em Manique, para populares, na distância de 80 quilómetros (10 voltas), com início às 15.30.

Amanhã: Prova «Prémio Joframa», para amadores, sem distinção, na distância de 120 quilómetros, entre o Desvio de Sacavém e a Baixa da Banheira com início às 8 horas. Prova «Circuito dos Matinhos», no Bombarral, para populares, na distância de 70 quilómetros, a partir das 17.30.

HÓQUEI EM CAMPO

Termina amanhã (pelas 9 e 30) o campeonato nacional de hóquei em campo, com os seguintes embates: Viso-Lamas, Porto-Ramaldense, Benfica-Palmense e Atlético-Futebol Benfica.

PATINAGEM

No rinque da Associação Desportiva de Oeiras efectua-se, hoje e amanhã, pelas 21 e 30, um festival de patinagem artística, promovido pela Associação Desportiva de Oeiras.



STAL-Sindicato dos Trabalhadores da Administração Local

O STAL VAI LEVAR AO TRIBUNAL COMISSÕES ADMINISTRATIVAS MUNICIPAIS QUE NEGAM DIREITOS AOS TRABALHADORES

O STAL - SINDICATO NACIONAL DOS TRABALHADORES DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL, que após uma luta de longos meses com o Governo culminada com a GREVE DAS AUTARQUIAS LOCAIS na primeira quinzena de Junho, viu finalmente publicados os seus Estatutos no «Diário da República» manifesta-se agora disposto a iniciar acções, a todos os níveis e por todas as formas, para defender os seus 25 000 associados das prepotências e ilegalidades de que muitos estão a ser vítimas.

O STAL, que passa a ser o primeiro sindicato legalmente constituído em todo o sector do funcionalismo público, entregou já aos seus advogados os elementos necessários para que sejam levadas a tribunal as Comissões Administrativas das Câmaras Municipais de Abrantes, Castelo Branco, do Cartaxo e de Oliveira de Azeméis, as quais, após várias diligências, recusaram satisfazer direitos legítimos de alguns dos seus trabalhadores, designadamente salários devidos, subsídios de férias vencidos, diferenças salariais devidas por actualização, descontos abusivos por períodos de paralização, etc.

A estas acções outras vão seguir-se até que os órgãos das autarquias locais se convençam definitivamente de que os trabalhadores da Administração Local devem ser respeitados nos seus direitos como quaisquer outros trabalhadores deste País.

Santarém, 21 de Julho de 1976.

Pel'A Comissão Coordenadora Transitória

António Luís Dias de Oliveira

rádio

1.º PROGRAMA

16.00, Noticiário — música variada; **17.00**, Conjuntos; **18.00**, Música portuguesa; **19.00**, Música variada; **20.00**, Jornal da noite; **20.30**, Orquestras; **21.00**, Contraponto; **23.05**, Rádio revista, por Luís Pereira e Sousa; **00.00**, Último jornal; **00.30**, Jazz; **01.00**, Música na noite.

2.º PROGRAMA

16.15, Antologia cravística da música italiana dos séculos XVII e XVIII. Interpretadores de Luciano Sgrizzi; **16.37**, A serenata n.º9 em ré maior, k. 320 «Trompa do Postilhão», de Mozart; **17.20**, Solos de instrumentos — Improviso op. 86, de Fauré — Fuga em lá bemol maior, de Brahms — Duetto, de Rossum; **17.40**, Poemas sinfónicos — «O pombo bravo», de Dvorák — «Exil», de Eugene Ysaye; **18.15**, Trio n.º7 em si bemol maior, op. 97 «Arquiduque», de Beethoven; **19.00**, Música de concerto de Ernest Bloch — Schelomo (rapsódia hebraica) — Sinfonia «Israel»; **20.00**, Duetos instrumentais — Fragmento do duo em fá, de Haendel — Obras para dois violinos, de Béla Bartók — Cortejo burlesco e «Quadrille» sobre os principais temas da ópera «Tristão e Isolda», de Wagner, de Chabrier; **20.30**, Música de câmara de Debussy — Quarteto em sol menor op. 10, pelo Quarteto «Italiano»; **21.00**, Ciclo de melodias — «Amor evida duma mulher», de Schumann; **21.25**, Música de bailado de adolphe Adam — Suite do bailado «Giselle»; **22.00**, Duo de trompa e piano por Adácio Pestana e Olga Prats; **22.30**, A orquestra da Suíça Francesa, dirigida por Ernest Ansermet executa a — Sinfonia n.º1 em dó, op. 21, de Beethoven; **23.00**, Intercâmbio musical — Coros radiofónicos — 1.º programa da contribuição da Radiodifusão Finlandesa para esta série internacional — O coro sintónico da Rádio Finlandesa sob a direcção de Ilkka Kuusisto interpreta canções de Sibelius; **23.40**, Música de câmara — 4 pequenas peças op. 7, de Anton Webern — Quinteto em dó maior k. 515, de Mozart; **00.30**, 4 últimas canções de Strauss; **01.00**, Fecho.

3.º PROGRAMA-Nacional e Regional (294 m)

16.15, Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo (repetição); **16.40**, Discorrendo, por Bernardo Brito e Cunha; **17.10**, Vamos ao médico, pelo dr. José Matildes; **17.30**, Cinema em variante, por Carlos Pina; **18.00**, Contacto; **21.15**, Hora luterana; **21.30**, Quando o telefone toca; **23.05**, A música e as vozes.

3.º PROGRAMA-Local (187,5 m)

18.00, Entardecer — Ver, ouvir... e comentar; **19.00**, Entardecer (continuação); **19.30**, O diabo de sábado (repetição); **21.00**, Fecho.

4.º PROGRAMA

16.00, Música variada; **17.00**, Canções; **18.00**, Apenas música; **19.00**, Em órbita; **20.00**, Orquestras; **21.00**, Concerto; **22.00**, Auditório; **24.00**, Prisma; **02.00**, Fecho.

RÁDIO RENASCENCA

16.00, Noticiário; **16.05**, Sequência da tarde; **18.00**, Boa viagem; **18.15**, Palavra do dia; **18.30**, Transmissão do Terço; **19.00**, Programa da Liga dos Amigos da Rádio Renascença; **20.00**, Objectivo; **21.05**, Pentagrama; **22.00**, Quando o telefone toca; **22.30**, Temas vivos; **23.05**, Trifónico; **23.30**, Dicionário Político; **02.00**, Encerramento da estação.

Restrições à circulação automóvel

Vai ser apresentado até ao fim do corrente mês o relatório do grupo de trabalho que está a estudar as medidas de restrição à circulação automóvel.

Além do dr. Pinto Bessa, da Secretaria de Estado de Transportes, faz parte do mesmo grupo de trabalho o engenheiro Oscar Mences, da Direcção-Geral de Combustíveis, em representação, respectivamente, do Ministério dos Transportes e Comunicações e do Ministério de Indústria e Tecnologia.

O membro da Secretaria Geral de Transportes recusou-se a prestar qualquer informação sobre os trabalhos já efectuados, uma vez que, segundo afirmou, «o teor do relatório técnico talvez não venha mesmo a ser publicado».

Recorda-se que este grupo foi constituído por decisão do Conselho de Ministros, com o objectivo de estudar as alternativas: racionamento de combustível ou condicionamento da circulação automóvel.

Debate no Porto sobre crédito à exportação

Em promoção da COSEC — Companhia de Seguro de Créditos, realiza-se no próximo dia 26 um debate na Estalagem Via Norte (Porto) subordinado ao tema «O Financiamento e o Seguro de Créditos à Exportação Nacional».

Serão tratados três temas específicos: «O Conselho Coordenador do Financiamento do Comércio Externo: suas funções», «O financiamento à exportação: tipos e processo de sua obtenção» e «Garantias de financiamento e seguro de créditos à exportação». Feitas estas exposições, segue-se debate entre os participantes.

Construção naval traz divisas

Atinge a cifra de dois milhões de contos o valor das unidades de marinha mercante actualmente em construção nos estaleiros portugueses destinados à Noruega, Suécia, Barhem e Líbia, segundo apurou a ANOP. Figuram entre essas unidade um navio tanque para produtos químicos, doze rebocadores, um corpo de proa para um petroleiro de 400 mil toneladas e um corpo de popa para um petroleiro de 135 mil toneladas. Esses estaleiros são os de Viana do Castelo, São Jacinteto (Aveiro) Mondego (Figueira da Foz), H. Parry e Son (Almada), Argibay (Alverca do Ribatejo) e Lisnave (Almada).

Por outro lado, representam uma entrada de divisas em Portugal de cerca de 810 mil contos os trabalhos, cuja facturação está concluída, já efectuados pelos estaleiros da Lisnave no ano em curso e que dizem respeito a reparações e construções de navios.

O valor dessas reparações é de 391 242 000 escudos e o das construções de 417 830 000 escudos, o que soma 809 072 000 escudos.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral muito nublado; vento fraco e havia neblina junto à costa a norte do cabo da Roca.

TEMPERATURAS EXTREMAS

PREVISÃO GERAL ATE AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado, por vezes muito nublado; vento fraco; condições favoráveis à ocorrência de trovoadas nas regiões do Norte e centro.

TEMPERATURAS DO AR 09.00 H

PORTO	20°
P. DOURADAS	
COIMBRA	25°
PORTALEGRE	23°
LISBOA	24°
FARO	23°
FUNCHAL	

MARÉS DE HOJE

	PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
2.10	3,4 m	7.45	1,3 m	
14.33	3,7 m	20.14	1,2 m	
	Dia 25			
2.55	3,6 m	8.26	1,2 m	
15.15	3,8 m	20.54	1,1m	
	Dia 26			
3.36	3,7 m	9.06	1,0 m	
15.54	4,0 m	21.33	0,9 m	

AMANHÃ

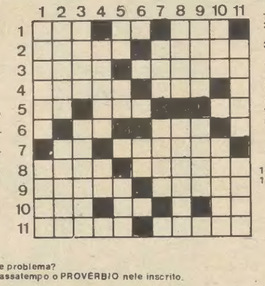
NASCER AS 6.31
OCASO AS 20.55

DIA 27 DIA 2 DIA 10 DIA 18

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11 426



HORIZONTAIS:

D. «Recusa. Tempo do verbo haver, Bondoso.
2 Serra do estado do Pará. Cara grande.
3 Magoava, Golpes.
4 Alto, Punhado.
5 Letra grega. Mágoa. Bromo (s.q.).
6 Cobalto (s.q.). Fedor.
7 Autores. Algarve (ant).
8 Vila e concelho do distrito de Portalegre. Dourados.
9 Rodo (pr.v.). Ave trepadora.
10 Fileira. Artito definido. Medida itinerária do Japão.
11 Peneira. Virgulas dobradas.

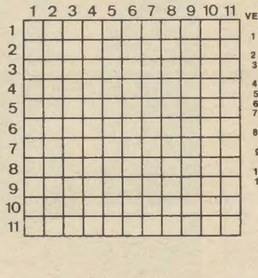
VERTICAIS:

1 Flutuara. Lavras.
2 Perfume. Nome de fruto seco.
3 Um dos estados da América do Norte. Tombadas.
4 Líquido para a cultura de microbios. Solitário.
5 Existe. O sono das crianças. Rate.
6 Nota musical.
7 Preposição. Chuva.
8 Criança francesa célebre pelo seu heroismo. Viaturas.
9 Nascimento de um astro. Superficie plana delimitada.
10 Origem. Suja.
11 Molusco comestivel. Vais para fora.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7586



HORIZONTAIS:

1 Letra grega. Criam.
2 Capa ou manto comprido usado pelas antigas matronas romanas. Alfarrabista.
3 Letra grega. Umcento. Palavra gaélica que significa filho e prece um grande número de nomes irlandeses e escoceses.
4 Cintilar. A planta do pé.
5 Cidade do estado do Maranhão (Brasil) Fronteira.
6 Pacífica. Estrépido de desmoronamento.
7 Murchar. Letra grega.
8 Chama a atenção. Corcovo.
9 Casa de campo. Abarrotar.
10 Nome de mulher. Escavaria.
11 Fatia. Pega.

VERTICAIS:

1 Cumpre. Campo ou horta de favas.
2 Assassinar. Azeda.
3 Presa com elos. Freguesia do concelho de Nelas.
4 Gálio (s.q.). Une.
5 Disfarçar. Ruim.
6 Preposição. Letra grega.
7 Reis. Cidade do Daomé, perto de Abomé.
8 Pertences. Rio da França e da Alemanha. Chefe etíope
9 Repisa. Que não é a mesma.
10 Sacudir. Progenitor.
11 Cidade da Arábia. Empregaras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 425

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Amaçamos. Ar	1 At. Bicha. Ba.
2 Tacadas. Ice.	2 Mar. Coermos.
3 Re. Assa. Hã.	3 Acenas. Rolo.
4 NÃO. Arnam.	4 Ca. As. Aaro.
5 Igas.	5 Adão. Unst.
6 Cos. Ura. Pui.	6 Ma. Era. Elo.
7 HA. Anais. Em.	7 Ossa. Ais. Or.
8 Arras. Sem.	8 Ara. SEM.
9 MORTE. Moel.	9 Momo.
10 BOLO. Lo. Mua	10 ACHAQUE. Eu.
11 Aso. Corto.	11 Real. Imolar.

PROVÉRBIO: NÃO HÁ MORTE SEM ACHAQUE.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7585

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Fasco. Falun.	1 Farda. Feras.
2 Ames. Reno.	2 Amaro. Alito.
3 Rãs. Ria. Rir.	3 Sés. Ramosas.
4 Dr. Porta. Ca.	4 Cl. Poço. Cri.
5 Aoros. Ricos.	5 Rosas. Ala.
6 Acabaras.	6 Vir. Bandas.
7 Fâmosas.	7 Atrás. Om.
8 Elo. Elas.	8 Ar. Air. Ou.
9 Riscado. Eis.	9 Ler. Caules.
10 Atarïamos.	10 Únicos. Aí.
11 Sósias. Sm.	11 Noras. Assim.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO N-1

TIDA A NOITE

AJUDA
Moura, Travessa da Memória, 55 (tel. 630944).

ALTO PINA
Ibéria, Rua Barão de Sabrosa, 235-A (a Alameda) (tel. 728277).

ALVALADE
Nova Iorque, Avenida dos Estados Unidos da América, 140-B (tel. 760658).

ARROIOS
Cândido Monteiro, Av. Almirante Reis, 121-B (telefone 45291).

BAIRRO DAS COLÓNIAS
Higiénica Rua HELIODORO Salgado, 20-A (tel. 844361).

BAIXA
Teixeira Lopes, Rua Aurea, 154 (tel 324816).

BENFICA
Lisboa, Rua Cláudio Nunes, 73-A (tel. 703393).

CAMPOLIDE
Rualto, Lda., Alto do Carvalhão, 5/A/B (Junto ao Aqueduto das Águas Livres) (tel. 351721).

CAMPO DE SANTANA
Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117 (tel. 553308).

ENTRECAMPOS
Nova Iorque, Av. dos Estados Unidos da América, 140 (tel. 760658).

LUMIAR
Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B (tel. 790332).

OLIVAIS SUL
Novados Olivais, Rua Manhica, lote 469 (telefone 316402).

S. MAMEDE
Albano, Rua Escola Politécnica, 59 (tel. 326750).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Figueiras, Avenida Marquês de Tomar, 20 (tel. 44998).

TURNO N-2

ATÉ AS 22 HORAS

ALFAMA
Anunciada, Rua do Vigário, 74 (tel. 866360).

ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Avenida Mouzinho de Albuquerque, 7-A (a P. Paiva Couceiro) (tel. 843571).

ALVALAD
Aeroporto, Avenida Almirante Gago Coutinho, 101-D (a Avenida D. Rodrigo da Cunha) (tel. 722384); S. João de Deus, Rua Pedro Ivo, 1-A (tel. 725140); Cartaxo, Avenida da Igreja 21-C (tel. 717958).

AREIRO
Miranda, Campo Pequeno, 36-B (a Avenida Sacadura Cabral) tel. 770776).

AVENIDA DA LIBERDADE
Fernandes, Rua de S. José, 187 (tel. 326476).

AVENIDAS NOVAS
Universal, Rua Actor Taborda, 5-7 (tel. 44158).

BENFICA
Alegria, Estrada de Benfica, 180-A (Tel. 780511).

CAMPO DE OURIQUE
Castro Fonseca, Rua e Infantaria, 28-A (tel. 688857)

PICHELEIRA
Mariuz, Calçada da Picheleira, 1401B/C (telefs 720703 /728395)

MARVILA
Grijó, Rua do Grilo, 25 (tel. 385264).

SANTO AMARO
Lismonense, Rua Leão de Oliveira 2-B (tel. 637020)

SANTOS-O-VELHO
Fontoura de Carvalho, Rua Santos-o-Velho, 12 (tel. 662975)

LINHA DE CASCAIS

ALGES
Miraflores R. Antonio Granjo, 2 (T. 2113161)

CARCAVELOS
Central Toda a noite

S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira Av. Saboia, 29-B (T. 260085) Até as 22 horas

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034) Toda anoite

NOVA OEIRAS
Leal-Até as 22 horas

OEIRAS
Godinho R. Cândido dos Reis, 98 (T. 2430090) Até as 22 horas

PAREDE
Aisir Av. Gago Coutinho-B.º Caixas de Previdência (T. 2472948) Toda anoite

MURTAL
Primavera R. das Parreiras, 2 (T. 2472278) Toda anoite

AMOREIRA
Amoreira Até as 22 horas

MONTE ESTORIL
Lopes R. Hengar, 3 (T. 260008) Toda a noite

CASCAIS
A. Costa R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214) Até as 22 horas
Cordeiro Av. Comb. G. Guerra, 40 (T. 280170) Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo P. D. João I, 9-B (T. 9327756)
Central Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 932210)
Igreja P. da Igreja, 22-A (T. 937740)
Jardim Av. Conde de Oeiras, 120-Reboleira (T. 938424)

DAMAIA
D. João V Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461)

QUELUZ
Correia L. do Mercado, 3 (T. 950906)

CACEM
Guerra Rico Agualva

MEM MARTINS
Rodrigues Pato Agualva

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)

SINTRA
Marrazes Vila (T. 2930155)

COLARES
Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro L. Antonio dos Santos Jorge, 15 (T. 234100)

ALHOS VEDROS
Portugal Av. Xela Rosa, 8 (T. 204250)

ALMADA
Galeno R. Capitão Leitão, 85-B (T. 276565)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima Est. Nacional, 244-A (T. 2040141)

BARREIRO
Santa Maria R. dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (T. 2072141) Até às 19 horas

COVA DA PIEDADE
Pimenta R. Cons.º Antonio Augusto Aguiar, 269 (T. 2073012) Serviço permanente

Morgado R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356)

MOITA
Silva Rocha P. da Republica, 16 (T. 2390291)

MONTIJO
Moderna R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156)

SESIMBRA
Lopes R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028)

SETUBAL
Higiene R. Frei Agostinho da Cruz (T. 22408)
Portugal R. Camilo Castelo Branco (T. 23211).

SEIXAL
Godinho L. da Igreja, 51 (T 2218580)

PORTO

TURNO 10

ATÉ AS 22 HORAS

Batalha P.da Batalha, 28
Campo P.da Republica, 118.
Invicta R.d Bonfim, 330
Mira Paulo R.Castelo de Numão, 37 Barros, R.do Bonjardim, 1292 Fátima, R.Oliveira Monteiro, 475 Garantia, R.Fernandes Tomas, 696

TODA A NOITE

Sá R.Vale Formoso, 181 Sarabando, I.d.s Loios, 36 Costa Cabral, R.da Costa Cabral, 1832 Fonte da Moura R.da Tanger, 1463

COIMBRA

Figueiredo, Rua da Sofia 107 — Tel. 22837; M. Nazaré — Avenida João das Regras, 132 — telef. 23033

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Vamos trocar de Mulheres»

TEATRO ABERTO
Grupo 4
21.15 (18 anos)
«O Círculo de Giz Caucasiano»

ADÓQUE
20.30 e 22.45 (18 anos)
«A Grande Cidade»

A.B.C.
20.30 e 22.45 (6 anos)
«A Vida é Boa»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.15 (18 anos)
«Abutres na Cidade»

EUROPA
21.30 w 24 (13 anos)
«Aventuras em mares de Espuma»

CINEBOLSU
21.30 e 24 (18 anos)
«Relações escaldantes»

SATÉLITE
21.30 (18 anos)
«A Mulher Casada»

JARDIM
21.30 (18 anos)
«Tarzoon a Vergonha da Selva»

LUMIAR
21.15 (6 anos)
«O Rei do Circo»

IDEAL
21.30 (13 anos)
«O Regresso de Acelula»

PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«Frankenstein Junior»

ARCO ÍRIS
21.15 (10 anos)
«O Gladiador de Roma»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Núpcias de Porcelana»

OLÍMPIA
21.00 (18 anos)
«Garotas em Uniforme»

SÃO LUIS
21.30 (18 anos)
«Lola Montes»

LINHA DE CASCAIS

PAREDE
Royal
21.15 (18 anos)
«A Freira de Monza»

ESTORIL
Palácio
21.15 (13 anos)
«Cristina e o cardeal»

CASCAIS
S. José
21.15 (13 anos)
«O leão e o vento»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.15 (18 anos)
«Amor entre menores»

AMADORA
Cinestudio
21.30 (13 anos)
«Bobby»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Kamasntra,artedeamarindiana»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrivel
21.15 (18 anos)
«Delicias francesas»

ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«A Trama»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«Uma mão cheia de diamantes»

PORTO/Teatros

ANTONIO PEDRO
21.00 (13 anos)
«As Artimanhas de Scapino»

PORTO/Cinemas

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Clube Privado»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«Chovem em Santiago»

JULIO DINIZ
21.15 (18 anos)
«A Linguagem do Amor»

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Canção da Noruega»

AGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«A Cidade do Crime»

TRINDADE
21.15 (18 anos)
«Emanuelle a Antivirgem»

ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«APrimeira vez sobre a Relva»

SA DA BANDEIRA
21.15 (13 anos)
«O Meu Cavalo, a Minha Pistola»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Trinita Cow-boy insolente»

BATALHA
21.15 (18 anos)
«Os Canhões de Navarone»

CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«A morte está ao Telefone»

S. JOÃO
21.15 (13 anos)
«S.P.Y.S.»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«OsPadrinhos de Hong-Kong»

VALE FORMOSOS
21.15 (10 anos)
«Amor de Perdição»

BATALHA-BEBÉ
22.00 (13 anos)
«Benidetou a Virgem Mãe»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Justiça de Mulher»

GIL VICENTE
21.15 (6 anos)
«O Planeta Selvagem»

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«O Maluquinho do Sexo»

S. TEOTONIO
21.15 (18 anos)
«Um Filho por encomenda»

cinemas • cinemas • cinemas

CASTIL
Hoje e amanhã 15.00, 17.00, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
Sylvia Kristel a
EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM
um filme de Francis Giacobetti
4.ª semana
Aviso ao público: este filme contem cenas eventualmente chocantes
Hoje as 24.00 Antestreia
Não acons. menores 18 anos
AMOR VIOLENTO

IMPÉRIO
T. 555134/5 — 17.00 e 21.15
M/ 10 anos
2.ª Semana de êxito
MY FAIR LADY
Audrey Hepburn, Rex Harrison
70 mm — Ecran gigante
Amanhã e Domingo 15,15,18,30,21.15

POLITEAMA
T. 326305 — 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
A PROFESSORA DE LINGUA
Interdito a men. de 18 anos
com Femi Benussi, Pupo De Luca
um dos seus alunos ate deixou de ser gago

VOX
Tel. 720808 — 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
Para todos
QUE FIZESTE NA GUERRA, PAIZINHO?
Hoje as 24 horas Sessão especial
AMORES SEM FREIO
Interdito a menores 16 anos

CARLOS MANUEL — Sonoro
Tel. 2930394 — 21.15
Não acons. menores 18 anos
KAMASUTRA, A ARTE DE AMAR
INDIANA
Bruno Dietrich, Barbara Schone

D. JOÃO V — Sonoro
Tel. 971704 — Para todos — 16 horas
OS ALEGRES PIRATAS DA ILHA DO TESOURO
as 21.15 M/10 anos
O CATEDRATICO
as 24.00 M/18 anos
DRACULA 72

— S. LUIS
Hoje as 18.30 e 21.30 M/18 anos
LOLA MOBTES
de Max Ophuls
Amanhã não há espectaculo

RESTELO
T. 610375
Hoje e amanhã as 15 e 21 horas
Não acons. men. 13 anos
A RIVAL

PALÁCIO FOZ
18 e 21
Hoe e amanhã não ha espectaculo

OXFORD
16.00 21.15
MASSACRE EM ROMA
c/ Richard Burton
Não acons. men. 18 anos

BARES • BOITES
RESTAURANTES
TRIOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13, (Tel. 364859, 368197). Marta Mónica Stripteasause.
CASINO DO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 2646212/64946.

CALEIDOSCÓPIO
Tel. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Hoje: O HOMEM DAS MULHERES
Para todos de Jerry Lewis
Amanhã as 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
O CAPITÃO SEM BARCO
de Norman Taurog

EDEN
T. 320768 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Hoje e amanhã
Não acons. a men. 18 anos
O SABOR DA VINGANÇA
Um filme impressionante de Barry Shear com Richard Harris e Rod Taylor

ODEON
T. 326283 — 15.15, 18.15, 21.15
Hoje e amanhã
Não acons. a menores de 18 anos
5.ª Semana e última
se todas as mulheres fossem como
A MINHA INSACIÁVEL CUNHADINHA
Os homens tinham a «sorte grandes» nas mãos

APOLO 70
T. 763319
16.30, 21.15
Não acons. menores 18 anos
A FREIRA DE MONZA
Às 14.00
VENCEDORES E VENCIDOS
Às 19.00
OLIMPIADAS DO MEXICO
Hoje as 24.00 horas Grupo D 18 anos
FIM-DE-SEMANA ILEGITIMO
Amanhã as 11 horas Manhã infantil
JERRY AMAA SECA

S. JORGE
T. 554153/4 — 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a men. de 18 anos
entre o amor e a vingança
Burt Reynolds e
MC KLUSKY, O INDOMAVEL
Hoje e amanhã

AVIS
T. 47163 — 17.00, 19.00 e 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
64.ª Semana
«TRINITÁ COW-BOY INSOLENTE
com Terence Hill, Bud Spencer

ESTÚDIO
T. 555134 — 14.00, 17.00, 19.00, 21.15
Não acons men. 13 anos
VICIO DE MATAR
de Arthur Penn
com Paul Newman e Lima Milan
Hoje e amanhã

ESTÚDIO 444
T. 779095 — 17.00, 19.00 e 21.15
Não acons. a men. de 18 anos
Amanhã as 17.00, 19.00, 21.15
MENINAS BEM
Hoje às 24 horas Int. men. 18 anos
EMANUELLE A ANTIVIRGEM

MUNDIAL
T. 536743 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. m. 13 anos
AVENTURA É AVENTURA
com Lino Ventura e Aldo Maccionne
Hoje e amanhã

ROMA
T. 727778 — 17.00, 19.00 e 21.15
Int. men. 18 anos
EMMANUELLE E A ANTI-VIRGEM
Este filme contém cenas eventualmente chocantes
7.ª semana

CASINO ESTORIL
Hoje as 18.15 e 21.15
Hoje as 15.30 — Matinee Infantil
DUMBO
(Para todos)
Amanhã as 15.30, 18.15 e 21.15
BOBBY

Transportado pelos Caminhos de Ferro Portugueses

UNIVERSAL
Tel. 774402
Hoje e amanhã
14.30, 17.00, 20.30, 22.30
DECAMERON DE PIERO PAOLO PASOLINI
Não acons. a men. 18 anos

CONDES
T. 322523 — 14.00, 16.30, 18.45, 21.15
Hoje e amanhã
4.ª semana
Não acons. men. 18 anos
SOLDADO AZUL
um acontecimento fora de série
c/ andice Bergen, Peter Strauss

BERNA
T. 776097 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Para todos
Os grandes sarilhos de um policia em Saint-Tropez
O GENDARME EM FÉRIAS
6.ª semana
C/Luis de Funes

LONDRES
T. 801313 — 13.15, 17.15, 19.15, 21.30
Não acons. men. 13 anos
PATO COM LARANJA
c/ Monica Vitti
Ugo Tognazzi
Hoje as 24 horas
Não acons. menores 18 anos
COM TANTO AMOR, COM IGUAL AMOR

ROXY
T. 48560 — 15.30, 17.15, 21.15
Interdito menores 18 anos
Annie Belle no papel de
LAURA
idealizado, escrito e interpretado por Emmamelle Assan

TIVOLI
T. 570595 — 17.15 e 21.15
Hoje e amanhã as 15.00, 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
Uma historia imortal!
Um filme eterno!
E TUDO O VENTO LEVOU
7.ª semana
Com Clark Gable, Vivien Leigh

ALVALADE
T. 897480 — 17.15, 19.15 e 21.30
Hoje e amanhã não há espectaculo
2.ª feira 17.30 e 21.15
GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE
c/ Elizabeth Taylor, Paul Newman
Para maiores de 18 anos

PATHE
14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Que espécie de prazer lhe traria o desejo de matar?
MEU CARO ASSASSINO
Não acons. men. 18 anos
c/ George Hilton, Marilu Toco, Patty Shepard
Hoje e amanhã
As 13.30, 17.15 e 19.15 — Ultimas Emanuelle a antivirgem

NIMAS
T. 574313 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Hoje e amanhã
Não acons. menores 18 anos
O Chile de Allende e Pinochet
CHOVE EM SANTIAGO
3.ª semana

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO SERVIÇOS TECNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO 44
TELEF. 321154/5 320771/2/3
RUA DA ROSA 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL



Realizou-se esta manhã na Academia Militar a cerimónia de juramento de bandeira dos alunos do «Curso General Norton de Matos». A cerimónia presidiu o general Chefe do Estado-Maior do Exército, Rocha Vieira, em representação do Presidente da República que, por motivo dos seus afazeres, não pode comparecer, como estava previsto. Na cerimónia, usaram da palavra o general Rocha Vieira e o coronel da F.A., Teixeira de Almeida, professor da Academia, após o que os cadetes da Academia juraram bandeira, realizando-se depois diversas provas desportivo-militares

AGOSTINHO NETO COM ABDEL SALIM

Tema em Havana: descolonização

O presidente Agostinho Neto da República Popular de Angola travou ontem, segundo dia da sua visita a Cuba, as primeiras conversações oficiais com o primeiro-ministro cubano Fidel Castro

O dirigente do MPLA veio a Cuba, segundo se crê, para agradecer ao povo deste país o seu auxílio militar e técnico durante a recente guerra civil com os movimentos angolanos rivais, apoiados pelo Ocidente.

O presidente angolano chegou, como noticiámos, anteontem de avião, deparando com o que alguns observadores descrevem como a maior recepção já feita a um chefe de Estado estrangeiro.

NAMÍBIA E RODÉSIA — DOIS PONTOS A DISCUTIR

As conversações entre os dois «leaders» poderão também abranger a situação na África Austral e a possível assistência a movimentos de libertação na Namíbia (Sudoeste Africano) e na Rodésia.

Embora a sua chegada não fosse anunciada, afirma-se que Leslie Harriman, presidente da Comissão das Nações Unidas contra o «apartheid» na África do Sul, e Salim Abdel Salim, presidente da Comissão de Descolonização da ONU, se encontram em Havana. Admite-se que Leslie e Salim participem nas conversacões de Neto com Fidel.

Além de treino militar, é provável que seja debatido em Havana o auxílio cubano a Angola nos campos da saúde pública, agricultura, construção civil e educação.

Agostinho Neto chegou acompanhado de grande delegação, incluindo o chefe interino do Estado-Maior das Forças Armadas e dos ministros do Planeamento Económico, Justiça, Obras Públicas e Informação, além de membros destacados do MPLA.

A visita termina na segunda-feira com um comício por ocasião do Dia Nacional de Cuba, em Pinar del Rio. O comício assinala o 23.º aniversário do ataque desencadeado por Fidel e um grupo de partidários contra o quartel de Moncada — ponto de partida para a vitoriosa campanha de guerrilhas contra o regime de Fulgência Batista.

Primeiro Conselho de Ministros ultima programa governamental

Confrontar nomes e ultimar a lista dos secretários e subsecretários de Estado que participarão no I Governo constitucional ontem empossado e hoje reunido em plenário, era esta manhã uma das preocupações, como ponto da ordem de trabalhos, do Conselho de Ministros, que continua reunido em S. Bento. Ponto igualmente importante, que o dr. Mário Soares, na sua qualidade de Primeiro-Ministro, pôs em relevo, era o do estudo e eventual revisão do programa governamental que nos termos da Constituição o Partido Socialista vai apresentar à Assembleia da República.

A vaga de terrorismo que tem assolado o País, designadamente Lisboa, nos últimos três dias, foi um dos aspectos referidos pelos representantes dos órgãos da comunicação social em contacto com alguns dos actuais responsáveis governamentais. O Primeiro-Ministro salientou ser necessário antes de mais, «que a PJ possa descobrir quem são os autores dos atentados e das bombas» de modo a que «possam ser presos e julgados com a severidade que a lei prevê».

Ao contrário do que chegou a ser noticiado, por um matutino do Porto, o Partido Socialista não apresentará uma «espécie de declaração de princípios» para a Assembleia da República apreciar, mas «um programa governamental» — realçou o dr. Mário Soares ao representante do nosso jornal.

Nesse programa governamental caberão muitas das respostas às questões hoje postas a diversos ministros, que se eximiram a emitir opiniões solicitadas em virtude de parte da matéria em questão se relacionar e constar do aludido programa.

Sottomayor Cardia diria, em substância, que o seu Ministério pugnaria pelo «pluralismo nas escolas no respeito por discentes e docentes» e, salvaguardando uma vez mais o que o programa governamental anunciará, admitiu a mudança e revisão de programas no que «ainda for possível».

Saúde e segurança social foram aspectos que Armando Bacelar salientou como prioritários no seu departamento governamental, adiantando ainda ter alguns projectos em perspectiva para submeter ao Conselho de Ministros, depois de sobre os mesmos o Primeiro-Ministro se pronunciar.

Lopes Cardoso, que continua a sobraçar a pasta da Agricultura e Pescas, adiantou que a Reforma Agrária não «sofrerá qualquer alteração».

Quanto às nossas relações externas, serão consentâneas com a posição já assumida, designadamente na apresentação do programa do PS para as eleições da Assembleia da República, afirmou o dr. Medeiros Ferreira, que passou da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros para titular da pasta.

Cooperativas encontram-se em Cacilhas

. No Ginásio Clube do Sul, em Cacilhas, decorre esta tarde uma reunião promovida pelo Grupo de Apoio as Cooperativas do Concelho de Monfrote, com o fim de ser definido o apoio a dar às cooperativas agrícolas «Colina Vermelha do Assumar», «Maravilhas de Monforte», «Santo Aleixo» e «Vaiamonte».

Estão incluídos na ordem de trabalhos os seguintes temas: Introdução e balanço das actividades desenvolvidas; historial de cada cooperativa feito por um representante; discussão e análise da actividade a desenvolver

Cinema africano no Mercado do Povo

Houve teatro, canções de Angola, Guiné e Cabo Verde, dança e música de Moçambique no primeiro dia das jornadas de amizade e solidariedade com as novas nações africanas, ontem, no Mercado do Povo. Bastante povo assistiu a esta jornada: o suficiente para encher por completo e a transbordar o teatro onde o Grupo Atlético de Campolide representou a peça «O Grande Cidadão de Virgílio Martinho, o suficiente para ouvir durante uma hora e tal o Grupo Cultural de Moçambique, o Grupo da Associação de Guineenses e Cabo-Verdianos, o suficiente para manter a exposição de fotografias, cartazes e artesanato com permanentes visitas

Hoje é um dia reservado, principalmente, ao cinema e às questões políticas mas lá para a meia-noite, após concluído o colóquio (tema: Descolonizar-Cooperar) em que se espera estejam presentes personalidades civis e militares que marcaram o processo de descolonização, e após haver sido exibido o filme «Sambizanga» (início às 19 horas), no grande largo a céu aberto no Mercado do Povo vai realizar-se um baile-convívio com música africana pelo conjunto «Black Power»

Para além do programa de cinema, que é aliciante e por isso destacamos, o programa engloba hoje, às 21 e 30 colóquio sobre a descolonização e á cooperação e um baile de convívio a partir das onze da noite. Amanhã, sempre no Mercado do Povo, continua a exposição e a música africana, há, às 18 e 30, uma sessão de literatura africana e literatura anticolonial. apresentadas por Manuel Ferreira e Fernando Assis Pacheco respectivamente e às 22 horas um canto de resistência com Zeca Afonso, Adriano Correia de Oliveira, Grupo Cultural de Moçambique, Grupo da Associação de Guineenses e Cabo-Verdianos, Introito, possivelmente Francisco Fanhais e Fausto e outros cantores antifascistas.

A entrada é livre para todas as realizações.

As sessões de cinema das Jornadas, hoje e amanhã, começam às 17 horas e prolongar-se-ão até próximo do fecho das galerias (24 horas) com o seguinte horário e programa:

. **Hoje — Sábado, 17.00 — «O PAIGC em Cabo Verde»**

Documentário de 20 minutos sobre a chegada de Silvino da Luz primeiro dirigente do PAIGC a conduzir a mobilização que precedeu a independência.

17.20 — «Viva a Frelimo»

Filme colorido, de 25 minutos, comentado em francês mas falado em português pelos guerrilheiros. Fases da luta armada.

17.45 — «Guiné-Bissau: nascimento de uma nação»

Montagem de fases da guerrilha e acções do exército colonial, entrevistas com Amilcar Cabral e António Spinola. Fases da vida actual. Filme colorido, falado em português.

19.00 «Sambizanga»

Longa metragem sobre a luta do MPLA. Realizacão de Sara Maldoro e interpretação de Elisa Andrade.

Domingo, 25, 17.00 — Visita da delegação da Frelimo à RDA, para o Congresso Mundial da Mulher.

17.30 — «Angola-1970»

Filme de 20 minutos sobre a guerrilha

18.00 — «A geração de 50»

Documentário sobre Luanda, com montagem de poemas de Agostinho Neto, António Jacinto e Viriato Cruz, produzido pela televisão angolana. Duração de 20 minutos, a preto e branco, comentários de Mário Alcântara Monteiro.

18.30 — «Herança de Cabral» e «Povo livre da Guiné»

. Dois docimentários de Rudi Spee, realizador holandês, sobre a luta na Guiné e os problemas actuais. O primeiro legendado em português e o segundo falado em inglês.

20.00 — «Do Rovuma ao Maputo»

Documentário de longa-metragem, realizado pelos Serviços Culturais da Frelimo. Viagem do Presidente Samora Machel desde o Norte até chegar ao Maputo nas vésperas da independência.

Julgaram-no uma raposa...

Jovem morto a tiro

PORTO 24 — Um engano lamentável esteve na origem da morte do jovem João Fernando da Silva, de 15 anos, que vivia com os pais no lugar de Lousa, Prado, concelho de Vila Verde.

Tomado por uma raposa foi abatido por um seu vizinho, José Faria Coelho, que há tempos a esta parte vinha exercendo vigilância aturada ao seu galinheiro dado que lhe tinham desaparecido seis galináceos. Aconteceu que o João Fernando tinha fugido de casa depois de levar uma sova do pai. À noite e com receio de voltar a ser sovado escondeu-se, para dormir, no meio do milho. O vizinho, alertado pela mulher que viu o milho a mexer-se e pensou ser a raposa, veio à janela e disparou a arma caçadeira. Quando foi buscar o «animal» deparou com o corpo ensaguentado do pobre rapaz que ainda foi transportado ao Hospital de S. Marcos em Braga onde chegou já morto.

CASO DO VIDREIRO ASSASSINADO

Réu foi visto na noite do crime

PORTO, 24 — A questão da ausência do réu em Espanha na noite do crime que continua a ser o fulcro das averiguações foi, uma vez mais, contrariada por uma testemunha que afirmou, em tribunal, ter visto o presumível assassino do vidreiro Almeida e Silva, naquela noite. Efectivamente, Manuel Pinto Vieira que se recusara a prestar declarações à P.J., quando da instrução do processo com receio de represálias, afirmou que vira o réu, num automóvel parado na Rotunda da Boavista, cerca das 4 ou 4 e 30 do dia 26 de Novembro. Portanto pouco tempo depois do crime que ocorreu cerca das 3 horas. Explicou que já conhecia o réu do «snack-bar» da Cunha que também frequentava e que, encontrando-se na União dos Sindicatos na noite de 25 de Novembro após tomar conhecimento dos incidentes verificados junto ao Sindicato dos Vidreiros, meteu-se num automóvel e deu umas voltas à cidade. Foi assim que na Rotunda da Boavista viu dois automóveis parados junto de um posto de gasolina ali existente, facto que lhe chamou a atenção. Um dos veículos era suspeito de ter participado em acções provocatórias, no outro estava o Ludgero (réu) sentado ao volante.

Referindo-se a ameaças e espancamentos de que foi vítima, Manuel Vieira que continuará a ser ouvido na próxima audiência esclareceu o tribunal de que, ainda na véspera, fora ameaçado por familiares do réu.

Esta manhã no Carmo

P.J. deitou a mão a casal de assaltantes

A Polícia Judiciária deteve esta manhã na Rua Oliveira ao Carmo, n.º 3 em Lisboa, um casal de retornados de Angola. João Luís Vicente da Silva, de 25 anos, e Maria Fernanda Coelho de Almeida, de 24 anos, autores do assalto realizado em Tavira na noite de quinta-para sexta-feira passada à Tesouraria da Fazenda Pública daquela cidade.

Em virtude dos mecanismos legais existentes que não permitem a entrada da polícia durante a noite num domicílio, uma brigada chefiada pelo subinspector Estorninho, cercou o prédio a partir das 2 horas da manhã e esperou o soar das 8 horas para deter o casal.

Quatrocentos contos e uma espingarda caçadeira foram encontrados pela PJ que procedeu de imediato à detenção dos referidos indivíduos.

Ao casal detido foram ainda apreendidos dois automóveis de marca BMW e MGB, o último dos quais parece ter sido ontem adquirido) por 140 contos).

Otelo proibido de ir a Grândola

. O major Otelo Saraiva de Carvalho foi impedido, pela Polícia Judiciária Militar, de se deslocar a Grândola no próximo domingo, para participar numa festa popular para que tinha sido convidado pela população local.

A Comissão Nacional dos GDUP's emitiu um comunicado sobre esta proibição do juiz de instrução em serviço na PJM, no qual a considera um acto discricionário em relação a «um dos principais responsáveis pela queda do fascismo».

MILHARES DE LEITORES POR MINUTO



Técnicamente, as oficinas da Renascença Gráfica
são das mais actualizadas da Europa.
Das suas rotativas saem diáriamente
milhares de exemplares
de publicações e cartazes,
a um novo ritmo de produção e de acabamento.
Economia, quer isto dizer.
E novas possibilidades de criar
Imaginação e Leitores.

Serviços Comerciais da Renascença Gráfica, SARL
R. Luz Soriano 44 – Lisboa Telef. 321154/5.320271/2/3

Quinzena dos realizadores

FESTIVAL DE CANNES 76



24 DE JULHO DE 1976

sete PONTO sete

AGENDA SEMANAL DL DOS TEMPOS LIVRES
ARTE, ESPECTÁCULO, PASSATEMPO & DIVERSOS

suplemento semanal
Diário de Lisboa
sete PONTO sete

3 cinema — jorge leitão ramos
7 teatro — carlos porto
11 música — mário vieira de carvalho
14 discos — j. p. santos reis
15 livros — luís miranda rocha
20 artes plásticas
21 televisão

Coordenação de Mário Lindolfo
Lisboa, 24 a 30 de Julho de 1976

O olho mágico

Podia ser o regador, ou pior ainda, mas para isso basta a TV portuguesa, pelo que a magia que hoje domina o SETE-PONTO-SETE vem em directo de Cannes pela objectiva dos realizadores que deram fruto para a quinzena que olhos lisboetas desde sexta-feira estão a ver num cinema da capital. Na capa, já viram: o olho mágico é isso, aquela maneira sublime de ver a realidade dura e nua através da câmara de filmar.

Magia ao nível do quotidiano é também outra das nossas «invenções» desta semana: peque num «shaker» e faça como um destes senhores que vão agora ao campeonato do mundo armados de «cocktails» que têm sobre os «molotovs» a vantagem de porem, quando muito, um cidadão a dormir temporariamente. Eles, os nossos «barmen», foram dos «melhores do mundo» quando o capitalismo dominava esta área geográfica, e agora querem recuperar para o pós-25 de Abril de copo na mão. Não discuta, Livre» com sabor a cravo.

Hoje temos também um passatempo original: trata-se de dar as mãos a seu dono, isto é: de identificar pelas mãos algumas figuras políticas de todos os dias.

E ainda: conselhos e críticas sobre cinema, teatro, livros, discos, TV, a ajuntar aos habituais passatempos, que é a maneira mais patriótica de acudir ao apelo de «apertar o cinto»: por isso, também, não o tentamos esta semana com a gastronomia.



Por este dias, cinema. A Quinzena dos Realizadores está em Lisboa, e esperamos que não se julgue, provincianos incuráveis, que chegámos à Europa com esta rapidez toda. Não embarcar em cartazes sonantes, assim à partida, e de olhos fechados, é o mínimo que se pede. Não julgar que a Quinzena será o espaço de toda a Lisboa bem, é a lucidez urgente. Ou seja não ir por ir e porque todos vão, mas porque, nalguns casos, nalguns filmes, vale mesmo a pena ir. Como o último Oshima ou o filme de Kluge ou «Os demónios de Alcácer-Kibir» do Fonseca e Costa, presença portuguesa.

Manifestação que pode ser cultural e se exige não seja culturalista, a Quinzena (embora truncada e com remendos posteriores) é um empreendimento de prestígio a fechar a saída para férias, Agosto fora. O 7.7, que vai a todas, do desporto ao ballet e até, pasmemos, à televisão também entra na Quinzena com o entusiasmo que se vê, a prudência breve e o olho minimamente crítico. Daí o espaço, as palavras, os bonecos, o papel pintado com que vamos empurrando, em **voz off**, o que se vai fazendo nesta terra.

20.30 Telejornal _ 2.ª edição
(e perdeu o primeiro noticiário, tem a segunda chance)

21.05 Clayhanger



(série filmada, sob o tema «Vidas perdidas», que nos conta a história de uma família inglesa (que saudades de «A família Forsyte» até de Júlio Dinis)

22.10 Jogos Olímpicos
(atletismo, boxe e natação: ele é cada músculo, em directo de Montreal)

II Programa

20.00 Jogos Olímpicos
(atletismo)

22.10 Telejornal
(adição única: já vimos às 20.30, obrigado)

Segunda, 26

I Programa

12.30 Jogos Olímpicos
(resumo de domingo: sgrima, halterofilismo, jogos, vela, hipismo e boxe:

cá um «banho» neste lado dos Pirinéus)

19.00 Paulo e Virgínia



(Senhores: então não houve uma descolonização?!)

20.00 Teledesporto
(Montreal não é tudo: rubrica dedicada às actividades desportivas do fim de semana à portuguesa)

20.05 O povo e a música
(ele chegou a tocar a Internacional, agora temos uma breve incursão ao seio dos amadores de música de S. João da Madeira)

20.30 Telejornal (1.ª edição)
(nada de novo no mundo ocidental, segundo a RTP)

21.00 A música e o silêncio
(o «showman» Vitorino de Almeida: ele vale o programa. Não perca, nesta época em que o chamado «pequeno écran» tanto carece de cérebros. Além do Vitorino, só tem o padre Brown, e por azar nenhum deles na programação)

21.45 Jogos Olímpicos
(atletismo, em directo)

23.45 Telejornal (2.ª Edição)
(promessas)

II Programa

20.00 Jogos Olímpicos
(atletismo, em directo: é antes ou depois do I Programa?)

21.45 Telejornal
(em diferido: tá mesmo a ver, né?)

22.15 TV Jazz



(o quinteto de Charles Tolliver, apresentado por Francisco de Almeida. Nota: isto aconteceu em Cascais, há dois anos. E depois disso?!)

SOLUÇÕES

HORIZONTAIS:

1/5/1, LUÍS FILIPE COSTA. 10, Amoinar. 11, Nico. 13, Cã. 14, Casco. 16, Ea. 21, Se. 23, Derradeiro. 25, SHEILA. 28, Os. 29, Me. 30, Ea. 31, Mascar. 35, Pior. 37, Aso. 38, Saul. 39, Srs. 40, Aal. 42, Ad. 43, Ab. 45/67, GERALDINE CHAPLIN. 50, Larva. 51, Amargosas. 52, Os. 53, Ac. 54, Pa. 55, Si. 56, Ajudarias. 61, Numas. 62, Ois. 64, Al. 65, Os. 66, Rs. 71, Ca. 72, Ioda. 74/81, GUIDA MARIA. 77, Ari. 79, Pirata. 82, Al. 83, Samora.

VERTICAIS:

1, Lacasse. 2, Uma. 3, Io. 4, Si. 5, Facadas. 6, Ira. 7, Inçar. 8, Pio. 9, Ec. 12, Oboé. 15, Seroassem. 17, C.D.S. 18, Simulais. 19, Tre. 20, Ao. 22, Chapadas. 26, Imolava. 27, Lar. 32, Carga. 33, Ro. 36, Iú. 38, Salio. 41, Anás. 44, Bacanal. 46, Rapasse. 47, Arar. 48, Lg. 49, Domá. 57/34, JÚLIO IGLÉSIAS. 58, Um. 59, Dão. 60, Sôr. 63, Isca. 67, Ciam. 68, Hora. 69, Adir. 70, Pã. 71, Ca. 73, Vil. 74, Gas. 75, Uta. 76, Iam. 78, Rá. 79, Pá. 80, Rã.

As mãos pelos pés

1 — Melo Antunes e Vítor Alves
2 — Mário Soares
3 — Ramalho Eanes
4 — Costa Gomes
5 — Vasco Lourenco

Terça, 27

I Programa

12.30 Jogos Olímpicos
(de outem: basquetebol, andebol, voleibol, waterpolo, boxe, halterofilismo, judo e vela. Uff!)

19.00 Ilha do Tesouro
(primeiro episódio de nova série, segundo um tema original: uma ilha perdida há um tesouro escondido, os perigos, as aventuras, enfim, todo um clima de novidade, basta!)

19.25 O regador mágico
(a pedir água)

19.55 Com todas as letras
(desabafe, homem!)

20.30 Telejornal (1.ª Edição)
(o país e o estrangeiro amassados pela RTP)

21.05 Pão e vinho
(série italiana, baseada na obra de Ignázio Silone: não perca)

22.30 Telejornal (2.ª Edição)
(a primeira, comprida ou aumentada, conforme o «espaço televisivo»)

23.00 Jogos Olímpicos
(boxe, waterpolo (finais), futebol (meia final), tudo em directo: que luxo)

II Programa

20.00 Wickie, o viking
(o maior sucesso RTP entre a criançada: único concorrente — a Heidi)

20.25 Os Goodies
(imaginação à inglesa, de vez em quando, uma boa saída)

20.55 Exercício sobre Luiz Vaz de Camões
(A Arca-Filme pretende reconstruir a vida do poeta)

22.10 Música antiga dos séculos XIII e XVIII
(pequenas peças musicais intercaladas com textos explicativos e fotografia. Uma garantia de qualidade: intervém o grupo «Segréis de Lisboa»)

Quarta, 28

I Programa

12.30 Jogos Olímpicos
(halterofilismo, luta, basquetebol, vela, boxe, esgrima, tiro ao arco, judo, e salto aquático, tudo através da Eurovisão desde Montreal)

19.00 Formação
(o departamento de programas juvenis e infantis informa que é o último da série: tome nota)

19.25 Magazine do norte
(ao cuidado dos estúdios da RTP no Porto)

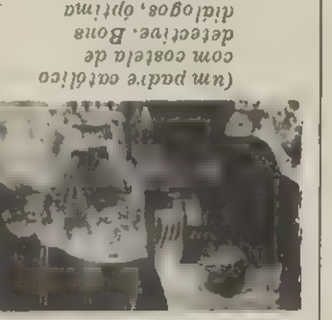
19.55 Educação permanente
(tamos tão precisados)

20.10 Vamos jogar no Totobola
(o Zé Fialho prometeu voltar com o Gageiro: vale a pena. Quanto a prognóstico, vá pelos dados, que é mais seguro)

20.30 Telejornal (1.ª edição)
(daqui e de lá fora)

21.05 Programa do Estado-Maior General das Forças Armadas
(da última vez vimos faróis)

21.35 Padre Brown



(um padre católico com costela de detective. Bons diálogos, óptima interpretação, boas histórias. Veja)

22.45 Jogos Olímpicos
(em directo de Montreal: atletismo, andebol (finais, de homens e senhoras), hóquei (meias-finais)

II Programa

19.00 Jogos Olímpicos
(transmissão directa de Montreal das provas de atletismo)

22.45 Telejornal
(a edição transmitida no I Programa às 20.30)

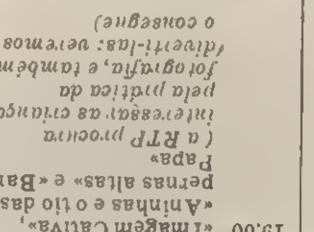
Quinta, 29

I Programa

12.30 Jogos Olímpicos
(resumo das provas realizadas na quarta-feira: canoagem, esgrima, tiro ao arco, hipismo, vela, luta, judo e boxe)

19.00 «Imagem Cativa», «Aninhas e o tio das pernas altas» e «Barba Papa»
(a RTP procura interessar as crianças pela prática da fotografia, e também diverti-las: veremos se o consegue)

19.30 Segredos do mar vermelho



(série filmada)

20.00 TV Palco
(Igrejas Caeiro sempre descobre cada peça)

20.30 Telejornal (1.ª Edição)
(noticiário do país e do estrangeiro)

21.05 Jogos Olímpicos
(em directo: atletismo e meias finais de voleibol, senhoras)

22.30 Memórias do nosso tempo
(A Grande Guerra — recuperação dos exércitos aliados, terminando com o ataque à linha Hindemburgo, último ponto forte alemão)

II Programa

20.00 Jogos Olímpicos
(transmissão directa de provas de atletismo)

21.05 E em qualquer parte apresentamos
(isso é com a RTP)

21.30 O diário de um louco
(dramatização de um conto de Gogol. Tradução e adaptação de Virgínia Ramos. Cenários de António Casimiro. Interpretação de Jacinto Ramos. Veja.)

Sexta, 30

I Programa

12.30 Jogos Olímpicos
(resumo de ontem das provas de luta, tiro ao arco, esgrima, voleibol, boxe, futebol e judo)

19.00 O cavalo terracota
(aproveite para ver um pouco de Marrocos. Quanto ao enredo, esqueça-o)

19.26 Azulejaria
(A Arca-filme desenvolve um tema a partir do azulejo moderno e das novas correntes artísticas. Com interesse)

20.00 Momento desportivo
(meia hora para debater desporto)

20.30 Telejornal (1.ª Edição)
(deste país e dos outros, o menos possível)

21.05 Terra a terra, minha gente
(triste, cinzento, com gente encabulada, encurralada no «écran». Vila Real merecia melhor. Outro programa, outra gente)

22.25 Jogos Olímpicos
(em directo: atletismo e voleibol, finais senhoras)

00.00 Telejornal (2.ª Edição)
(quinze minutos de notícias)

II Programa

20.00 Jogos Olímpicos
(em directo do Canadá: provas de atletismo)

22.25 Telejornal
(em diferido, a edição do I Prog às 20.30)

CINE/PONTO

O prestígio de Cannes

Trazer, a Lisboa, a Quinzena dos Realizadores do último Festival de Cannes é, antes de tudo, uma operação de prestígio, jogar num nome, num cartaz, antes de se justificar, analiticamente, num intercâmbio que até agora se tem (quase) reduzido a ser importação. Questão, ainda, donde não está arredia uma política cultural e um projecto, possível, de a pôr em prática. Questão, também, de sobe e desce com elevador da Glória a permear. Um assunto a merecer reflexão.

Trazer a Lisboa este certame (embora truncado por motivos da máxima força) é, por outro lado, uma operação que envolve sério esforço. Em Paris, por parte do representante remunerado do IPC, Rui Nogueira, em Lisboa, por parte de um grupo de trabalho sediado na Direcção-Geral da Acção Cultural e por ela apoiado.



Nos canais administrativos da Fundação Gulbenkian, com apoio financeiro à deslocação a Lisboa de alguns realizadores (Marguerite Duras, Mai Zetterling, Stephen Dwoskin, Bernard Queysanne, Vatroslav Mimica). Enfim, aqui, na forma como respondermos, em cada um dos seus componentes, os filmes que melhor ou pior iremos ver. Muitas coisas estão, por isso, em torno deste certame. Uma imagem de dinamismo que quem organiza quer. Um investimento cultural que se não limita ao público que acorre às exibições mas o ultrapassa quer no espaço, quer no tempo. Trabalho cuidado a pensar no longo prazo, um degrau, desejado, quantidade e qualidade, criticamente, a todo esse esforço organizativo.

FILMES

Para o grande público (que se sabe, e assume, não ser tão grande como isso) o fundamental são os filmes. O que vem e o que não vem? O que se acrescenta? O calendário publicamo-lo, noutro local, na íntegra, mas pensamos importante avançar brevemente na abordagem de alguns nomes e títulos. Como o último Oshima que, por certo, vai levar muita gente ao Quarteto, atraída por um dos pólos deste filme bifáce: as «cenas eventualmente chocantes» que até constam do anúncio (mas quando deixaremos de ser provincianos?) e o nome culturalmente bem cotado de Oshima. Ou de como um filme libertário e (dizem-nos) profundamente violento corre chocantes riscos.

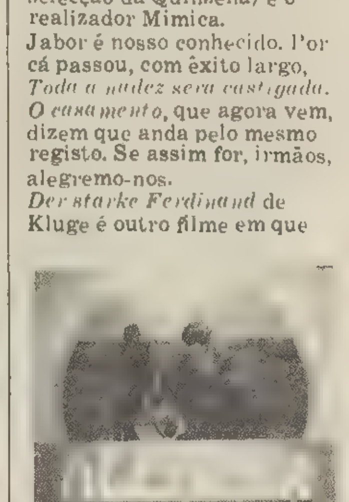
Como *Son nom de Venise dans Calcutta desert* o último produto do laboratório linguístico de Marguerite Duras, este a correr riscos de uma desejção. Construído com base em *India song* (que, depois da anunciada presença, afinal não virá) de que reproduz integralmente a banda de som, agora sobre imagens totalmente diferentes. *Son nom de Venise...* é uma espécie de posfácio, uma outra face de uma hipotética viagem ao mundo de um imaginário, um trabalho alquímico. Resta saber se alguém, sem ter visto *India song*, conseguirá funcionar dentro do filme. À pergunta só a prática permitirá responder.

Com Garrel estaremos, também, em pleno reino do desconhecido. Cineasta vanguardista, de certo modo fechado, Garrel nunca viu uma sua película ser comercialmente exibida em Portugal.

Há depois o reino do inexplorado. Como o filme australiano, do estreante Fred Schepisi ou *Gitirana* dos brasileiros (emigrados na RFA) Jorge Bodanzky (de que vimos, com alguma desilusão, no Festival da Figueira de 1975, *Iracema*) e Orlando Senna, ou ainda, *Le diable au coeur* de Bernard Queysanne (de que veremos, também, o filme precedente *Un homme qui dort*); deste espaço se pode guardar o melhor ou o pior, embora o tempo não esteja para revelações. Com Dwoskin e o filme *Behindert* espera-se algo. É a história de um deficiente físico feita por um deficiente físico e o mínimo que se dirá é que desperta uma (cruel) curiosidade.



Quanto aos jugoslavos é esperar e ver. E não esperar demasiado já que, sabe-se, o cinema não é a vocação primeira dos jugoslavos. Virão três filmes (um deles, *O acontecimento*, não é da selecção da Quinzena) e o realizador Mimica. Jabor é nosso conhecido. Por cá passou, com êxito largo, *Toda a nudez será castigada*. *O casamento*, que agora vem, dizem que anda pelo mesmo registo. Se assim for, irmãos, alegremo-nos. *Der starke Ferdinand* de Kluge é outro filme em que



(quase) se aposta no escuro. Escuro que, no entanto, está esmaecido pelas críticas

Continua na pág 6

CINE/PONTO

Os bons da fita



CINE/PONTO

SESSÕES DA MEIA-NOITE

Apolo 70
Av. Júlio Dinis

sábado — «Fim-de-semana ilegítimo» (M/1') de Dino Risi
domingo — «Luzes da Ribalta» (M/1') de Charles Chaplin
segunda — «O alfabeto do crime» (M/1') de Frank Tashlin
terça — «Totó torce o pepino» (M/1')
Quarta — «A culpa foi do macaco» (M/1') de Normal Malleno

Cinebolso
(R. Actor Tabórda 27-B, tel. 57 34 07)

Sábado — «A outra fase do padrinho» (M/1')
Domingo — «batalha de Neretva» (M/1')
Segundo — «A fúria do dragão» (M/1')
Terça — «Grandes batalhas em camas fofas» (M/1')
Quarta — «Asfalto quente» (M41')
Sexta — «Golpe baixo» (M/1')

Cinearte
(L.g. de Santos, tel. 66 04 46)

Sábado — «Sob a sombra da outra» (M/1')

Castil
(R. Castilho — Edifício Castil, tel. 55 58 47)

Sábado-Ante-estreia — «Amor violento» (M/1')

Paris
9r. Domingos Sequeira, tel. 66 22 30)

Sábado — «O espadachim sem braço» (M/1')

Europa
(R. Almeida Sousa 35, tel. 66 10 16)

Sábado — «A história de uma freira» (M/13)

LUMIAR

Sábado — «Clube da Alegria» (M/1')

Star
Av. Guerra Junqueiro 14-C, tel. 80 42 10)

Sábado — «O Cardeal» (M/1')

Vox
(Av. Fr. Miguel Contreiras Lt. 879, tel. 72 08 08)

Sábado — «Amores sem freio» (M/1')

ARTE/EXPO

Ass. Portuguesa de Arte Fotográfica
(R. das Chagas 17 tel. 36 76 59)

«Festival», exposição fotográfica de João Paulo Sotto Mayor

Horário: de terça a sexta das 21.30 às 24 h

Fundação Gulbenkian
(Av. Berna 45 tel. 76 51 31)

«Exposição evocativa de Calouste Gulbenkian pelo XX aniversário da Fundação»

Horário: de segunda a sexta das 10.30 às 12.30 e das 14.30 às 17 h. Sábados e domingos encerra às 19 h.

Museu Nacional de Arte Antiga
(R. das Janelas Verdes tel. 67 27 25)

«Exposição de Arte Oriental — Nambans»

Galeria Interior
(R. Camilo Castelo Branco 20 tel. 55 65 89)

«Pintura e tapeçaria de artistas portugueses»

Horário: das 10 às 19 h. Sábados encerra às 13 h. Fecha aos domingos.

Galeria Kompass
(R. Augusto Santos, 11 tel. 4 16 49)

«Serigrafias portuguesas e brasileiras»

Horário: das 10 às 13 e das 15 às 19 h. Sábados encerra às 13 h. Fecha aos domingos.

Soc. Nac. Belas-Artes
(R. Barata Salgueiro tel. 4 12 93)

Emília Nadal
— Dois temas de Jerónimo Bosch decomposições

Horário: das 14 às 20 h.



BIBLIOTECA NACIONAL



«Figuras e Costumes Portugueses de estampas da Biblioteca Nacional»

Horário: de segunda a sexta das 10 às 12 e das 14 às 20 h

Galeria Quadrum
(R. Alberto Vieira 52 tel. 77 97 23)

«Pintura de Noronha da Costa»

Horário: das 10 às 13 e das 15 às 19 h. Sábados e domingos: das 15 às 19 h.

porto

Museu Soares dos Reis

«Exposição de gravura comemorativa do XX aniversário da Cooperativa de Gravadores Portugueses da Fundação Calouste Gulbenkian»

Horário: das 10 às 17 h. Encerra às segundas

Galeria Dois
(Av. da Boavista 707 tel. 6 57 71)

«Pintura de Augusto Barros»

Horário: das 15 às 20 h. Fecha aos domingos.

GALERIA DOMINGUES ALVAREZ

«Guaches de Nadir Afonso»

GALERIA MODULO

«Pintura de Helena Almeida e gravura portuguesa, francesa e inglesa dos anos 60»

Horário: das 16 às 20 e das 21.30 às 23.30 h. Aos sábados, das 16 às 20 e aos domingos das 21.30 às 23.30 h.

MUSEU FERNANDO CASTRO

«A banda desenhada»

Horário: das 10 às 17. Aos domingos fecha às 19 h. Encerra às segundas.

coimbra

MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO

«Caricaturas de Carl Arnold»

Horário: das 10 às 17 h. Fecha às segundas.

TV/PONTO

Sábado, 24

I PROGRAMA

13.00 **Jogos Olímpicos** *(as provas de Montreal ontem no écran português de hoje)*

15.00 **Telejornal (1.ª edição)** *(quinze minutos de notícias)*

15.15 **Hoje pode ver** *(veja, e depois não se queixe)*

15.30 **Jovens rebeldes — Série filmada** *(cá em casa chama-se-lhes outros nomes)*

16.25 **Fungágá da bicharada** *(gágá e fungo: reparem no olhar desinteressado das crianças)*

16.55 **Georgian House —**



Série filmada *(já havia a White House...)*

17.25 **Disciplina no desporto** *(os estúdios da RTP no Porto metem-se em cada uma)*

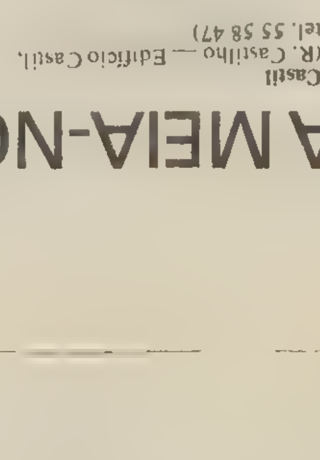
17.55 **Da saúde e da vida** *(medicina escolar: útil)*

18.10 **«Rapsody in blue», de Gershwin** *(orquestra sinfónica da RDP sob a direcção do maestro Álvaro Cassuto: a ver e ouvir)*

19.00 **Stop** *(Joaquim Filipe Nogueira na série «Sangue na estrada»)*

19.15 **Cinema de animação** *(animem-se: é seleccionado e apresentado por Vasco Granja)*

19.50 **Gente do amanhã**



(nós contamos já hoje: uns adolescentes londrinos descobriram que pertencem a uma espécie superior à do «homo sapiens», que é tratado assim como o avôzinho atrasado da humanidade, e vá de voar pelos séculos adentro com a ajuda de um cinto e de um computador. Imaginativo, e até emocionante, para os amantes da ficção científica)

20.15 **Cartaz TV** *(O Jorge Alves: essa da pantera cor-de-rosa já tem barbas)*

20.30 **Telejornal — 2.ª edição** *(notícias do país e do estrangeiro)*

21.30 **Jogos Olímpicos** *(resumo gravado: ginástica, equitação, esgrima, tiro, luta, boxe: em directo: meia-final dos 800 metros homens)*

22.10 **Jogos sem fronteiras** *(directamente de Castano: torneio alegre de competições, trapalhadas e jogos, em que se divertem os meninos ricos da Europa)*

23.30 **Telejornal — 3.ª edição** *(uma oportunidade de ouvir a mesma notícia três vezes)*

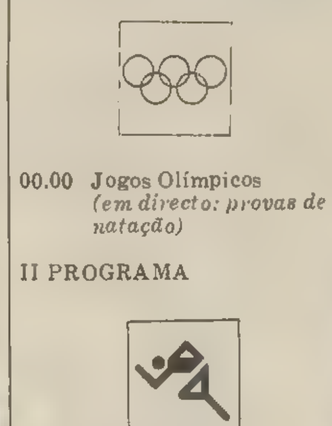
00.00 **Jogos Olímpicos** *(em directo: provas de natação)*

II PROGRAMA

20.00 **Jogos Olímpicos** *(em directo do Canadá: Provas de atletismo)*

21.05 **Telejornal** *(em repetido do I Programa)*

22.00 **«A mosca» — cinema** *(«The fly», produzido em 1958 e realizado por Kurt Newman, com Patrícia Owens,*



Vicent Price e Al Hedison)

Domingo, 25

I PROGRAMA

11.45 **Missa de domingo** *(sem feito a Vosso ...)*

12.30 **Jogos Olímpicos** *(resumo das provas de sábado)*

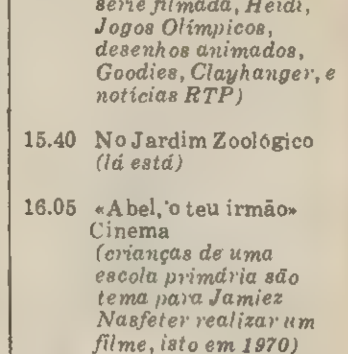
15.00 **Telejornal — 1.ª edição** *(a RTP promete mais)*

15.30 **Hoje pode ver** *(nós dizemos: Zoo, série filmada, Heidi, Jogos Olímpicos, desenhos animados, Goodies, Clayhanger, e notícias RTP)*

15.40 **No Jardim Zoológico** *(lá está)*

16.05 **«Abel, o teu irmão» Cinema** *(crianças de uma escola primária são tema para Jamiez Nasfeter realizar um filme, isto em 1970)*

17.40 **Heidi**

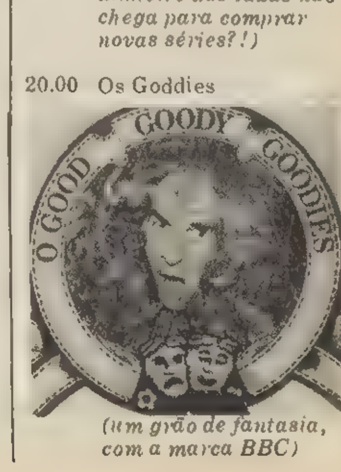


(afinal chamava-se Adelaide, e a senhora má queria impôr-lhe maneiras à força. No meio da história, entra a «coxinha» (que não é do Tide) e a memória da montanha, e do avô, e do Pedro, e do José (que na história é cachorro), além de vários outros ingredientes que fazem da série um sucesso que não se pode negar, e deram já origem a uma colecção de cromos que nos garantem ter sido o melhor negócio do mercado nos últimos anos)

18.00 **Jogos Olímpicos** *(remo, em directo)*

19.45 **Desenhos animados** *(por favor, senhores da RTP, poupem-nos ao Laurel e Hardy; o dinheiro das taxas não chega para comprar novas séries?!)*

20.00 **Os Goddies**



(um grão de fantasia, com a marca BBC)

CINE/PONTO

Continuação da pág. 4

favoráveis que esta obra recebeu em Cannes. Mai Zetterling é um nome clássico. Tratemo-lo como tal e passemos a *Gillap* de Roy Andersen, um seu compatriota, nos antípodas quanto a fama. Dado que a ignorância não é uma mácula confessemo-la. Os dois filmes que restam, *Nathalie Granger* de Duras e *Belle Ordure* de Jean Marvoeuf (quem é?) este mal recebido por alguma crítica francesa e onde Bulle Ogier talvez justifique a deslocação, são acrescentos (quase inúteis. Até porque *Nathalie Granger* está há longo tempo comprado por um distribuidor português que, como se vê, sabe escolher as oportunidades e minimizar os riscos.

No fundo no fundo, porém, o melhor é todos irmos ao Quarteto ver e discutir. Alguns realizadores estarão lá para dar a cara (figuradamente, já se vê) a quem quiser.

Ah! é verdade: não esquecer o filme de José Fonseca e Costa, *Os demónios de Alcácer Kibir*. Como os leitores fiéis do 7.7 sabem esta é uma forma portuguesa de reflectir português. E um filme brilhante, *à mon avis*, claro.

E O RESTO?

O resto é o tal enquadramento cultural (por favor não culturalista!) que é necessário haja. Textos de apoio, elementos sobre os realizadores, ou seja, pelo menos, o costume, o trivial.

O resto é, ainda e se possível, a justificação para que haja filmes com nove exibições e outros com apenas quatro, contrariando o tal costume da igualdade de possibilidades que os festivais costumam, à partida dar. Agravado pelo facto de alguns dos mais beneficiados nesta matéria (*Belle Ordure* e *Un homme qui dort*, por exemplo) nem serem filmes da selecção da Quinzena mas acréscimos. O resto é, por fim, esperar que a maratona seja profícua em termos de cinema. Nas páginas do «DL» iremos falando dos filmes, por estes dias.

PUB

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
E O CINEMA QUARTETO

APRESENTAM DE 20 A 30 DE JULHO NO CINEMA QUARTETO
OS FILMES DA QUINZENA DOS REALIZADORES DE CANNES/76

OS FILMES DA QUINZENA DOS REALIZADORES DE CANNES/76:

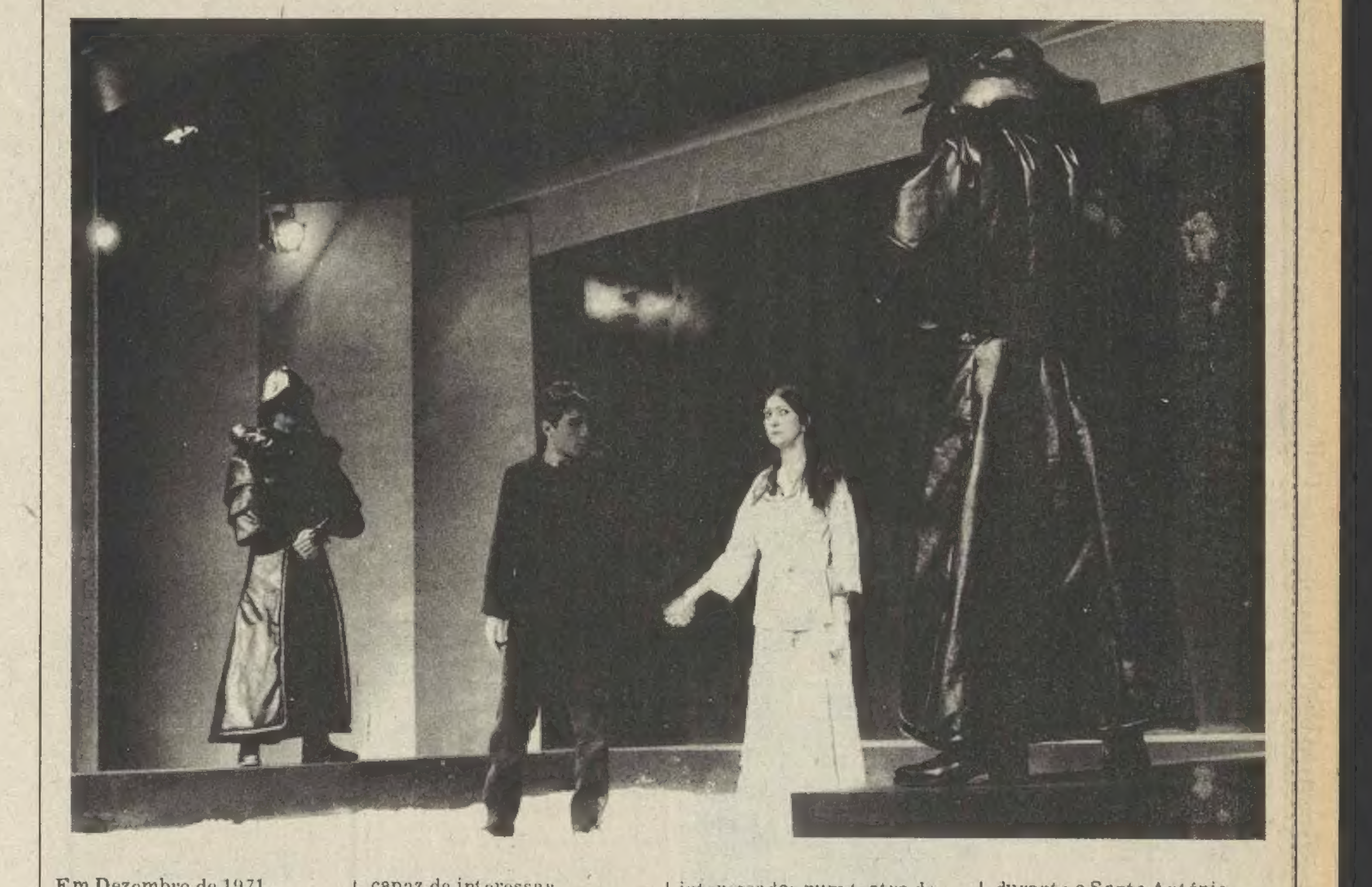
L'IMPIRE DES SENS (O Império dos Sentidos), de Nagisa Oshima/Japão.
NATHALIE GRANDER, de Marguerite Duras/França.
GILLAP, de Roy Andersson/Suécia.
GITIRANA, de Orlando Senna e Jorge Bodansky/Brasil.
UN HOMME QUI DORT (Um Homem que Dorme), de Bernard Queysanne/França.
DER STARK FERDINAND (Fernando, O Radical), de Alexander Kluge/R.F.A.
O CASAMENTO, de Arnaldo Jabor/Brasil.
SON NOM DE VENISE DANS CALCUTTA DESERT (Seu Nome de Veneza em Calcutá Deserto), de Marguerite Duras/França.
DIABLE AU COEUR (Com o Diabo no Coração), de Bernard Queysanne/França.
WE HAVE MANY NAMES (Temos Muitos Nomes), de Mai Zatterling/Suécia.
LE BERCEAU DE CRISTAL (O Berço de Cristal), de Philipe Garrel/França.
THE DEVIL'S PLAYGROUND (O Recreio do Diabo), de Fred Schefisi/Austrália.
BELLE ORDURE (Belle Ordure), de Jean Marboeuf/França.
BEHINDERT (O Impotente) de Stephan Dwoskin/G. Bretanha.
QUATRO JOURS AVANT LA MORT (Quatro Dias Antes de Morrer) de Miroslav Jokic/Jugoslávia.
L'EVENEMENT (O Acontecimento), de Vetroslav Mimica/Jugoslávia.
ANNO DOMINI 1573, de Vatroslav Mimica/Jugoslávia.
OS DEMÓNIOS DE ALCÁCER QUIBIR, de J. Fonseca e Costa/Portugal.

DIAS	SALA 1 HORAS	SALA 1 FILMES	SALA 2 HORAS	SALA 2 FILMES	SALA 3 HORAS	SALA 3 FILMES	SALA 4 HORAS	SALA 4 FILMES
Sexta-feira Dia 23	21.00 23.00	Empire des Sens Empire des Sens	21.00 23.00	Nathalie Granger Nathalie Granger	21.15 24.00	Gillap Gillap	21.00 24.00	Un Homme qui Dort Un Homme qui Dort
Sábado Dia 24	15.00 17.00 19.00 21.00 23.00	Empire des Sens Empire des Sens Empire des Sens Gitirana Gitirana	15.00 17.00 19.00 21.00 01.00	Nathalie Granger Nathalie Granger Nathalie Granger Der Stark Ferdinand Der Stark Ferdinand	15.00 18.00 21.15 24.00	Gillap Gillap O Casamento O Casamento	15.00 17.00 19.00 21.00 24.00	Un Homme qui Dort Un Homme qui Dort Un Homme qui Dort Son Nom de Venise... Son Nom de Venise...
Domingo Dia 25	15.00 17.00 19.00 21.00 22.00	Gitirana Gitirana Gitirana Der Stark Ferdinand Der Stark Ferdinand	15.00 17.00 19.00 21.15 23.15	Der Stark Ferdinand Der Stark Ferdinand Son Nom de Venise... Son Nom de Venise... Son Nom de Venise...	14.45 17.00 19.15 21.15 24.00	O Casamento O Casamento O Casamento Diable au Coeur Diable au Coeur	14.45 17.00 19.15 21.45 24.00	Son Nom de Venise... Son Nom de Venise... Son Nom de Venise... We Have Many Names We Have Many Names
Segunda-feira Dia 26	17.00 19.00 21.00 23.00	Der Stark Ferdinand Der Stark Ferdinand Le Berceau de Cristal Le Berceau de Cristal	17.00 19.00 21.00 23.15	Son Nom de Venise... Son Nom de Venise... The Devil's Playground The Devil's Playground	17.00 19.00 21.15 24.00	Diable au Coeur Diable au Coeur Belle Ordure Belle Ordure	17.00 18.15 19.30 21.30 24.00	We Have Many Names We Have Many Names We Have Many Names Behindert Behindert
Terça-feira Dia 27	17.00 19.00 21.00 23.00	Le Berceau de Cristal Le Berceau de Cristal Un Homme qui Dort Un Homme qui Dort	17.00 19.00 21.00 23.00	The Devil's Playground The Devil's Playground Quatre Jours Avant... Quatre Jours Avant...	17.00 19.00 21.30 24.00	Belle Ordure Belle Ordure Le Berceau de Cristal Le Berceau de Cristal	17.00 19.00 21.15 24.00	Behindert Behindert L'Evenement L'Evenement
Quarta-feira Dia 28	17.00 19.00 21.00 23.00	Un Homme qui Dort Un Homme qui Dort Quatre Jours Avant... Quatre Jours Avant...	17.00 19.00 21.00 23.00	Quatre Jours Avant... Quatre Jours Avant... Empire des Sens Empire des Sens	17.00 21.15 24.00	Le Berceau de Cristal Belle Ordure Belle Ordure	17.00 21.00 24.00	L'Evenement Anno Domini 1573 Anno Domini 1573
Quinta-feira Dia 29	19.00 21.00 23.00	Quatre Jours Avant... Filme a anunciar Filme a anunciar	19.00 21.00 23.00	Empire des Sens Filme a anunciar Filme a anunciar	17.00 19.00 21.15 24.00	Belle Ordure Anno Domini 1573 Anno Domini 1573 Anno Domini 1573	18.00 21.30 24.00	Anno Domini 1573 Demónios de Alcácer Demónios de Alcácer
Sexta-feira Dia 30	17.00 19.00	Filme a anunciar Filme a anunciar	17.00 19.00	Filme a anunciar Filme a anunciar	17.00 19.00	Anno Domini 1573 Anno Domini 1573	17.00 19.00	Demónios de Alcácer Demónios de Alcácer

Os filmes indicados com · terão no fim da projecção, um colóquio com o respectivo realizador.

Reforma Agrária no Palco dos Bonecreiros

caixa do PONTO



Em Dezembro de 1971 estreou-se no salão da Sociedade Nacional de Belas-Artes um novo grupo de teatro independente: Os Bonecreiros, Teatro-Laboratório de Lisboa. Na lista de actores e encenadores nomes mais ou menos conhecidos: Fernanda Alves, Glicínia Quartin, João Mota, Manuela de Freitas, Mário Jacques, Luís Santos, Carlos Paulo, José Gomes, Francisco Pestana, Melim Teixeira, Vicente Galfo. Primeiro texto apresentado: «O Circo Imaginário do Super-Basílio», de Beatrice Tanaka, num espectáculo cheio de verve e de imaginação, dedicado aos jovens mas capaz de interessar espectadores de todas as idades. Os lisboetas tiveram um sobressalto: aí estava um novo grupo que parecia disposto a remar contra a maré podre do nosso teatro. Pssst!... Poucos meses depois, veio a «inevitável» cisão. Inevitável e lógica: havia no grupo propostas de prática teatral efectivamente inconciliáveis. De um lado, actores especialmente interessados num trabalho de investigação de linguagem, num trabalho de teatro ritualista (João Mota, Manuela de Freitas, Francisco Pestana, Melim Teixeira, Carlos Paulo); do outro lado, actores especialmente interessados num teatro de intervenção política (os restantes). Para simplificar: uns mais interessados em Grotowski, outros mais interessados em Brecht. Aqueles saíram, portanto, e formaram a Comuna. Os restantes permaneceram com o nome inicial.

O segundo espectáculo de Os Bonecreiros foi constituído por uma colagem de textos de teatro de cordel, num arranjo de Jorge Silva Melo que se juntou desse modo, e provisoriamente, ao grupo. O espectáculo com «A Grande Cegada de touros, mulheres e fados», foi integrado nas Festas da Cidade e feito ao ar livre nos bairros populares durante o Santo António. Vimos como o público reagiu com boa disposição a um espectáculo divertido, galhofeiro, de festa, sem por isso deixar de ser crítico. Este espectáculo foi visto por 15.000 espectadores à média de 390 espectadores por sessão, o que era bastante bom para este tipo de teatro. Seguiu-se em Maio de 1973, a estreia de um novo espectáculo que marcou um salto qualitativo na prática do grupo. Ficou a dever-se esse salto, por um lado, a uma maior coesão do grupo (do qual saíra Glicínia Quartin) e entrada de Mário Barradas, então director da Escola de Teatro do

Alvalade
(Av. de Roma,
tel. 89 74 80)

«Gata em telhado de zinco quente» (M/18)
com Elisabeth Taylor e Paul Newman

sessões: 17.15 e 21.15 h

sábado e domingo não há espectáculos

Apolo 70
(Av. Júlio Dinis 10-A,
tel. 76 33 19)



«A Freira de Monza» (M/18)
um filme de Eriprando Visconti com Harold Kruger e Carla Gravina

Sessões: 13.45, 17.15, 19.15 e 21.15 h

Arco Iris
(Portas de Santo Antão,
tel. 36 17 00)

Sábado — «O Gladiador de Roma» (M/18)
Domingo — «Cruel Vingador» (M/18)
Segunda — «A Pele do Diabo» (M/18)
Terça — «Bonitas demais para serem honestas» (M/18)
Quinta — «No Gume do pânico» (M/18)
Sexta — «Acusação de homicídio a um estudante» (M/13)

Sessões: 21.15 h

Avis
(Av. Duque d'Ávila 45,
tel. 4 71 63)

«Trinitá «cow-boy insolente» (M/13)
com Terence Hill e Bud Spencer

sessões: 17, 19 e 21.15

Berna
(Av. Marquês de Tomar,
tel. 77 60 98)

«O Gendarme em férias» (M/6)
um filme de Jean Giraut com Louis de Funès

sessões: 13.45, 17.15, 19.15 e 21.15

Caleidoscópio
(Campo Grande — Lisboa,
tel. 79 41 41)

Festival Jerry Lewis (M/6)

Sábado — «O Homem das mulheres»
Domingo e segunda — «O capitão sem medo»
Terça e quarta — «O capitão sem medo»
Terça e quarta — «Jerry enfermeiro sem diploma»
Quinta e sexta — «O Estoira verg..s»

Sessões: 13.45, 17.15, 19.15 e 21.15 h

Castil
(R. Castilho — Edifício Castil,
tel. 55 58 47)

«Emmanuelle a antivirgem» (M/18)
com Sylvia Kristel

sessões: 17, 19 e 21.15

Cinearte
(Lg. de Santos,
tel. 66 04 46)

Sábado e domingo — «Adeus Bruce Lee» (M/18)
Segunda e terça — «Chamavam-lhe Amen» (M/18)
Quarta e quinta — «Delícias francesas» (M/18)
Sexta — «O Leão e o vento» (M/13)

Sessões às 21.30 h

Cinebolso
(R. Actor Taborda 27-B,
tel. 57 34 07)

«Relações escaldantes» (M/18)

Sessões: 12.30, 14.30, 16.45, 19.45 e 21.30 h

Condes
(Av. da Liberdade 2,
tel. 32 25 23)

«Soldado azul» (M/18)
com Candice Bergen e Peter Strauss
sessões: 13.15, 17.15, 19.15 e 21.30

Eden
(Pr. dos Restauradores 21,
tel. 32 07 68)

«O Sabor da vingança» (M/18)

com Richard Harris e Rod Taylor

Sessões: 13.45, 17.15, 19.15 e 21.15

Estúdio
(Al. Afonso Henriques 35,
tel. 55 51 34)

«Vício de matar» (M/13)
um filme de Arthur Penn com Paul Newman

Sessões: 17, 19 e 21.15 h

Estúdio 444
(Av. Defensores de Chaves 83-B,
tel. 77 90 95)

«Meninas de bem» (M/18)
com Renée Santi Cyr e Nöel Roquevert

sessões: 17, 19 e 21.15

Império
(Al. Afonso Henriques 35,
tel. 55 51 34)

«My Fair Lady» (M/10)
com Audrey Hepburn e Rex Harrison

sessões: 17 e 21.15

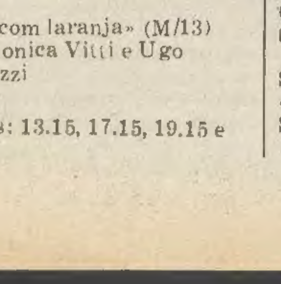
Jardim Cinema
(Av. Pedro Álvares Cabral,
tel. 68 11 17)

Sábado — «Tarzoon, a vergonha da selva» (M/18)
Domingo — «A vergonha da família» (M/13)
Segunda — «Missão impossível» (M/18)
Terça — «Os seios de gelo» (M/18)
Quarta — «Uma mulher da rua» (M/18)
Quinta — «Núpcias de porcelana» (M/18)
Sexta — «A Califa» (M/18)

Segunda — «Missão impossível» (M/18)

Sessões: 21.15 h

Londres
(Av. Roma 7-A,
tel. 80 13 13)



«Pato com laranja» (M/13)
com Monica Vitti e Ugo Tognazzi

sessões: 13.15, 17.15, 19.15 e 21.30

Monumental
(Pr. Duque Saldanha,
tel. 55 51 31)

«Vampira» (M/18)
com David Niven

Sessões: 17.15 e 21.15 h

Mundial
(R. Martens Ferrão 12-A,
tel. 53 87 43)

«Aventura é aventura» (M/18)
um filme de Claude Lelouch com Lino Ventura, Charles Denner e Aldo Maccionne

sessões: 17, 19.15 e 21.30

Nimas
(Av. 5 de Outubro,
tel. 57 43 62)

«Chove em Santiago» (M/18)
realização de Helvio Soto com Annie Girardot, Jean-Louis Trintignant e Bibi Andersson

sessões: 17.15, 19.30 e 21.15

Odeon
(R. Condes 4-2.º,
tel. 32 62 83)

«A minha insaciável cunhadinha» (M/18)
Com Karin Well e Robert Wood

Sessões: 17.15, 19.15 e 21.30

Paris
(R. Domingos Sequeira,
tel. 66 22 30)

Sábado e domingo — «Abrutres na cidade» (M/18)
Segunda — «Mónica e o amor» (M/18)
Quarta — «Jogos nocturnos» (M/18)

Sessões: 17.15 e 21.30 h

Pathé
(R. Francisco Sanches 152,
tel. 82 19 33)

«Meu caro assassino» (M/18)
com Geroge Hilton, Marilu Toco e Pathy Shepard

Sessões: 13.30, 17.15, 19.15 e 21.15 h

Politeama
(R. Portas Santo Antão,
tel. 32 63 05)

«A professora de línguas» (M/18)
um filme de Danilo Dani com Femi Benussi, Pupo Deluca e Walter Romagnoli

Sessões: 13.45, 17.15, 19.15 e 21.30 h

Promotora
(Lg. do Calvário,
tel. 63 71 80)

Sábado e domingo — «Frankenstein Jr.» (M/18)
Segunda — «Conflitos conjugais» (M/18)

CARLOS MANUEL — SINTRA

Sábado — «Kamasutra, a arte de amar indiana» (M/18)
Domingo — «A religiosa» (M/18)
Segunda — «A linguagem do amor» (M/18)
Terça — «O Príncipe valente» (M/10)
Quarta — «Quando o amor é sensualidade» (M/18)
Quinta — «Meninas bem» (M/18)

sessões: 21.15 h

Lido
(R. D. João I — Amadora,
tel. 93 75 93)



«Amor entre menores» (M/18)

sessões: 21.15 h

Restelo
(Av. Torre de Belém, tel. 61 03 75)
tel. 61 03 75)

Sábado, domingo, segunda e terça

«A rival» (M/18)

sessões: 17.15 e 21.30 h

Satélite
(Av. Fontes Pereira de Melo 51,
tel. 56 26 32)

«A mulher casada» (M/18)

Sessões: 13.45, 17 e 21.15

Vox
(Av. Fr. Miguel Contreiras Lt. 879,
tel. 72 08 08)

«Que fizeste na guerra, paizinho?» (M/6)
com James Corburn, Ick Shawn, Sergio Frntoni, Giovanna Ralli e Aldo Ray

Sessões: 13.45, 17.15, 19.15 e 21.15

ARREDORES

Casino Estoril
(Estoril,
tel. 26 45 21)

Sábado, domingo e segunda
«Bobby» (M/13)
Terça, quarta e quinta
«Jesus Cristo Superstar» (M/13)

sessões: 16 e 21.15 h.

CINESTÚDIO — AMADORA

«Oobby» (M/13)

sessões: 15.30 e 21.130 h

INCRÍVEL ALMADENSE — ALMADA

Sábado, domingo e segunda
«Delícias francesas» (M/18)
Terça e quarta
«As ternas amigas» (M/18)
Quinta e sexta
«Não chores com a boca cheia» (M/13)

sessões: 21.15 h

S. Jorge
(Av. Liberdade 175,
tel. 5 41 51)



«Mc Klusky, o indomável» (M/18)
com Burt Reynols

Sessões: 17.30, 19.30 e 21.30

Tivoli
(Av. da Liberdade 188,
tel. 57 05 95)



«E tudo o vento levou» (M/13)
com Clark Gable, Vivien Leigh e Leslie Howard

sessões: 17.15 e 21.30

Star
Av. Guerra Junqueiro 14-C
Tel. 80 42 10)

«Meu irresistível selvagem» (M/6)
com Yves Montad e Catharine Deneuve,

Sessões: 17.15, 19.15 e 21.15 h

Terça — «Duelo de punhos» (M/18)
Quarta — «Chinatwon» (M/18)
Quinta — «Terror de Drácula» (M/18)
Sexta — «A trama» (M/18)

Sessões: 17.15 e 21.15 h

Rocio
(R. Sapateiros 225,
tel. 36 98 22)

Sábado e domingo — «Karaté em Hong Kong» (M/18)
Segunda — «O Vingador do woeste» (M/18)
Terça — «A brigada louca» (M/13)
Quarta — «Punhos violentos» (M/18)
Quinta — «Um dia de sol» (M/13)
Sexta — «A Espada invencível» (M/18)

Sessões permanentes a partir das 17.15 h

Roma
(Av. Roma,
tel. 72 91 92)

«Emmanuelle a antivirgem» (M/18)
com Sylvia Kristel

sessões: 17, 19 e 21.15

Roxy
(Av. Almirante Reis 20.
tel. 4 85 60)

«Laura uma mulher especial» (M/18)
com Annie Belle

sessões: 13.15, 17,15, 19.15 e 21.30



«TRÁS-OS-MONTES»
5.ª SEMANA

Um filme a cores de António Reis e Margarida Cordeiro, interpretado pelos habitantes de Trás-os-Montes.

Em exibição no cinema Satélite, de 2.ª a 6.ª feira — sessão às 19 horas.

50% de desconto para estudantes.

Apoiado pela Direcção Geral de Acção Cultural.

Conservatório Nacional. Mário Barradas, que fizera o curso de encenação de uma das melhores escolas francesas, encenou então «Comédia Mosqueta», de Ruzzante, e viria a encenar mais dois espectáculos de Os Bonecreiros. A «Comédia Mosqueta», além de revelar um importante autor italiano do século XVI, permitiu a criação de um espectáculo de uma grande coerência na sua escrita cénica e de uma grande inteligência como proposta política. Tratava-se de um grande espectáculo



«Mocieta»

brechtiano em que se salientava o rigor na criação de signos.

O espectáculo seguinte foi feito sob a égide do Instituto Alemão e ficará na História do nosso teatro contemporâneo. Devemo-lo a Curt Meyer-Clason, director daquele instituto, interessado em divulgar autores de língua germânica e ao mesmo tempo em apoiar os grupos portugueses interessados numa prática teatral marcada por um grande rigor mas também por uma grande capacidade de intervenção política. Com «A Grande Imprecação Diante das Muralhas da Cidade», de Tankred Dorst, numa encenação de Mário Barradas, aconteceu aquilo que podemos considerar um fenómeno: uma enorme «bicha» à porta do Instituto Alemão revelava o interesse manifestado pelo público, e sobretudo pelos jovens, em relação ao trabalho de Os Bonecreiros. Tankred Dorst, que se deslocara a Lisboa, considerara a montagem portuguesa como uma das melhores que tinha visto, e Fernanda Alves como actriz de nível internacional. Para além do trabalho dos intérpretes, com um sensacional Vicente Galfo, é

ainda de sublinhar a admirável criação de espaço, devida ao cenógrafo francês Christian Ratz.

Três meses depois da estreia de «A Grande Imprecação», as muralhas



«Noite de Guerra no Museu do Prado»

fascistas da cidade foram derrubadas pelos capitães de Abril e pelo Povo português. Espectáculo premonitório, este foi certamente um dos grandes acontecimentos do teatro português contemporâneo. Ainda a convite do Instituto Alemão, Os Bonecreiros fizeram com ele uma digressão triunfal pelo Brasil.

Depois do 25 de Abril, o grupo apresentou três espectáculos nenhum dos quais conseguiu atingir o nível dos dois anteriores:



«O Círculo Imaginário de Super-Basílio»

«Noite de Guerra no Museu lo Prado», peça de Rafael Alberti, encenada por Mário Barradas; «História Exemplar de um Traficante de Armas Campeão da Ordem Nova», de Jean-Pierre Bisson, e «A Sombra de um Franco-Atirador», de Sean O'Casey (estes últimos com encenações colectivas). Após a estreia da peça de

Alberti, Mário Barradas deixou o grupo para ir ocupar o lugar de director do Centro Cultural de Évora, tendo mais tarde saído Fernanda Alves. Numa tentativa de descentralização a nível urbano, Os Bonecreiros alugaram uma garagem em Moscavide onde se instalaram. Registe-se ainda a entrada de novos actores o que não deixou de desequilibrar o grupo, de afectar a sua coesão a nível interpretativo. Se o trabalho com a peça de Alberti não nos pareceu suficientemente convincente por ter ficado longe de esgotar as potencialidades riquíssimas do texto, os espectáculos seguintes



«História exemplar de um traficante de armas campeão da Ordem Nova»

ressentiram-se, tanto quanto nos pareceu, da própria atomosfera em que se viveu durante os primeiros tempos da revolução. A necessidade de participar na revolução por intermédio do teatro e de nela participar individualmente não são talvez compatíveis, e é lógico que o teatro português tivesse reflectido as próprias contradições do processo político.

Quanto à peça de Sean O'Casey (um dos mais importantes dramaturgos europeus do século XX que a censura proibira), trata-se a nosso ver de uma má escolha pois «A Sombra de um Franco-Atirador» está longe de ser a peça mais interessante e adequada ao grande dramaturgo inglês.

Os Bonecreiros, finalmente, estreiam o seu novo espectáculo, segundo desta temporada: «Por estes santos latifúndios», de Guillermo Maldonado Perez, recente prémio da Casa das Américas. Este espectáculo é o resultado de um trabalho de recriação tendo o grupo passado algum tempo no Alentejo para ter

um conhecimento mais directo do processo da Reforma Agrária. Aliás, era tempo de vermos o nosso teatro interessado pela mais profunda alteração da sociedade portuguesa pós-25 de Abril.

Com este espectáculo, Os Bonecreiros prosseguem um trabalho de participação procurando, com resultados inevitavelmente desiguais, fazer do teatro uma arma de combate, e sobretudo levar o teatro até junto daqueles que a ele só agora começam a ter acesso. Essa característica marca com grande coerência o trabalho de Os Bonecreiros ao longo do seus anos de actividade.

OS BONECREIROS

R. António Maria Pais, 6
Moscavide, tel. 251507
Às 21.30

«Por estes Santos Latifúndios»

G. Maldonado Perez

Música: Fernando Tordo
Poemas: Ary dos Santos

Espectáculo subsidiado pelo MCS

Maiores de 13 anos

GUIA DO PONTO

A VIDA É BOA
de Carlos Godinho

Quando o teatro português sabe ser insignificante.

TEATRO LAURA ALVES
(R. da Palma, 253
tel. 64756)

VAMOS TROCAR DE MULHERES?
de Luís Rego e Didi Kamimka

Diz a publicidade que este espectáculo «contém cenas eventualmente «chocantes». Desta vez a publicidade diz a verdade: o choque é tão grande que o espectador com um mínimo de exigência tem uma certa dificuldade em recompor-se. Acrescente-se que o choque é provocado por várias ausências: a falta de nível, a falta de humor, a falta de imaginação, a falta de qualidade; e é provocado por vários excessos: o excesso de hipocrisia porque quer passar por «defensor da mulher» e é, desde o título português, machista; excesso de mau gosto; excesso de demagogia; excesso de trapalhice. Não se pode dizer que não tenha interesse mas somente para os sociólogos.

TEATRO CORNUCÓPIA
(R. Tenente Raul Cascais, 1-A
Tel. 661515)



AS MÚSICAS MÁGICAS
de Catherine Dasté

(Aos sábados e às quartas-feiras pelas 16 horas)

Enfim! Um espectáculo para as nossas crianças. A história de dois palhaços que percorrem o Mundo à procura das «músicas mágicas» que lhes permitirão reconstruir o seu circo. Viagem maravilhosa que a encenação (cenários, figurinos, intérpretes) torna ao mesmo tempo mágica e verosímil. Leve os seus filhos e os amigos dos seus filhos.

ADÓQUE
(Teatro Desmontável do Martim Moniz)

A GRANDE CEGADA
De Ary dos Santos, Braga Santos, César de Oliveira, Correia Martins, Ferro Rodrigues, Francisco Nicholson, Gonçalves Preto e J. Luís Gomes.

Um espectáculo divertido e alertador, como queria Brecht. Um espectáculo limpo que não evita o palavrão na hora certa, com grande poder de comunicação, cenicamente cuidado; uma palavra de força interveniente da revista à portuguesa. A ver e a rever.

TEATRO ABERTO
(P. de Espanha
Tel. 770969)

O CÍRCULO DE GIZ CAUCAIANO
de Bertol Brecht
pelo Grupo 4

Um dos grandes êxitos do teatro português dos últimos anos. Veja como um juiz justo resolve o problema de uma criança que tem duas mães, veja como é indispensável transformar o Mundo. E como é possível transformar a Vida. «O Círculo de Giz Caucasiano»: Pensar no mundo, celebrar o mundo — como quer Alfred Simon — seja a ideologia, a revolução a festa.

CENTRO CULTURAL DE SETÚBAL

I Festival de Teatro

Sábado — A MADRÁGORA



de Maquiavel, por «Os Cómicos»

Domingo — MARATONA de Claude Confortès pelo «TAS — Teatro de Animação de Setúbal»

Segunda — POR ESTES SANTOS LATIFÚNDIOS
de Guilherme Maldonado Peres
por «Os Bonecreiros»

Terça — GRUPO DE JAZZ CONTEMPORÂNEO
os «Plexus»

Quarta — S.O.S. — ESTRELECER
colagens de textos
pelo A.T.I. Histrion 70
(Galiza)

Quinta — ANTIGONA
de Anui, Brecht, Extrion 70

Sexta — TARTUFO



de Molière, numa adaptação de Carlos Wallenstein pelo TAS

teatro do bairro alto

R. Tenente Raúl Cascais 1-A (ao Rato)
Tel. 66 15 15

teatro da Cornucópia

para crianças: As Músicas Mágicas
de Catherine Dasté

Hoje às 16 horas
4.ªs-feiras às 17 horas
Sábados às 16 horas
(Para todos)

TEATRO ABERTO
P. de ESPANHA | metro PALHAVA | telef. 77 09 69

grupo 4 apresenta

O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO

de bertolt brecht



NOVO HORÁRIO:
DE 3.ª A 6.ª FEIRA
ÀS 21 e 15 H.
SÁBADO ÀS 15.30 e 21.15
DOMINGO só às 16 h.

ADÓQUE



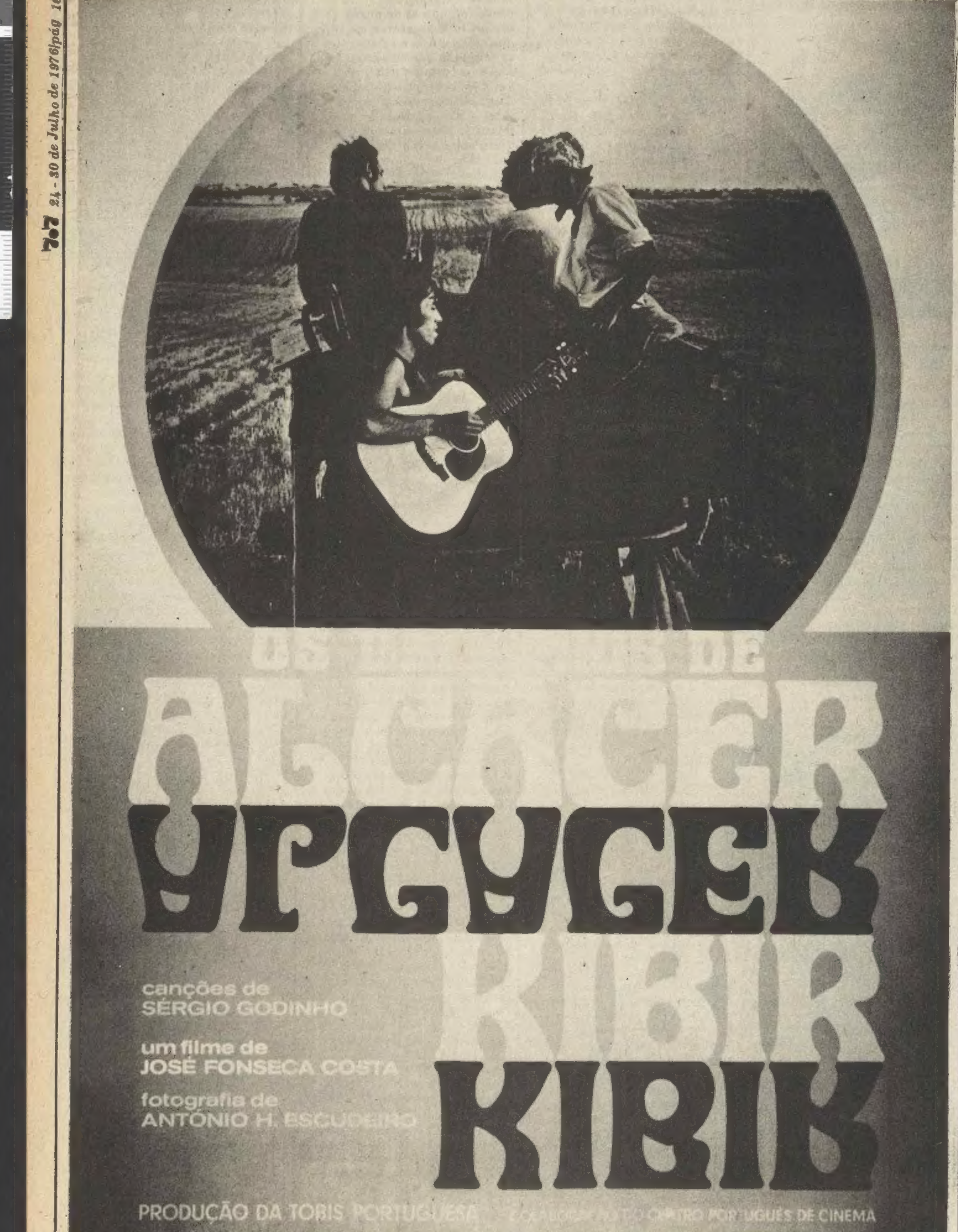
ÊXITO TOTAL!!!

Com:
ERMELINDA DUARTE
NICHOLSON
ANTÓNIO MONTEZ
HENRIQUE VIANA
MAGDA CARDOSO
MARIA TAVARES
FERN. DE OLIVEIRA

Um grande elenco faz um grande êxito!

Hoje às 20.30 e 22.30 h
(Não acons. a men. 18 a.)

4.ª FEIRA, descanso da Companhia
AMANHÃ MATINÉE ÀS 16 HORAS



CINE/PONTO

LOLA MONTE
de Max Ophüls
(França-Alemanha-1955)

O espectáculo do espectáculo no espectáculo, caminho barroco em volta de todos os cenários (como se para lá, para cá, fosse o vazio) Lola Montes é um momento fugaz de embalamento, um filme que volteia em torno da sua própria limitação de ser um fazer-de-conta embriagador

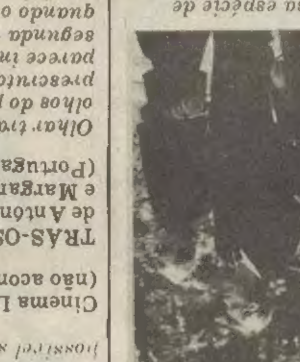


durante hora e meia. Das cortinas que sobem ou fecham aos mitos inviolados que se não atingem, este filme nega ao cinema outro usufruto que não seja o breve espaço imaginário que ele dá e avança por isso para o seu próprio questionar.

Cinema S. Luiz
(não acons. men. 18 a.)

CHOVE EM SANTIAGO
de Helvio Soto
(França-Bulgária-1975)

A emoção salta deste filme à beira do desespero e o público, evidentemente, responde em primeiro grau. O importante



é saber se essa espécie de catarse entre o arrebatado e o peigas serve para aquilo que Helvio Soto diz prosseguir: a revolução. O importante é saber-se se um filme que não analisa minimamente o que foi a experiência da Unidade Popular, que não aponta mais do que uma vaga solidariedade simplista, faz alguma coisa para transformar a realidade. Pela nossa parte achamos que não.

Cinema Nimas
(não acons. men. 18 a.)

MY FAIR LADY
de George Cukor
(USA-1964)

Uma superprodução que guarda a medida humana do seu fascinismo. Oonde Rex Harrison atinge os limites do genial cabotinismo, mimando o seu próprio limite, o seu próprio fazer-de-conta. Onde Stanley Holloway grava a ouro (e óscar) o seu nome. Onde o espectáculo atinge as raias de um delírio lúdico continuado. Ou não fora este filme uma obra saída das mãos de George Cukor.

Cinema Império
(não acons. men. 13 anos)

PATO COM LARANJA
de Luciano Salce
(Itália-1975)

Se Luciano Salce fosse um dos mestres da comédia italiana, este filme poderia visar um pouco mais alto, um pouco



mais forte. Assim, fica-se reduzido a um riso que, muito raro, chega lá do fundo, onde até Tognazzi e Mónica Vitti, não ultrapassam a limpeza profissionalista e onde apenas uma secundária, Barbara Bouchet, consegue a medida exacta da sátira que teria sido possível se...

Cinema Londres
(não acons. men. 13 a.)

TRÁS-OS-MONTES
de António Reis
e Margarida Cordeiro
(Portugal-1974/75)

Olhar trás-os-Montes pelos olhos do poeta, quer dizer, prescrutar uma essência que parece inamovível até à segunda metade do filme quando o tempo começa a caminhar e a gente se apercebe que os rostos milenares, fruto de celtas e cruzados, são os de operários, emigrantes, pastores, ou seja, dos que partem ou ficam, esperam ou desesperam. Um filme que é um acto de amor, e, como todos os actos de amor, sobrevive nos interstícios do desejo e da morte, com toda toda a força da terra por trás.

Cinema Satélite (19 h)
(para todos)

CICLO JERRY LWEIS

Não é necessário dizer muito para que se torne um sucesso mas talvez não seja descabido reafirmar a filial importância de Jerry Lweis



para o avanço do cinema e não só americano e não só no campo da comédia. Quem não acreditar tem agora a oportunidade de fazer essa simples constatação. Muito espectador «de esquerda» ficou esmagado pelo cenário cortado do último Godard e não se apercebeu que isso já estava em «O homem das mulheres». Muitos pensam ser Jerry um actor reduzido à careta facial mas nunca viram «As noites loucas do dr. Jerryl», a maior explosão do talento de Lewis. Atenção a este ciclo. Nem sempre a época de reposições é tão rica como a que estamos a atravessar. Finalmente!

Cinema Caleidoscópio

A MULHER CASADA
de Jean-Luc Godard
(França-1964)

Fragmentos de um filme rodado em 1964, lhe chamou, dentro do filme, Jean-Luc Godard. «A mulher casada» é uma das obras mais enormemente sólidas do seu autor. O que esmaga o espectador não é tanto esse rigor formal, essa precisão de enquadramento, esse requinte plástico mas apenas essa lucidez gritante, desenho meticuloso de um espaço antisséptico de onde a ouneutra está ausente, corrente estancada à beira da fruição como todos os orgasmos interrompidos. O que (nos) espanta é que alguém escreva



que este filme não é pornográfico como se fosse questão disso, é que a gente não rompa em aplausos ou em choro, é que, apesar de tudo, nos mantenhamos quedos na cadeira ao ver este filme, inflamado pelo sopro de Deus.

Cinema Satélite
(não acons. men. 18 a.)

**DECAMERON
AS MIL E UMA NOITES
OS CONTOS DE CANTERBURY**
de Pier Paolo Pasolini
(Itália-1969/73)

Um ciclo Pasolini, em tempo de reposições. Depois de Chaplin e antes de Bergman", (o próximo ciclo), a vez do mestre italiano a quem todas as censuras moralistas sempre tentaram calar. E Portugal, evidentemente, não foge a esta regra. Para quando a saída do Saló? A «trilogia da vida», assim lhe chamou Pier Paolo Pasolini, é um dos mais belos frescos jamais traçados pelo cinema, é a câmara fruindo o puro prazer, desculpabilizado,



dos sentidos, a ironia e o humor, o medo e a violência, os orgasmos totais, a força telúrica à flor da pele e no fundo da alma.

Cinema Universal
(não acons. men. 18 a.)

**TRINITÁ
COW-BOY INSOLENTE**
de B. Clucher

Em matéria de comédia, de excesso, este filme acumula alguns pontos. Porque leva mais longe o desvendar dos heróis do «western», porque trilha caminhos de puro gozo, porque nunca se leva a sério. Como se Asterix e Obelix rompessem no Oeste e a confusão fosse total.

Cinema Aviz
(não acons. men. 13 a.)

garfo, faca & guitarra

Mil e Um
(Trav. da Espera 38
tel. 36 54 64)
Maria de Fátima
Luísa Vilhena
Júlia Lopes
Luís Costa
Nina Vargas
Norberto Martinho
Rossana Lima

Cons. mínimo: 100 esc.

Lisboa à Noite
(R. das Gáveas 69
tel. 36 85 57)
Fernanda Maria
Manuel de Almeida
Nazaré
Florinda Maria
Jaime Santos
País da Silva

Américo Silva
Grupo Folclórico Vila Franca

Cons. mínimo: 150 esc.

Severa
(R. das Gáveas 51
tel. 36 40 06)
Alice Maria
Manuel Fernandes
Maria da Fé
Cons. mínimo: 125 esc.

Luso
(Trav. da Queimada 10
tel. 36 28 89)
Alzira Moreno
João Correia
António Bessa
Fernando Alvim
Grupo Folclórico

Cons. mínimo: 90 esc.

Adega Machado
(R. Norte 91
tel. 36 00 95)
Loulé Bravo
Benvinda da Cruz
Fernanda Pinto
Marina Rosa

Pina Ferreira
Alfredo Marceneiro (filho)
Grupo folclórico

Cons. mínimo: 56 esc.

Arreda
(R. Alexandre Herculano 3
— Cascais
tel. 28 38 64)
António Parreira
Francisco Gonçalves
Lucílio
Júlio Ribeiro

Eventualmente, o cartaz é enriquecido pela colaboração de outros fadistas profissionais convidados a subir ao palco.

Cons. mínimo: 60 esc.
aos sábados: 70 esc.

Faia
(R. Barroca 56
tel. 36 93 87)
Lucília do Carmo
Carlos do Carmo
Maria Albertina
Maria do Rosário

Arminda da Conceição
Moniz Trindade

Cons. mínimo: 115 esc.

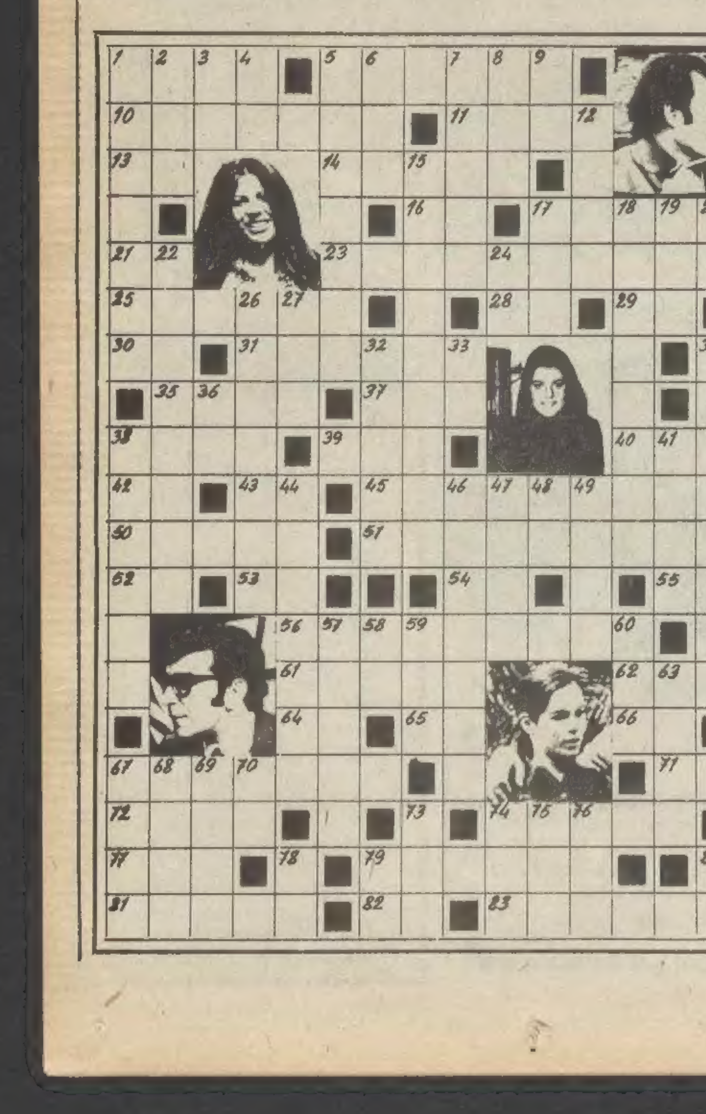
Márcia Condessa
(Praça da Alegria 38
tel. 36 70 92)



Márcia Condessa
Teresa Nunes
Beatriz Fragoso
Fernanda Machado
José Luís
António Reis

Cons. mínimo: 56 esc.

palavras cruzadas



HORIZONTAIS:

1/5/17, Popular locutor da T.V. e Rádio. 10, O mesmo que amourar. 11, Naco. 13, Governador de província na Pérsia. 14, Invólucro do crânio. 16, Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. 21, Escândio (s.q.). 23, Final. 25, Popular cançonetista francesa, que, no início da sua carreira fez época com o cabelo preso em dois «totós». 27, Osmio (s.q.). 29, Pronome pessoal. 30, Duas vogais desiguais. 31, Mastigar sem engolir. 35, Mais mau. 37, Guarneço de asas. 38, Primeiro rei dos Hebreus. 39, Senhores. 40, Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. 42, Preposição latina que designa movimento. 43, Prefixo que designa afastamento. 45/67, Estrela cinematográfica filha dum grande astro do cinema mudo e actualmente casada com o realizador espanhol Carlos Saura. 50, Embrião que se torna livre abandonando normalmente os invólucros ovulares ou o organismo progenitor. 51, Penosas (fig.). 52, Artigo definido. 53, Actínio (s.q.). 54, Protactínio (s.q.). 55, Nota musical. 56, Auxiliarias. 61, Contracção da preposição em e o artigo indefinido uma. 62, Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. 64, Alumínio (s.q.). 65, Isolado (inv.). 66, Reis. 71, Cálcio (s.q.). 72, Embebe em iodo. 74/81, Actriz teatral que ficou na memória pelo seu papel na peça «O Milagre de Ann Sulivan». 77, Poeta contemporâneo autor da canção «Desfolhada». 79, Corsário. 82, O mais. 83, Primeira parte do nome da freguesia do concelho de Benavente.

VERTICAIS:

1, Ruisse (Prov.). 2, Pronome indefinido. 3, Flauta chinesa de três buracos. 4, Silício (s.q.). 5, Golpes de faca. 6, Raiva. 7, Povoar abundantemente de animais (e especialmente de parasitas). 8, Voz do mocho. 9, Era cristã. 12, Instrumento musical de sopro. 15, Fizessem serão. 17, Siglas de um partido político. 18, Disfarçais. 19, O mesmo que três. 20, Preposição e artigo. 22, Bofetadas. 26, Sacrificava. 27, Família. 32, Peso. 33, Letra grega. 36, Género de palmeiras do Brasil. 38, Rústico. 41, Nome científico do pato. 44, Festim dissoluto. 46, Roçasse. 47, Sulcar a terra. 48, Duas consoantes desiguais. 49, Moeda antiga de Castela. 57/34, Cantor espanhol com maior êxito fora das fronteiras do seu país. 58, Artigo indefinido. 59, Rio de Portugal. 60, Ribeira de Portugal. 63, Tira de fígado temperada e frita. 67, Remam para trás. 68, Ensejo (fig.). 69, Acrescentar. 70, O mesmo que bétele. 71, Centiare. 73, Humilde. 74, Fluido aeriforme. 75, Joeira. 76, Tempo do verbo ir. 78, Letra árabe. 79, Terceira letra do alfabeto arábico-persa. 80, Batráquio.

Solução na pág. 22

PONTO, contra PONTO

TRÓIA — CENTRO DE FÉRIAS DA JUVENTUDE
Dia 24 às 21 h.

Quarteto de sopros

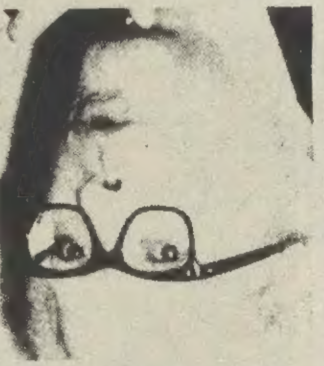
Flauta: Carlos Franco
Clarinete: Franco Pezzulo
Trompa: Adácio Pestana
Fagote: Álvaro Machado

Obras de Rossini

TRÓIA — CENTRO DE FÉRIAS DA JUVENTUDE
Dia 27, às 21 h.

Grupos de Metais de Lisboa

Obras de Stanley
Pestana
Suosko-Borovsky



Lopes-Graça
Lohman

CASCAIS
Cine-Teatro S. José
Dia 25, às 21.30

ORQUESTRA GULBENKIAN

Joly Braga Santos:
«Concerto para cordas»

Weber:
«Concerto para clarinete»

Debussy:
«Primavera Rapsódia para clarinete»

Granados:
«Intermezzo»
Manuel de Falla:
«El Amor Brujo»

Orquestra Gulbenkian
Clarinete: Artur Moreira
Direcção: Silva Pereira

Depois de dois concertos de indiscutível interesse cultural — o realizado pela Orquestra de S. Carlos, com colaboração de Helena Costa e direcção de Álvaro Salazar, e aquele em que participou o notável duo de flauta e guitarra de Marianne Clément e Raul Sanchez — o festival promovido pela Junta de Turismo da Costa do Sol, com patrocínio da Direcção-Geral da Acção Cultural, prossegue com este concerto pela Orquestra Gulbenkian, que terá o seu crédito a colaboração de um solista e de um maestro dos mais experimentados.
O concerto em ré para cordas é considerado, porventura, uma das mais frescas e inspiradas obras de Joly Braga Santos.
Artur Moreira demonstrará certamente uma vez mais a sua categoria na interpretação do concertino de Weber — percursor do romantismo alemão — e na Rapsódia de Debussy, uma obra do impressionismo francês.
Depois, a finalizar, teremos duas incursões na música espanhola, dentro da mesma linha de descendência estética, baseada nas raízes folclóricas: Granados e Manuel dos Falla. Do último, cujo centenário se comemora este ano, ouviremos, suite para orquestra extraída de uma das suas obras-primas: o bailado «El Amor Brujo».

Coliseu
Dia 29, às 21.30

CONCERTO CORAL-SINFÓNICO

Owen Reed:
«La Fiesta Mexicana»

Tchaikovsky:
«Abertura 1812»
Vitorino de Almeida:
«Sinfonia Concertante»

Banda da GNR
Orquestra da Radiodifusão

Coro Gulbenkian
Doze Zés-Pereiras
Piano: Olga Prats
Direcção: Ten. Alves Amorim e Álvaro Cassuto

Eis um concerto dos que enchem o olho e o ouvido. Vai ser, sem dúvida, um Grande Festival de desvairados sons, que porão à prova a resistência das paredes do velho Coliseu.
Acerca da obra de Owen Reed nada podemos adiantar.
Mas, sobre a Abertura 1812, uma das mais populares obras de Tchaikovsky vale a pena lembrar que se trata de um grande fresco sinfónico de exaltação da luta do povo russo contra o invasor napoleónico: no final o tema da «Marselhesa» é como esfrangalhado pelo ímpeto das forças patrióticas. Entre os instrumentos de percussão que farão estremecer o Coliseu, figuram peças de canhão (autênticas).
O concerto termina com uma



obra também de grande efeito, da autoria de Vitorino de Almeida. A «Sinfonia Concertante» foi composta expressamente para o I Festival de Vilar de Mouros tendo então obtido assinalável êxito. É de salientar que nesta obra irão intervir a Orquestra da RDP, a Banda da GNR, o Coro Gulbenkian, pianista Olga Prats e doze Zés Pereiras (estes também autênticos). A direcção estará a cargo de Álvaro Cassuto.

CONVENTO DO CARMO
Dia 30, às 21e30 h

BANDA DA GNR

Zeltser:
«Marcha Solene»

Wagner:
«Mestre Cantores»

Hussla:
«2.ª Fantasia Portuguesa»

Hovhaness:
«Sinfonia n.º 20»

Ravel:
«Bolero»

Banda da GNR
Direcção: Alves Amorim.

Mais música ao ao livre pela Banda da GNR. O ponto de maior interesse do programa — no que se refere à eficácia estética da transcrição — é o «Bolero» de Ravel.



GIRA-DISCO

Rory Gallagher: Uma carreira a solo

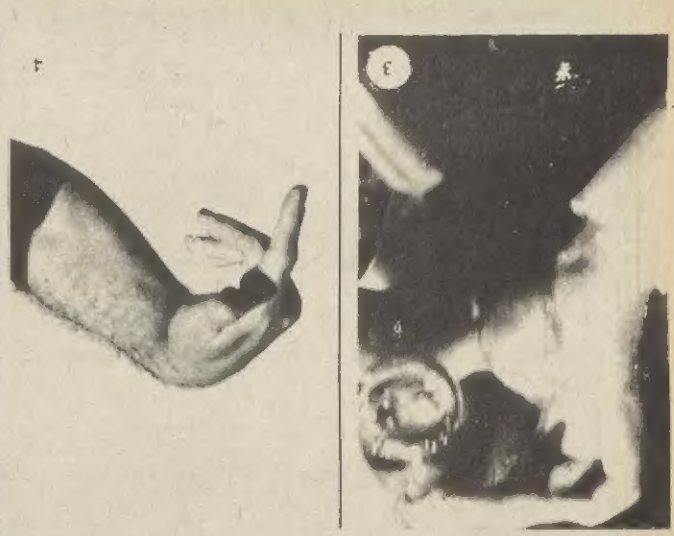
Rory Gallagher é um famoso guitarrista irlandês. Obteve a sua primeira viola aos nove anos e tornou-se profissional aos quinze. Depois de ter tocado em vários grupos estudantis formou os Taste, conjunto que obteve algum sucesso não só pela técnica e imaginação de Rory, mas também pelo trabalho de John Wilson (bateria) e Richard McCraken (baixo), que mais tarde formariam os Stud.
Os Taste separavam-se em 1971, depois de terem gravado dois álbuns em estúdio «Taste» e «On The Boards» e dois LP's ao vivo — «Live Taste» e «Taste live as island of Wight». Todos estes trabalhos têm como características dominantes os Blues, onde Gallagher se sobressai como cantor, como compositor e principalmente como solista, o que lhe deu bastante popularidade nos meios de «rock» não só britânicos como também europeus.
Depois de 1971 Rory Gallagher resolve seguir uma carreira a solo. Edita então o seu primeiro trabalho sob o título «Rory Gallagher» e que é um dos seus melhores álbuns. Ele pretendia ir mais além que nos Taste, o que, em certa medida conseguiu. Rory mostra-se já um guitarrista cheio de «feeling» e principalmente cheio de vontade de fazer boa música.
Segue-se o LP «Deuce» que antecedeu o famoso «Rory Gallagher Live in Europe» que tem uma enorme aceitação do público. Com este terceiro trabalho a solo inicia-se uma certa decadência musical de Gallagher.
Os álbuns e as composições seguintes reflectem um estado (um tanto ou quanto) de desnorteamento musical. Ele compõe músicas comerciais, que nem sempre saem como ele desejaria. Aproveitando toda a sua técnica ele vai levar certas camadas de público ao delírio, ao mesmo tempo que começa a ser criticado pelo seu antigo auditório. Depois de «Irish Tour'74», onde o exibicionismo predomina, ele muda de etiqueta (agora grava na Chrysalis) e edita novo álbum «Against the Grain», onde a música se encontra muito mais cuidada e trabalhada. Rory parece, aqui, muito mais seguro tanto no campo do «rock» («I Take What I Want»), como nos Blues e como no Country. «Ou on the Western Plain» é, em nossa opinião, a melhor faixa do disco; é extraordinária a utilização da viola de caixa, das percussões e da guitarra eléctrica. Rory conta com a colaboração de Lou Martin (teclas), Gerry Mcavoy (baixo) e Rod de'Ath (bateria e percussão).



As mãos pelos pés

Trata-se de um passatempo. (Não confundir «as mãos pelos pés» com «os pés pelas mãos»). O leitor só tem que identificar os «donos» destas mãos. Damos-lhe algumas pistas: 1 — Um deles disse «Não temermos o juízo da História», e o outro «Será de tentar a recuperação dos jovens estudantes para o processo revolucionário»; 2 — O que mais tem falado nas últimas semanas; 3 — Há um mês, em Faro: «Vão trabalhar»; 4 — Ao «DL»: «O regime (fascista) não se aguentaria mais de oito ou dez meses...»; 5 — Na Trafaria: «Os gajos, pá...».
(Sol. pág. 22)

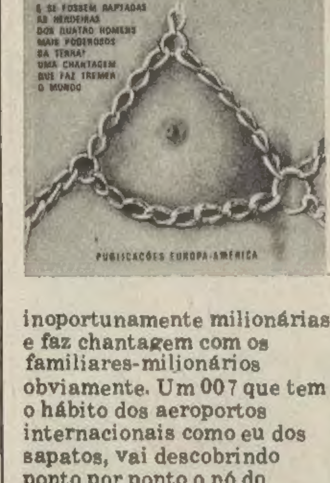




aPONTO e vírgula

ROSEBUDA COM RABO DE FORA

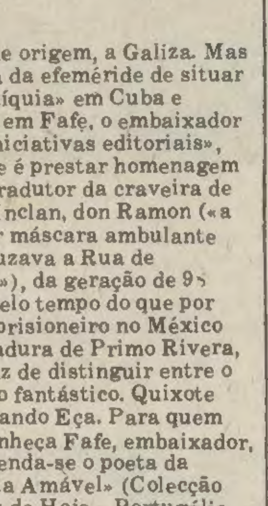
«E se fossem raptadas as herdeiras dos quatro homens mais poderosos da terra? Uma chantagem que faz estremecer o Mundo». E foram. E dizem que houve chantagem. E dizem os autores que o Mundo tremeu. Enfim...Estamos a referir-nos ao livro «Rosebud» (a palavra-mistério no Citizen Kane) publicado pela Europa-América. É um livro exemplar pelas referências culturais, pela ideologia de direita em que se manifestam a acção e a linguagem. Assim, um grupo de «feddayns» arma em «kamikazis». Rapta cinco pequenas insonsas (quatro das quais



inoportunamente milionárias) e faz chantagem com os familiares-milionários obviamente. Um 007 que tem o hábito dos aeroportos internacionais como eu dos sapatos, vai descobrindo ponto por ponto o nó do problema. Sem reticências, o Laurent 007 obriga às seguintes conclusões: os judeus são uns grandes incompreendido nisto tudo, embora a sua competência técnica não caiba em limites e a sua prática democrática não seja contestável, sob pena de um «raid» retaliativo. A extrema-esquerda é de uma ambiguidade que desconforta o «nosso» James Bond. Eles o que querem é estragar a vida aos governos e moer a pinha aos «chuis» — conclui o 007. Livro que aparece em tempo de férias, de leitura fácil, os códigos em que se *revela* são extremamente perigosos e reaccionários. Sub-literatura, que dispensa a banda desenhada, remete-nos para o mundo das — os «feddayns» são suicidas, logo um projecto e uma luta sem futuro; os judeus que foram vítimas dos nazis são-no agora dos palestinianos e o leitor desprevenido tira de imediato as ilações sem se aperceber da comparação viciada logo do início. Repare-se como em nome de uma linguagem *neutral* (objectiva dir-se-ia na informação...) é feito o elogio do sionismo em luta contra o pretenso anti-sionismo, elogio expresso com sinal diferente não propriamente contrário. Aconselhamos vivamente o leitor que procure outras paragens. Se vir o livro, com a capa representando uma mama acorrentada, vença a tentação — mesmo que esteja em férias, cheio de sede, mesmo que esteja por tudo, não o compre. Só que nos dói que um dos autores, Joan Hemingway, faça finca-pé em afirmar que é neta do autor «Por Quem os Sinos Dobram». Não acreditamos. Deve ser um mal-entendido. Já que mais não seja pelo profundo respeito que temos a Ernest Hemingway.

EÇA EM CUBA

Com tradução de don Ramon del Valle-Inclan, saiu em Cuba, a segunda edição de «A Relíquia» de Eça de Queirós na colecção Biblioteca del Pueblo. O facto além de nos fazer reflectir na acção que J. Fernandes Fafe desenvolve como embaixador em relação à expansão da cultura portuguesa entre o povo cubano, faz-nos revisitar a figura sedutora de don Ramon e meditar nos «encantos» e benefícios do provincianismo político tão presente no nosso quotidiano de que Eça é o cronista esterilizado. De «A Relíquia» num Médio Oriente em que o camelo e o «espinho» da coroa de Cristo foram substituídos pelos tanques de Israel e pelos «feddayn», pouco será necessário dizer. Relê-lo é um bom exercício. Higiénico. Don Ramon (Valle-Inclan), galego, sem um braço, quixotesco, estandarte da boémia literária e de um certo conceito de artista, diria efectivamente que ler «A Relíquia» é saudável. Ele Valle-Inclan que os críticos teimam em estudar em três fases na forma e nas influências (leia-se Júlio Casares) foi «pressionado» por Eça. A sua segunda fase literária é tìpicamente queiroseana. É certo que acabaria em D'Annunzio (esteticamente) e por morrer, como os elefantes, na



terra de origem, a Galiza. Mas para lá da efeméride de situar «A Relíquia» em Cuba e pensar em Fafe, o embaixador das «iniciativas editoriais», tocante é prestar homenagem a um tradutor da craveira de Valle-Inclan, don Ramon («a melhor máscara ambulante que cruzava a Rua de Alcalá»), da geração de 98 mais pelo tempo do que por facto, prisioneiro no México na ditadura de Primo Rivera, incapaz de distinguir entre o real e o fantástico. Quixote passeando Eça. Para quem não conheça Fafe, embaixador, recomenda-se o poeta da «Poesia Amável» (Colecção Poetas de Hoje – Portugália Editora); para quem don Ramon é um ilustre desconhecido está ainda a tempo de ler «As Divinas Palavras»; para quem Eça não deixou de ser ainda Queirós, insista, na canícula, num profundo e demorado mergulho. Se encontrar algum dos seus conhecidos (na Imprensa, na Televisão, na Política) n'«Os Maias» não estranhe mudar os hábitos é o que mais custa numa Revolução. Se em «A Relíquia» o conflito israelo-árabe não se vislumbra, nem por isso considere raposo-raposão e a titi-em-saliva-instantânea personagem de ficção. Leia Eça (em espanhol via edição cubana é só registo) e tire o chapéu a Valle-Inclan, a don Ramon das «Chaves Líricas», de um fim e princípio de século abusivos e com um real sem limites. Para que conste: Convidado pelo Governo francês, Valle-Inclan visita a França e na frente de Verdun lança uma imponente diatribe aos alemães. Corria 1936 quando don Ramon, o tradutor de Eça o homem repartido entre a sua Galiza e a América do Sul, faleceu em Santiago de Compostela. Sem cabacinha, mas peregrino «de rosto espanhol e queVedesco, de negra cabeleira e longa barba» — assim se autodefiniu. Franco estava terrivelmente próximo.

EMMANUELLE TEÓRICA

Lançado alí mais de um ano, não mereceu do público procura que lhe esgotasse a edição: «Hipótese de Eros», de Emmanuelle Arsan. Nada de surpreendente. A ficção da autora vende-se, e sabe-se porquê. Ora esta «hipótese» é diferente. Sem hesitar muito, poderíamos dizer que é um livro de reflexão. As referências culturais são mínimas, senão mesmo nulas. Mas falamos de referências explícitas. Os textos são inteligentes na sua escrita nítida e clara, talvez um pouco demasiado fáceis na sua elaboração. Mas estão aqui, cremos, tal como foram dados a ler ao público avulsamente na Imprensa. Tudo quanto Emmanuelle Arsan pretende é — ela própria diz — «procurar como procuram aqueles que devem achar, e achar como acham aqueles que devem continuar a procurar». Em férias, leitura de *relax*. Há quem considere que a ficção de Emmanuelle («Emmanuelle», «Anti-Virgem», por exemplo» é trabalho de qualidade. Há quem considere que não. Tenha o leitor e opinião que tiver. (Arcádia).



Barmen portugueses nos "Copos Olímpicos"



Acusações tremendas, de fazer gelar um brandy em balão aquecido, atingem os barmen portugueses. Concretamente, eles vêm sendo acusados de «ser» uma profissão «capitalista» ou, pelo menos, fortemente ligada ao paladar dos ricaços. Uma actividade prostituida, subserviente, com travo a fascismo: «O senhor engenheiro quer mais gelo?», «o senhor doutor está hoje de má cara...», «o senhor professor permite-me que lhe sirva um vodka ou um martini filtrado em rodela de ananás?» «Vossa Excelência, Senhor Ministro, prefere um cherry com limão e gotas de angustura?».

E, no entanto, quando surgiu o 25 de Abril, apareceram jovens barmen a agitar o «shaker» com novos cocktails, baptizados à cadência de um processo que apontava Revolução. A clientela era a mesma (que o Bar ainda não foi socializado) mas as propostas, essas, eram muito irritantes: «Quer experimentar uma Vila Morena?» ou «posso preparar-lhe um Primeiro de Maio?» ou ainda «que tal um Portugal livre?»

Para onde vão os barmen deste País?

Bom, para já, eles fazem as malas e preparam-se para o Campeonato do Mundo que se realizará em S. Vicente, a 50 km de Milão. Vão discutir cocktails ombro-a-ombro, copo-a-copo, com os melhores barmen de 27 países.

ABP
O gigante com pés de Bar

O Presidente da Associação Barmen de Portugal, Luís Costa Pereira, defende-se de algumas acusações e garante-nos que os barmen portugueses sempre foram antifascistas; que o que se passa é que estes profissionais são obrigados, por força da própria actividade, a um contacto constante com a elite dos hóteis — «não é uma posição política, é uma posição económica»; que em 72 Portugal tinha o melhor serviço hoteleiro do mundo e que, em 74, o nível desceu aos mais baixos da Europa. «Menos no BAR!».

Depois, os dirigentes da ABP procuram justificar a sua «permanente ausência» de quaisquer manifestações de carácter político: «A Associação mantém-se apolítica desde a fundação. Podemos dizer que nunca ali (o dedo a apontar o mastro) foi içada a bandeira de um partido político». Nem CDS, ndm PPD ou PS ou PCP ou UDP. Só a da ABP (leia-se Associação Barmen de Portugal) que representa 750 «militantes» no continente e ilhas.

Avançando pelo bar adentro não se pode dizer, com propriedade, que para os barmen trabalho é trabalho, cognac é cognac. Porque o trabalho dos homens-bar passa justamente pelo cognac, vermouth, whisky, gin, rhum, vodka, etécétera, e hortelã para alguns cocktails.

Política à parte, a fama dos barmen portugueses é assim como a do Constantino, já vem de longe. Amontoam-se os troféus conquistados lá fora. Da última vez, foi o Prémio Internacional Martini cuja competição era reservada a jovens até aos 25 anos. O Arlindo de Freitas saíu do maior viveiro do país (o Funchal) meteu-se a caminho da Itália, não viu o Papa mas regressou com a benção do júri que ficou, mais uma vez, a beber cocktails com travo madeirense.

Entretanto, reconheça-se que é longa e ruidosa a caminhada de um candidato a barman: o reconhecimento deste profissional pelo seu Sindicato passa por largas dúzias de copos partidos, cocktails com sabor a sapatos de ténis (que o estagiário não sabe explicar) alguns bules de chá em pequenino e paciência de criar bicho.

Quatro anos depois, a diferença entre um mortal empregado de bar e um barmen reside, antes do mais, num copo escrupulosamente limpo.

DÁ-ME UM «PORTUGAL LIVRE?»

Se a ABP insiste em manter-se apolítica (o que não é possível, nem aqui nem agora) já o mesmo não aconteceu com alguns dos seus «militantes». O 25 de Abril mexeu com muitos barmen decididos a participar com a sua arma — o «shaker» — na construção de um Portugal novo.

É assim que aparece o João Manuel Rodrigues, barman do Grémio Literário, com o seu «Vila Morena», nome de baptismo de um cocktail que mete whisky, 1/4 de Benchmark (ou escocês) 1/4 de Dubonet, 1/4 de Martini dry, 1/4 de Grand Marniga e gotas de sumo de limão. Decorado com ginja. Mistura-se no «shaker».

Um concurso do Anis Dómuz (passe a publicidade) oferece aos barmen novas possibilidades de intervenção. E surgem novos cocktails: «25 de Abril», «Cravos Vermelhos», «Cravos da Vitória», «Portugal Livre». A receita deste último: um cálice de anis Dómuz, seis gotas de angostura, uma rodela de limão, em copo long-drink. Gêlo. Acaba-se de encher com cola.

Entretanto, e para que todos os portugueses tenham acesso ao bar, torna-se indispensável a socialização do dito. De outra forma, teremos o «Portugal Livre» na garrafa e o barmen a trabalhar, apenas e ainda, para alguns clientes: «O senhor engenheiro dá licença?...».

A TAP C'OS COPOS

Segundo a ABP, algumas passadas vão ser dadas, na divulgação das bebidas nacionais. É o caso da TAP, por exemplo, que a partir de Outubro distribuirá pelos passageiros umas garrafinhas miniatura (bebidas nacionais) para que cada um prepare o seu cocktail. (Atenção ao «Portugal Livre», que é uma bebida tremenda!)

Mais significativa ainda, será a inclusão, próxima, nas ementas de todos os restaurantes, de cocktails com bebidas «da casa». Medida obrigatória.

Trata-se de arrancar com as bebidas nacionais, cuja promoção e consumo tem de começar por Portugal para acabar, só depois, na exportação.

CAMPEONATO DO MUNDO

Enquanto os copos vão e voltam, três barmen portugueses preparam-se para o Campeonato do Mundo, em Setembro, S. Vicente (Itália). Levam na bagagem a carga de um prestígio semelhante ao do Carlos Lopes nos quinhentos metros ou dos hóquistas nacionais nos bons tempos das grandes finais de Montreux. São o José Diniz Pereira, o Tony Fernandes e o Manuel José Rodrigues.

Pela sua parte, o Diniz Pereira leva no «shaker» o cocktail «Luísa»: 4/10 Rhum Bacardi, 3/10 Parfet Amour Marie Brizard, 3/10 sumo de ananás fresco, uma gota de clara de ovo. É tudo batido e depois decorado com meia rodela de limão e uma cereja verde. (Guarde a receita, que pode ser classificada como a do melhor cocktail de sempre).

É claro que neste campeonato, o Tony Fernandes terá uma palavra a dizer. Os colegas chamam-lhe «aquela máquina».

O Manuel José Rodrigues deu ao seu cocktail o nome do filho, «Michael», que faz 7 anos justamente em Setembro, quando o pai estiver a 50 quilómetros de Milão a misturar 6/10 de whisky Mackinlay's, 2/10 de aniz Bal's, uma cereja e uma folha de hortelã.

Para apoiar a equipa, a Associação Barmen de Portugal organiza uma excursão. Entendeu-se que os três portugueses deverão receber apoio moral de uma torcida (atenção ao sentido figurado!) que os anime a preparar o short-drink em cinco minutos, como manda o regulamento.

